

Colecção «Biografias»

O CALÓ

Por Gabriel Bosco, S. D. B.

es

1960

EDIÇÕES SALESIANAS

RUA DR. ALVES DA VEIGA, 128

PORTO

VISTO PELA CONGREGAÇÃO SALESIANA

LISBOA, 24 - 1 - 1960

P. Armando da Costa Monteiro

PROVINCIAL

PODE IMPRIMIR-SE

PORTO, 15 DE JUNHO DE 1960

Monsenhor Pereira Lopes

VIGÁRIO GERAL

COMPOSTO E IMPRESSO NA

ESCOLA GRÁFICA SALESIANA IMACULADA CONCEIÇÃO
RUA PINTO BESSA, 555 - TELEF. 53108 - PORTO

*À JUVENTUDE PORTUGUESA
QUE AINDA CRÊ
NO PODER DA GRAÇA
E DA VONTADE*

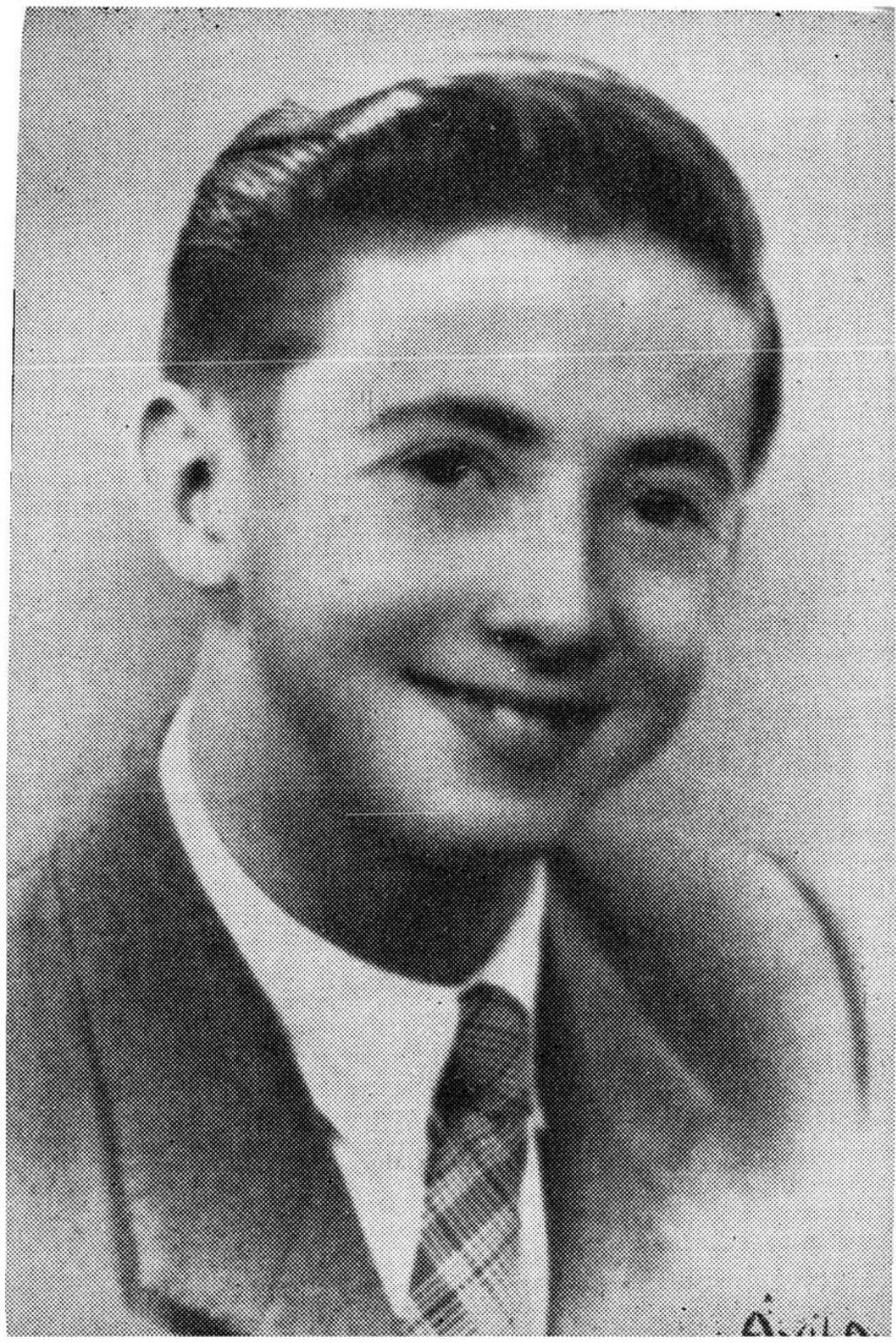
*O. D. C.
O AUTOR*

*PORTO, 15 DE AGOSTO DE 1959
FESTA DA ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA*

Declaração

Em conformidade com os decretos de Urbano VIII e da S. C. dos Ritos, declaramos não querer antecipar-nos ao juízo da Igreja em relação às virtudes aqui apontadas.

O AUTOR



O sorriso feliz do Fernando Caló.

Palavras de apresentação

Longe estavam os Salesianos portugueses de pensar que tão cedo haviam de escrever a biografia dum seu aluno. A Providência Divina, que tudo acompanha e dirige com maternal carinho, assim o permitiu em Seus insondáveis desígnios.

Quis o Pai do Céu arrancar ao doce convívio dos parentes, superiores e alunos das Escolas Profissionais Salesianas — Oficinas de S. José, de Lisboa, no dia 26 de Junho de 1956, um jovem de 17 anos — o Fernando Caló. Frequentara este estabelecimento de educação e ensino de 1950 a 1956, onde aprendeu o curso de tipógrafo compositor. Os últimos dias da sua existência terrena revelaram-nos a grandeza da sua alma e inspiraram a redacção deste livro. Ouviram-se os colegas que privaram com ele mais de perto. Apareceram depoimentos eloquentes, observações perspicazes, qualidades e defeitos desconhecidos de muitos dos superiores. A este juntou-se outro material não menos precioso: os diários espirituais, os rascunhos das palestras e cartas e a agenda pessoal. Por tudo isso se vê que o Caló era um rapaz que sabia querer e sabia organizar a sua vida.

O autor Gabriel Bosco, servindo-se desses elementos, redigiu com o seu estilo peculiar e mais ainda com o seu coração a vida do pequeno herói.

Os inúmeros e desmedidos trabalhos que o assoberbaram, impossibilitaram-no de recolher mais factos e testemunhos doutros conhecidos e amigos do nosso brioso aluno. Espera fazê-lo mais tarde, se esta edição merecer a simpatia da mocidade e das famílias da nossa terra.

* * *

Assisti em Maio de 1957 na Escola Salesiana do Estoril a um pequeno Congresso em honra de S. Domingos Sávio para comemorar o aniversário de sua morte.

O encerramento teve brilho e entusiasmo desusado, com a presença ilustre e a palavra inflamada do então Núncio Apostólico, hoje membro preclaro do Sacro Colégio, o Eminentíssimo Cardeal D. Fernando Cento e do Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo de Cízico D. Manuel Maria Ferreira da Silva. A vibrante alocução do Em.mo e Rev.mo D. Fernando Cento exaltou a figura de S. Domingos Sávio e, no final, com surpresa de todos, referiu-se ao nosso Caló. (1)

(1) — *Ler nota no final.*

Numa das reuniões do Congresso levantou-se um jovem dos seus 16 para 17 anos. As suas intervenções surpreenderam a assembleia. — «Como podemos imitar Domingos Sávio, se ele não viveu a nossa idade, o nosso ambiente, as tentações que nos cercam? Ele duma família religiosa, educado até aos 12 anos num lar modelo duma aldeia. Não conheceu as praias e os cinemas, não viu revistas e cartazes provocadores, não passou pela nossa idade e não sofreu os embates das ocasiões perigosas em que nos encontramos hoje noite e dia. Eu queria ver se ele vivesse onde nós vivemos... se podia subir tão alto!»

A esse estudante e a tantos outros, que podem ter igual desabafo ao conhecerem as virtudes de Domingos Sávio, responde agora o nosso Calói nado em Setúbal e criado em Lisboa e no Estoril, no meio das mesmas ocasiões e perigos: «É possível imitá-lo. Basta querer e saber valer-se dos meios que Jesus, Mestre divino, instituiu e a Igreja põe ao nosso alcance». Lede, pois, a sua vida. E se o exemplo deste émulo de S. Domingos Sávio vos despertar na alma desejos fortes e duradouros de arrancada para a virtude, dar-se-á por satisfeito e bem pago pelo seu trabalho o autor desta biografia. São também os votos ardentes dum vosso amigo que intimamente conheceu, como o autor do livro, a bela alma do Caló.

.....

Hoje, à distância de anos, após o seu desaparecimento, parece-me vê-lo ainda a correr e sorrir sempre, no trabalho e no estudo, a expandir-se com o seu Director espiritual e a abrir-lhe a alma para pedir um conselho e saber como vencer as tentações e dificuldades.

Creio que o Caló bem pode servir de modelo aos alunos salesianos de Portugal e à juventude do mundo inteiro, pois imitou bem de perto em todos os pormenores o incomparável adolescente S. Domingos Sávio, aluno do grande e imortal educador S. João Bosco. Sabemos por experiência de que heroísmos são capazes os jovens que crêem em Deus e a Ele recorrem nas horas tempestuosas da sua adolescência.

24 de Janeiro de 1960

P. Armando da Costa Monteiro

(¹) «*Felicito-vos, antes de mais nada, por haver sido educado em Portugal um fiel émulo e constante imitador de S. Domingos Sávio, o saudoso Fernando Caló*» (A VOZ, de 5 de Maio de 1957).

Em vez de prefácio, um ramo de flores...

Na minha frente, uma senhora vestida de luto rigoroso. Veste assim já há anos: parece que a morte do filho lhe enlutou para sempre o coração e o desapegou totalmente do mundo, como aquelas almas religiosas, que vivem só a pensar em Deus e a suspirar pelo Céu.

Fala-me do Fernando. E enquanto ela fala, no meu espírito desdobra-se um filme, no qual se descobre e admira a Providência divina: mal sabe aquela mãe, que ao pobre padre que está na sua frente, descobriu o Fernando os grandes segredos da sua alma, e, entre eles, as ânsias e as alegrias que a conversão da sua mãe despertaram ao filho.

Havia muito que o Caló rezava, para alcançar do bom Deus que a sua mãe se confessasse. Um dia, veio ter comigo, a dizer-me:

— Senhor Padre, a minha Mãe vem amanhã confessar-se. Ajude-a.

E a mãe veio. E o abraço de Deus, que o filho alcançara para a mãe, havia de prendê-la para sempre à Fé.

Fora isto nas Oficinas de S. José de Lisboa, ou sejam as Escolas Profissionais Salesianas, onde D. Bosco encantou o espírito generoso do Caló, e onde ele quis enfileirar garbosamente entre os melhores alunos do grande génio da Pedagogia, continuada pelos seus Filhos.

A centralização dos serviços da imprensa salesiana no Porto trouxe de Lisboa aquele Padre, e ele não acompanhou mais a ascensão do Fernando. Mas a Providência risca sàbiamente, e com uma ternura delicadíssima, os seus rumos. E no trigésimo dia do seu falecimento, foi ainda esse padre que teve a consolação de celebrar a missa de sufrágio por alma do querido Fernando.

Lembro ainda a comoção com que subi naquele dia os degraus do altar. Não se pode pensar sem um estremecimento que se vai celebrar missa por uma alma, que tão ardentemente suspirou, como o ideal mais alto e mais forte da sua existência, também um dia estar ali sobre a pedra de ara a oferecer-se com Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, para a salvação das almas.

Por baixo do altar havia durante essa missa um vaso com açucenas. Era o coração puro do Fernando, que o padre tão bem conhecera, que estava ali presente. E naquela missa lembrei-o, lembrei o seu sonho, lembrei a sua mãe que tanta consolação lhe deu ao ir naquele dia confessar-se, lembrei o pai, que o Fernando tanto desejara ver também a receber a absolvição e o abraço da misericórdia de Deus na terra, mas que não chegara a ver...

— *Fernando, agora no Céu ser-te-á mais fácil conseguires o teu desejo e continuares o teu apostolado! — era esta uma das intenções do sacerdote ao celebrar...*

E passaram alguns anos... E eis que, na minha frente, vejo agora, ainda de luto, com o Fernando na alma e a alma dada a Deus, a sua mãe, a falar-me do Fernando, a dar-me para este livro os elementos da sua infância, que só ela pode conhecer, porque só as mães guardam no coração os beijos inocentes dos seus filhinhos...

E bendigo a Providência divina pelas suas coincidências, pelos mimos da sua Bondade sobre as almas!

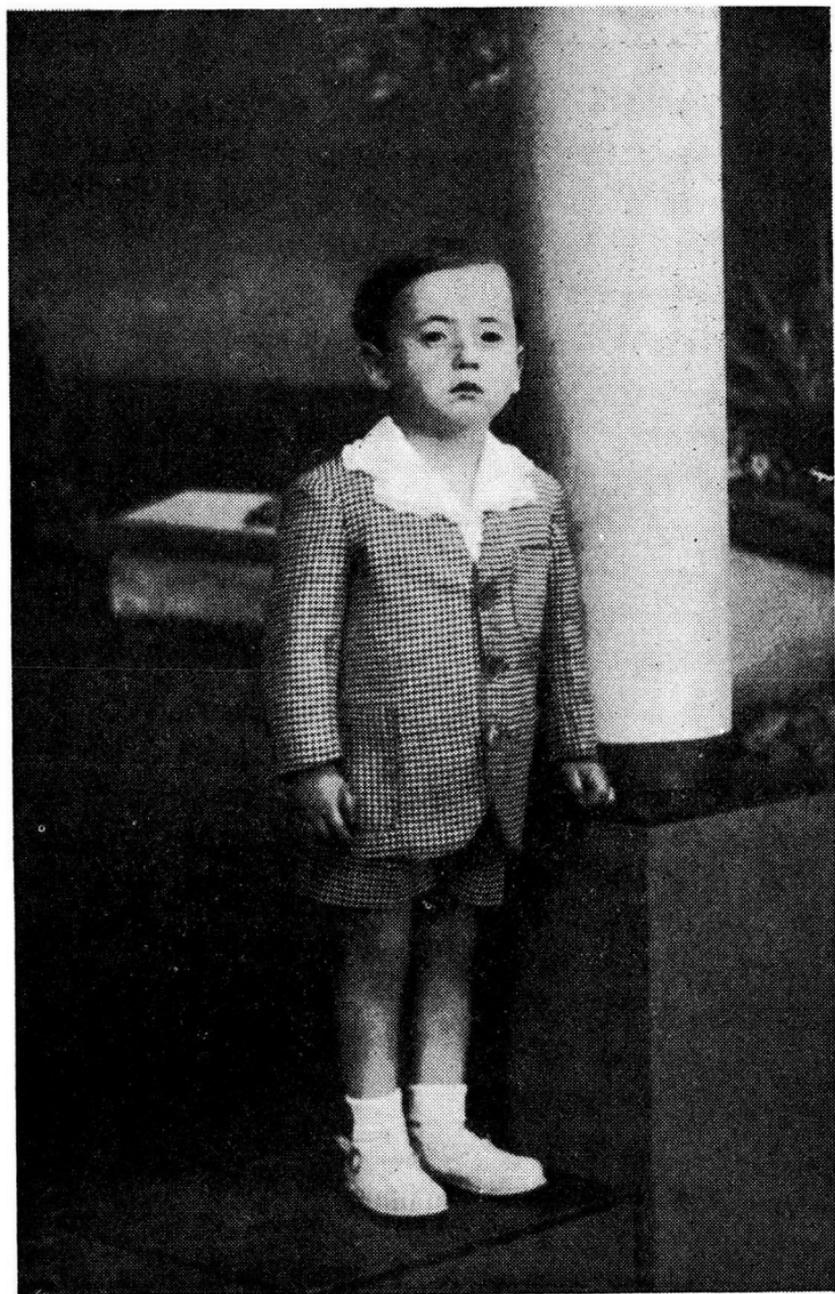
E é assim, bendizendo e dando graças a Deus, que quero começar a biografia deste aluno salesia-

no, deste jovem, cuja morte veio acender na alma da juventude a luz suave e forte de quanto podem as armas da vontade e da Fé, ao serviço daquelas batalhas que são decisivas para a sorte da juventude!

Quando ele morreu, não pude de longe mandar-lhe mais que uma humilde prece. Mas um ramo de flores da minha saudade, tinha de ser posto, não tanto sobre a sua campa, como sobre a sua alma. Faço-o hoje com devoção.

G. B.

Quando o Fernando era Fernandinho...





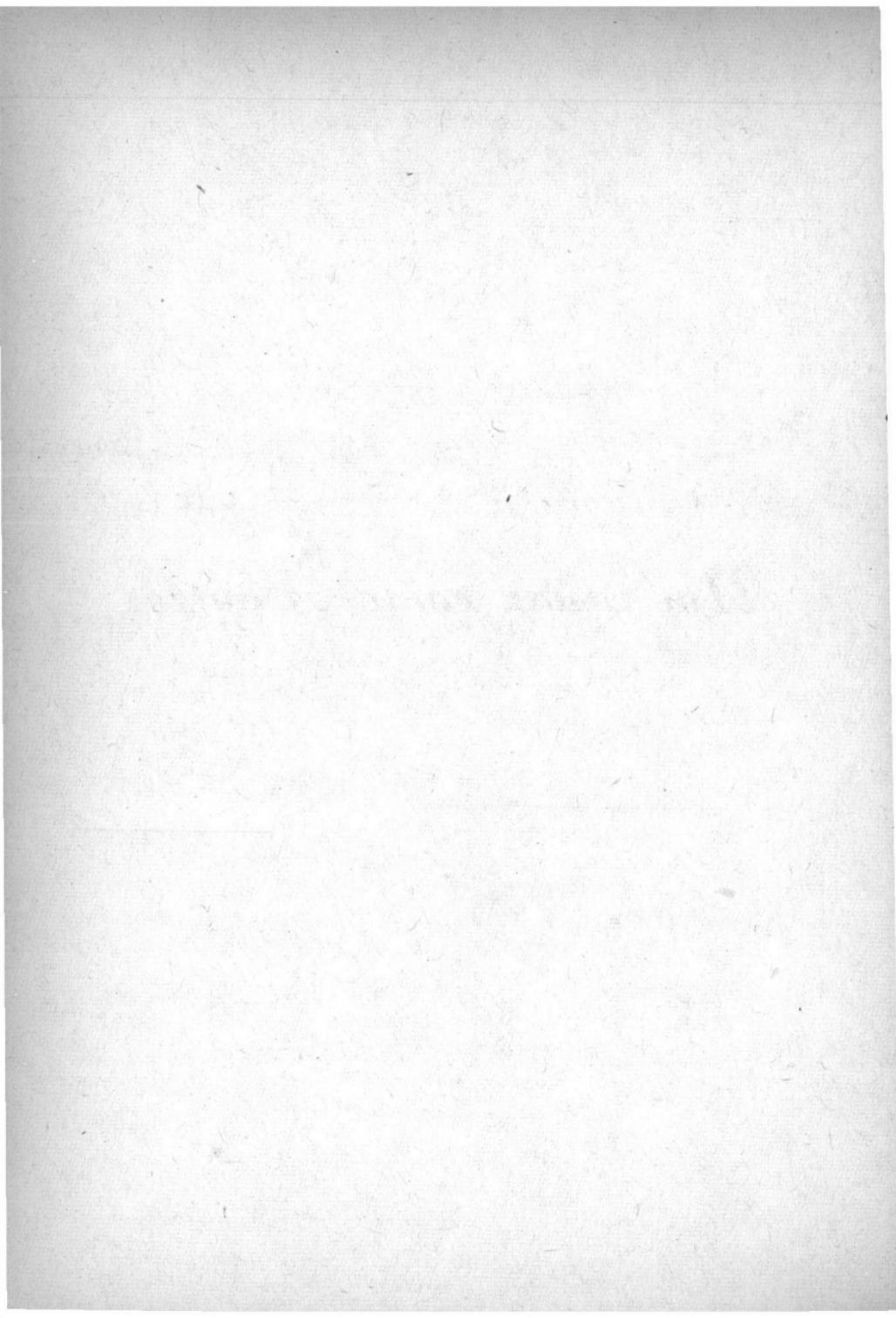
O Fernandinho e a mãe.

O Fernandinho e dois amigos.



I PARTE

Um rapaz como os outros



Os primeiros anos de Fernandinho

Poder-se-ia dizer, e muita gente o pensa, que os primeiros anos duma existência nada têm de interesse para uma biografia.

As crianças são todas iguais... Todas elas choram e riem, todas elas comem e dormem, todas elas brincam e amuam... E, no entanto, já então se manifestam os sintomas dum temperamento sobre o qual uma educação, ou deseducação, há-de construir o homem divinizado pela Graça, ou... desumanizado pelos erros e pecados.

Até nos primeiros anos do Fernando Caló vamos encontrar já, na sua paixão de corridas e de jogo da bola, o lampejo ameaçador do golpe, que um dia virá arrebatá-lo a vida, quando esta estava a sobredoirar-se das mais altas virtudes. Vê-lo-emos.

* * *

Nasceu o Fernando Duarte da Silva Pereira Caló em 29 de Maio de 1939, na freguesia de S. Sebastião, em Setúbal, na Maternidade do Hospital.

Ao nascer ele, sua mãe, Maria José da Silva Pereira (nascida em Grândola a 5-II-1915), consagrou-o a Nossa Senhora. E veremos neste livro que não o fez em vão.

Foram de dificuldades e sacrifícios extremos os primeiros anos.

A mãe tinha de trabalhar duramente, para se alimentar e custear as despesas do filho.

E assim, depois de nascer, o Fernando ficou alguns meses em Setúbal, em casa da tia Laura, na Rua João Eloi. Daqui foi para o Tojal, perto do Estoril, para casa da tia Antónia.

Daqui, para Lisboa, para casa da tia Margarida, na Travessa das Baldracas, e foi então o seu baptismo, na Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, a 25 de Julho de 1940. Foram padrinhos o Sr. Francisco Duarte e a tia materna Laura da Silva Pereira, a quem o Fernando sempre foi muito afeiçoado, bem como a todos os tios. Foi o Ex.mo Conde do Bonfim que tratou do baptizado. Esta permanência em Lisboa durou um ano, e em todo este tempo a mãe trabalhava aos dias, e de noite tomava conta do menino.

De Lisboa voltou de novo para Setúbal, com a idade de 17 meses aproximadamente, ficando a mãe a servir em casa dos padrinhos dela, Manuel Xavier dos Santos Jacob e D. Inês Guerreiro. Durante 4 meses fica o pequeno Caló no Hospital de Setúbal, não porque estivesse doente, mas por não ter outra casa para onde ir. Ali o tratavam muito bem, pois fora lá que nascera, e a regente D. Joaquina era-lhe muito delicada. Do Hospital passou para a «creche», onde esteve uns dois anos, e de lá foi ainda estar algum tempo com outras crianças no Asilo dos Velhinhos, por falta de outra casa.

Não acabou aqui a peregrinação de sacrifícios do Fer-

nandinho. A mãe não podia tê-lo consigo, e precisava de trabalhar. Procurava, portanto, colocá-lo, ora numa instituição, ora noutra, nas quais brilhasse a chama da caridade. E como o Fernando ainda era muito pequenino, foi para um colégio de meninas, dirigido pelas religiosas Irmãs da Apresentação de Maria. Cresceu, porém, e teve de sair de lá, indo para a casa dos patrões da mãe. Mas como eles não quisessem lá a mãe com a criança, teve ele de voltar para Lisboa, para casa da tia Margarida. Nesta casa ouvia as primas cantarem:

— Água fria da Ribeira...

E o pequeno Caló, ainda mal sabendo falar, queria imitar:

— Ááááá fia!

Nesta ocasião chegou a estar muito doente. Pensaram até que morria e ainda chamaram o pai. Melhorou, porém, e voltou para o Tojal, outra vez para casa da tia Antónia.

Neste calvário que passavam mãe e filho, a dedicação das tias maternas foi precioso apoio, e o auxílio das almas bondosas representava o conforto duma réstea do céu.

Começava assim, marcada pelas dificuldades, uma existência que havia de coroar-se no sacrifício.

* * *

Andava então à volta dos sete anos a idade do Fernando .

A mãe trabalhava em Lisboa, em casa da senhora D. Maria Mascarenhas, uma senhora de grande coração. Aí ganha cento e cinquenta escudos. Dá ela cem escudos em géneros à irmã Antónia para as despesas do Fernando, e lá vai ele estando. Parece que a sua peregrinação

está acabada e começa agora a sua vida a estabilizar-se. Na escola do Tojal é matriculado e aprende as primeiras letras...

Deus concedeu, porém, só às mães um coração suficientemente grande para caberem nele todas as traquinices dos filhos, e um affecto maternal, que sabe converter em doçura o que o sacrificio tem de amargo, na sua sagrada missão.

Ora a tia Antónia um dia aborrece-se, mete-o sòzinho na camioneta de Bucelas, manda-o à mãe para Lisboa e vai prevenir o professor do Tojal, da saída do Caló da sua escola.

— Pois é: os melhores é que se vão embora! — foi o comentário agastado do professor, que revela já o bom aproveitamento do pequeno aluno.

Mais agastados deviam ficar os companheiros, pois o Fernando manifestava já nesse tempo qualidades de futuro chefe e condutor: no fim da escola lá vinham todos atrás dele até sua casa e Caló, com os braços no ar, aos saltinhos, cantarolava uma canção, então em voga na terra...

E lá ficou uns dias em casa da Sra. D. Maria Mascarenhas, na sua casa de S. Sebastião da Pedreira, no Bairro Azul. Foi essa senhora dedicadíssima para ele, tanto quando esteve em Setúbal, como quando em Lisboa.

Gostava ela de o ouvir cantar a canção do Tojal, e por isso pedia-lhe para a repetir...

Até esta idade de sete anos, Fernando fora sempre muito magrinho.

A nota dominante do seu tempo de criança era a afeição à mãe.

A mãe vivia para ele, e Fernandinho, no seu coração de criança, desejava-a sempre junto de si. Infelizmente,

teve de passar quase todo o tempo afastado, pelas necessidades da vida. Quando a mãe ia visitá-lo ao Hospital ou à creche, mal ele a via, dava um salto na caminha. Tinha de ser sem ele se aperceber que a mãe se ia embora...

Uma vez em Setúbal, os patrões saíram e ela trouxe o filho para a sua companhia. Os patrões eram uns senhores estrangeiros, agentes de barcos ingleses. Mas, de repente, inesperadamente, os patrões regressaram a casa. A mãe ficou consternada. Mandou-o ficar debaixo e atrás de uma mesa muito caladinho... E ele enterrou a cabeça no pescoço e lá ficou escondido, mudo e quedo, calado como um rato. E logo que pôde, a mãe correu a levá-lo à creche...

Quando o ordenado da mãe é melhor, festeja ela os anos do filho: faz os bolos e chá, convida as amigas e vai à creche buscar o Fernandinho. Ele sente-se alegre e feliz no meio daqueles carinhos, mas o pior é que depois não se quer ir embora...

Outra festa, que fica a perfumar os seus tempos de criança, é a festa do Natal. No dia da Imaculada Conceição a mãe prepara-lhe as searas: 4 ou 5 piresinhos com água e grãos de trigo, onde se preparavam os tufos de verdura, que vão depois encher de frescura e encanto o Presépio do Menino Jesus, e entusiasmar o pequeno Caló.

O Domingo era para ele o dia mais feliz.

À semana, a mãe, trabalhando aos dias, não podia vê-lo. Mas, ao domingo, ia buscá-lo para a casa onde trabalhava. Ele corria a casa toda, e muitas vezes ouvia a mãe a chamá-lo:

— Ó Ti Rapazote!

E lá de longe, na sua voz fina e azougada, logo ele respondia:

— Quem é?

Muitas vezes ia com a mãe visitar as amigas desta. E as pessoas, conhecendo os sacrifícios que ela fazia pelo filho, diziam-lhe:

— Olha que tu um dia tens de ser bom para a tua mãe!

— Serei, sim, minha senhora!

Mas, daí a pouco, era outra amiga que, sem saber da primeira, repetia a mesma recomendação. E o pequeno ficava impressionado. E, chegando a casa, dizia:

— Ó mãe, todas as pessoas onde a gente vai, me dizem a mesma coisa! Ó mãe, dê cá um beijinho!

Mais tarde, quando a chama do apostolado se lhe acender na alma, as suas orações pela mãe e o seu comportamento modelar constituirão a melhor recompensa e consolação para ela.

E numa carta então escrita, despedir-se-á assim:

— «E a mãe receba deste seu filho, que nunca a esquece, muitas vezes mil beijos».

Grande afeição terá também para com a sua madrinha e todas as suas tias já citadas, bem como para a tia Mariana, residente em Leiria.

Quando em casa da madrinha Laura, batia-lhe ela muitas vezes com dois deditos na mão dele, e Caló achava uma graça enorme àquela brincadeira. Mais tarde, sabendo-a doente, há-de escrever: (19-XI-52) «Cá me deram a triste notícia de que a madrinha está novamente doente. Que lhe aconteceu? Espero que isso não seja nada, e que daqui a pouco esteja boa. Eu cá vou rezando, para que ela se cure mais depressa».

Nem faltava no seu coraçãozinho um afecto profundo para com o pai, Salvador Machado Caló.

Formara ele outro lar, mas perfilhara o Fernando, e visitava-o às vezes quando criança.

Tinha o Fernando 4 anos, e do colégio das meninas, onde estava, via-o frequentemente. E contava depois à mãe:

— Sabe quem eu vi? Vi o meu pai. Estava a arranjar peixe.

— Sabe quem cá esteve? Foi a mulher do meu pai. Veio cá e trouxe-me um bolo.

Quando, no Asilo dos Velhinhos, o Fernando via através do portão o pai passar de longe, chamava-o...

— Mãe, o meu pai passou aqui, e eu chamei-o e ele deu-me dois tostões pegados...

Depois perdeu-o de vista, mas aos doze anos, por causa do abono de família, conheceram-se novamente, e começou um período de mais intimidade entre ambos.

É muito expressiva uma carta que ele, do colégio das Oficinas de S. José de Lisboa, escrevera ao pai em 4 de Abril de 1956. Recordamos algumas passagens, tão eloquentes são do amor filial que o Fernando nobremente lhe dedicava:

«No próximo Domingo há cá uma festa dedicada exclusivamente aos pais dos alunos... Veja lá se pode vir. Era uma grande alegria que o pai me dava; e o pai gosta de me dar alegrias, não gosta? Pois gosta, eu sei que gosta. Então veja lá, paizinho, se pode vir cá... Olhe, cá o espero no Domingo; quando cá chegar às Oficinas, pergunte pelo Caló, que logo apareço. Pronto, está o caso resolvido, sim?... No mês de Fevereiro não tive nenhuma nota negativa, todas boas. Foram elas: Comportamento: Bom; Religião, 16; Francês, 12; Física e Química, 10; Tecnologia, 12; Prática, 11. ...E não se esqueça de vir cá no próximo Domingo, que cá o espero com todo o entusiasmo. Adeus, paizinho; cumprimentos para todos. Não se es-

queça de vir cá! Para o pai, beijos e abraços do seu querido filho, que o não esquece e muito lhe quer».

* * *

Na sua infância, as alegrias de Fernando, como de todas as crianças, eram os seus brinquedos.

O brinquedo de que mais gostava, era um carro de corda. Mas só tarde é que a mãe lhe pode satisfazer este desejo. O carro custou 30\$00.

Entusiasmava-o também a árvore do Natal e o Menino Jesus.

Mas a sua grande paixão era correr e jogar a bola.

— Só nisto é que não obedecia à mãe — queixa-se ela, pois, vendo-o magro e franzino, não queria que ele prejudicasse a saúde com esse jogo.

E a mãe, vivendo esses tempos distantes e cuja recordação lhe é doce, comenta, na sua linguagem simples mas expressiva:

— Eram umas corridas sempre, que eu sei lá!

Mal sonharia o Caló, mal sonharia a mãe, que numa corrida e no jogo da bola havia ele de encontrar mais tarde a causa da morte!

Entre os Salesianos do Estoril

Para a mãe e filho haviam sido de sacrifício heróico estes primeiros anos. Mas a tia Margarida arranja uma casa no Estoril, onde a irmã fosse empregar-se como governanta, e o Fernando acompanha-a, e termina assim a sua vida nómada entre Lisboa, Setúbal e o Tojal.

O patrão consegue matricular o pequeno na Escola Salesiana do Estoril, e vai ser entre os humildes filhos de D. Bosco, que têm por missão principal a educação da juventude, que Fernando Caló abrirá pouco a pouco as asas da sua alma para grandes voos e passará o resto da sua vida.

Bem depressa, com a sua vivacidade e alegria, ele atrai a simpatia dos companheiros. Naquele ambiente familiar e alegre, os rapazes depressa se familiarizam e repartem entre si alegrias e tristezas.

Logo de manhã cedo, os colegas apareciam ao alto de uma escada de madeira, que fazia a ligação entre o Bairro Escolar e o Cruzeiro, e gritavam lá de cima para o companheiro, que vivia em baixo:

— Ó Caló!

E logo ele, como que fazendo eco aos companheiros:

— Ó mãe, já tenho de ir para a escola.

Mas a mãe, como se pressentisse desgraças futuras, atalhava:

— Espera. Queres ir já, mas é para ires jogar a bola!

Uma vez adoeceu. Por conselho do ilustre médico Dr. Mário Quina, esteve 15 dias retido na cama, longe dos livros e da... bola. Quando cessou o prazo de encarceramento e voltou ao convívio escolar, todos o rodeavam:

— Adeus, Caló! Adeus, Caló! Dá cá um abraço!

Um seu companheiro escreverá depois da sua morte o seguinte:

«O meu primeiro encontro com o Caló foi o seguinte: Sabia que havia «matinée» no cinema dos Salesianos do Estoril. Resolvi ir. Comprei o bilhete e entrei. Fui-me sentar precisamente ao seu lado direito. A sessão constava apenas de documentários: «A vida das focas», «Como se fez a lua», etc. Reparei melhor e vi ao seu lado a sua inseparável garrafa de cerveja preta. Nos intervalos contentava-se em levá-la aos lábios e sorver gostosamente 3 ou 4 goladas. Era um rapaz cheio de vida. O seu olhar e o seu sorriso denotavam candura. Digo sinceramente: fiquei verdadeiramente encantado com ele... (1)

Ainda depois de deixar o Estoril, há-de receber em Lisboa, dum professor, uma carta onde se lê:

«Os teus colegas por cá andam, satisfeitos e alegres. Muitas vezes te lembram com saudade e me perguntam

(1) — *António Rodrigues da Silva. Entrou para as Oficinas de S. José em 1950 e foi colega do Caló por mais de 5 anos. Acabou o curso em 1956.*

por ti. Eu digo-lhes sempre que estás bom, que os rapazes do teu colégio são muito bons, etc. Vê lá se, comportando-te bem, estudando muito, consegues visitar o Estoril nas férias do Natal. Cá te espero, não te esqueças...» — **Edral.**

Esta simpatia sobre os companheiros há-de exercê-la sempre, e servir-lhe-á, como veremos, para o seu apostolado.

* * *

D. Bosco, o Fundador da Congregação Salesiana, tinha os rapazes na alma. Fora o Céu que lá lhos pusera, para ele os salvar, amando-os e sacrificando-se por eles, tratando-os «como se fosse o próprio Jesus, que habitasse no seu colégio». Era este o seu sonho, e a sua missão, que ele deixou em herança sagrada aos seus continuadores.

Não admira, portanto, que Fernando Caló correspondesse com todo o entusiasmo do seu coração inocente e bom a este affecto.

Era Director da Escola, no seu tempo, o Rev.mo Padre António Patrão, um Salesiano que no Estoril e em Macau tem dado tudo pelas almas da juventude. É de Macau que ele assim nos escreve:

«Do Fernando Caló conservo gratas recordações. Entrou no Estoril aí pelos sete anos. Vivo e sempre sorridente. Estudioso e bom camarada. Era o primeiro na assiduidade ao Oratório Festivo. Tomou parte na representação de muitas peças teatrais, poesias, récitas, etc. Quando fundei a Sociedade da Alegria «Domingos Sávio», creio que foi ele o primeiro a adquirir o cartãozinho, que dava direito a passeios, a ir às terras mais próximas a fazer apostolado e a dar bom exemplo entre os companheiros. Foi ele que encaminhou a mãe para o bem. Porém, a nota mais frisante foi sempre esta: gratidão pelo mais pequeno

favor que recebia. Soube que eu fazia anos em 14 de Fevereiro. Pois durante vários anos no Estoril e depois em Lisboa nunca se esqueceu de lembrar à mãe este dia... e lá vinham bolos e o que de melhor podia ofertar: promessa de orações. A sua gratidão lia-se no olhar e no sorriso».

Nesse tempo, o Director do Asilo de Santo António, onde funcionava a Escola, era o dinâmico Rev.mo P. Bartolomeu Valentini, que no Estoril ergueu os actuais edifícios que hoje honram a Costa do Sol e onde funciona a Escola Técnica e Liceal Salesiana.

O Rev.mo P. Patrão, nas aulas primárias, erguia os alicerces da obra com as orações e as pequenas ofertas dos meninos.

— Mãe, diz o Fernando ao deixar a casa, gostaria tanto de levar alguma coisa para a primeira pedra! Não me podia dar uns vinte escudos?

— Ó filho, não convém; o tio pode julgar que lhe gasto dinheiro.

A mãe guardava consigo o dinheiro do tio e temia que este pensasse mal...

— Mas a mãe não tem do seu?

— Sim, tenho.

— Então, dê-me vinte escudos.

— Está bem.

Embrulhou-lho e apertou-lho na mão... e no jornalzinho «Asilo de Santo António do Estoril», n.º 1, de 21 de Novembro de 1948, podia ler-se:

«Também os meninos das escolas do nosso Asilo estão a escrever com amor o seu nome nesta crónica.

O Fernando, um gorducho que parece encarregado de fazer a propaganda da nossa cozinha, entregou ao Director da Escola uma nota de vinte escudos, muito fe-

chada na mão para ninguém a ver, com esta recomendação:

— Não diga nada aos outros, para eles não terem inveja!...»

Qual não foi a surpresa e o temor de todos, ao aparecer depois o facto estampado em letra redonda!...

* * *

Conhecíamos o Fernando magro e franzino, cuja saúde dava preocupações à mãe. Agora, aparece-nos um gorducho... Os ares do Estoril, a companhia e os carinhos da mãe assim o mudaram.

O médico tinha até notado antes a fraqueza do pequeno, e a mãe, por sua ordem, dá-lhe bifés. O patrão viu com maus olhos aquele tratamento especial:

— A tua mãe dá-te bifés!... Há-de ganhar muito com isso!

Mas ela explicou que o fazia com o dinheiro tirado do seu ordenado, sem sobrecarregar a casa. Aconteceu até uma vez que, não tendo ela dinheiro trocado, pediu cinco escudos do mealheiro do Fernando. Ele era pequeno, pequeno era o mealheiro, pequena a sua fortuna, e cinco escudos representava um desfalque grande — e ele mostrou má cara... E logo a mãe:

— Quando tu agora não me queres dar cinco escudos, que fará quando fores grande?

O Caló ficou muito chocado com esta frase justa da mãe e foi chorar muito. Uma outra empregada, vendo-o assim, perguntou:

— Que tens, Fernando, para chorares tanto?

— Veja lá... Eu gosto tanto da minha mãe, ela tanto tem sofrido comigo e julgava que eu não queria ganhar para ela!...

Na verdade, a sua delicadeza de coração — como a de todos os filhos — provava-se na dedicação e finezas para com a mãe.

Nessa casa onde a mãe trabalhava (era o lar de São Cristóvão), hospedaram-se num verão 17 raparigas espanholas, que faziam parte dum grupo de ballados a exhibir-se na Costa do Sol. Certo dia, o Fernando foi entregar um bilhete a uma delas.

— Que rico menino! — agradeceu ela.

E como o Caló estava sempre pronto para todos os recados, começaram a dispensar-lhe certas atenções.

Em dada altura, entrando ele na sala de jantar, ouviu-as elógiar a comida, que estava saborosa e bem preparada.

— Pudera! — intervém logo ele. — Pois se foi feita pela minha mãe!

— Mas onde está a tua mãe?

— Ali na cozinha.

— Queremos conhecê-la e vamos dizer-lhe que te levaremos connosco para Madrid.

E, ao verem-na:

— Mas é aquela? Tão baixinha?!

— É, sim.

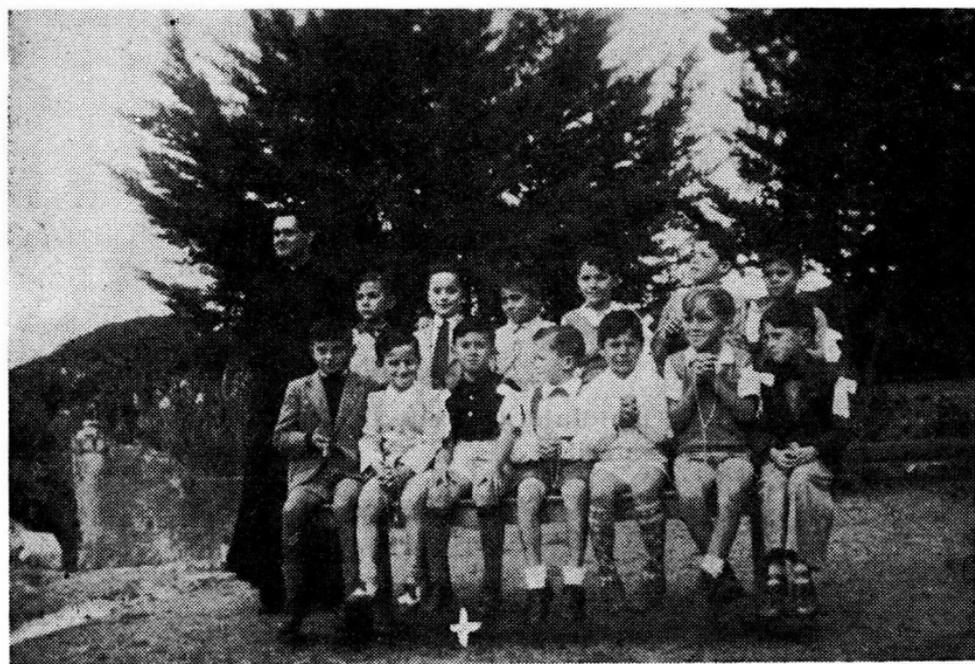
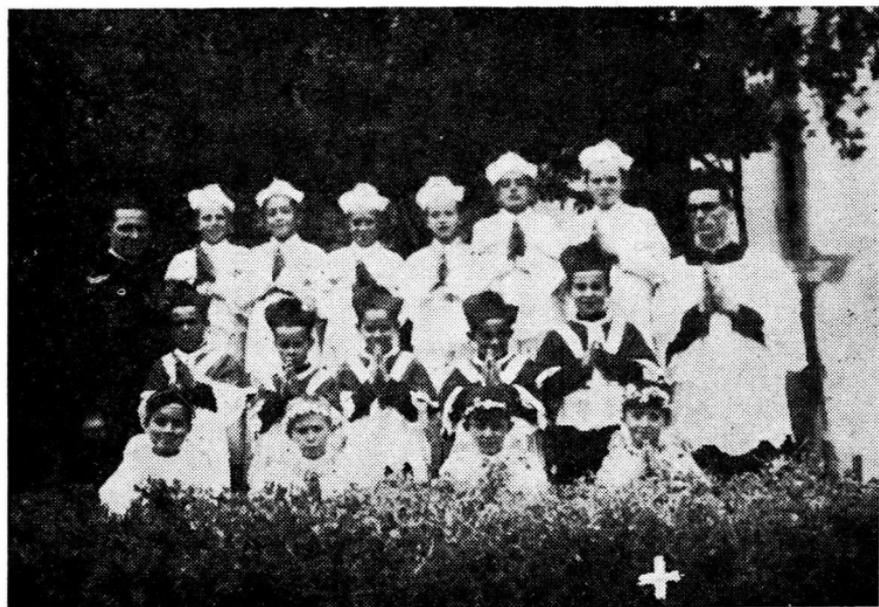
Abraçaram-na e deram-lhe os parabéns por ter um filho tão bom e tão engraçado!

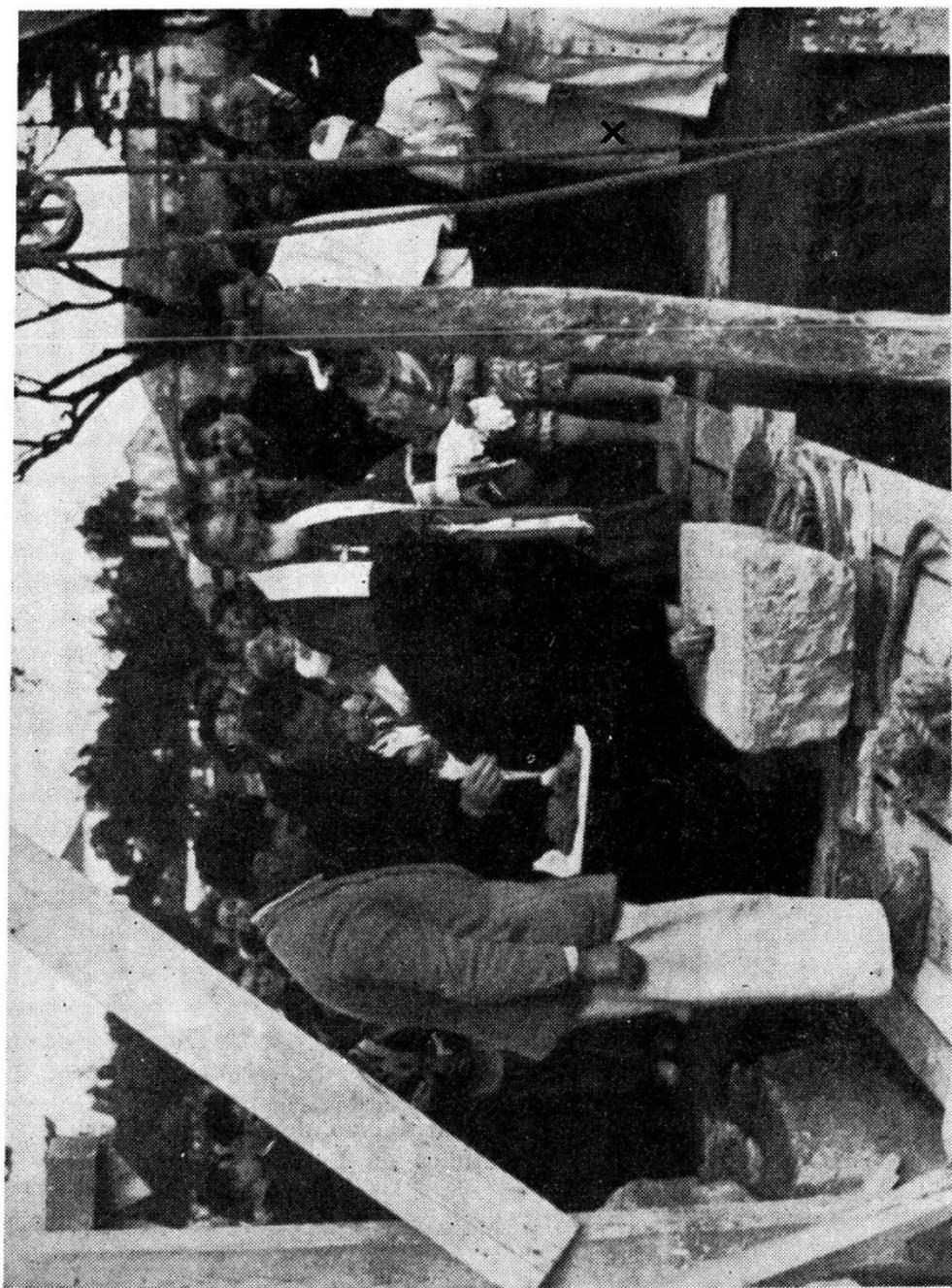
A mãe, porém, não o deixou ir para o estrangeiro. Explica ela:

— Tinha receio que lhe sucedesse algum mal...

EM CIMA — O Fernandinho (+) entre o clero infantil da Escola Salesiana (Estoril).

EM BAIXO — Estoril (Escola Salesiana) — O Fernandinho (+) no dia grande da 1.ª Comunhão.





Na bênção, pelo Venerando Arcebispo de Císico, da primeira pedra dos novos edifícios da Escola Salesiana do Estoril.

* * *

As almas grandes hão-de medir-se, nem sempre pelos grandes factos que, por serem espectaculosos, podem ser premeditados, mas por atitudes pequeninas, que revelam já um pendor ou uma faceta moral bem caracterizada.

Tinha o Fernando só umas calças compridas. Todos os meninos, quando começam a andar de calça comprida, pensam que começam a ser homens. Isto em todos, mas especialmente naqueles cuja estatura não ajuda muito a serem tomados por... homens, como era o caso do Fernando. Por tudo isto, e também porque aquelas calças eram duma fazenda oferecida pelo Director da Escola Salesiana, constituía para ele uma mortificação o não andar com elas, e ter de as substituir pelos calções, o que sucedia quando a mãe as lavava.

Uma vez até chorou, e foi queixar-se a uma vizinha:

— Ora veja lá! Até parece mal andar assim de calção!

— Deixa lá! Tu ainda és pequenito!— procurou ela consolá-lo com um argumento, que não devia ser psicologicamente muito feliz...

Um dia pedem-lhe para ele fazer umas contas, mas mandam-no aumentar em 12\$00 a dívida. Caló esboça um gesto de má vontade, e foi depois queixar-se à mãe:

— Veja lá: mandou-me pôr mais na conta... Eu não queria pôr... mas ele mandou...

Um dia, nasce na vizinhança um bebé. O Fernando está impaciente por ir vê-lo. Quando o consegue e se vê junto dele, tem este cumprimento:

— Olha que eu sou o teu amigo Fernando!

E tendo-lhe sido dado na escola um livro, que ensinava a tratar de crianças, vai levá-lo à mãe do bebé, dizendo:

— Olhe, vizinha: Tome lá, que é para saber tratar bem do seu menino!

* * *

Foi no Estoril, na capela salesiana, que o nosso Fernando fez a sua primeira Comunhão. O Boletim Salesiano de Março — Abril de 1949 traz a fotografia dos meninos que fizeram a sua primeira Comunhão nas festas da Imaculada Conceição e de D. Bosco. Lá vem, entre eles, o Fernandinho, com o seu calção branco, camisa escura e lacinho no braço, a traduzir a alvura duma alma, que há-de apaixonar-se mais tarde pelo brilho celeste e pelos combates heróicos da Pureza. Pertenceu depois aos meninos de coro e a sua Primeira Comunhão assinalou os primeiros passos na virtude e no apostolado. Frequentou as Companhias da Juventude Salesiana (1), distinguindo-se pela piedade.

Nessas campanhas de apostolado, em que então se iniciou, visava com especial empenho a mãe. Queria que ela fosse sempre à missa das 7 horas, à Capela dos Salesianos. As vezes, a mãe desculpava-se.

Um dia insistiu tanto, que ela respondeu:

— Está a chover e tu não tens sombrinha.

— Não faz mal — resolveu logo o Caló. — Vamos os dois com a mesma sombrinha. Ó mãe, venha! Ó mãe, venha!

E tanto teimou, que ela teve de ir.

Mais tarde, os companheiros, alvejados pela sua acção conquistadora, hão-de chamar-lhe «carraça»!

Diante do bem, ele sabia querer, e não sabia desistir nem render-se!

(1) — Ver *Apêndice*.

Nas Oficinas de S. José, de Lisboa

Completado o curso primário nessa escola do Estoril, veio o Fernando para Lisboa frequentar as Escolas Profissionais Salesianas «Oficinas de S. José», na Travessa dos Prazeres, em Outubro de 1950.

É um edificio monumental, que se ergue ao lado da Igreja do Santo Condestável e inaugurado em 19 de Março de 1906 pelo primeiro sucessor de D. Bosco, o Venerável P. Miguel Rua, cuja causa de beatificação está muito adiantada, e que em Portugal deixou fama da sua santidade e dos seus milagres.

Os gritos ruidosos e alacres de centenas de jovens, nas horas de recreio, ouvem-se ao longe, e por aquela casa têm passado milhares de rapazes, que hoje ocupam honrosamente o seu lugar na sociedade, e que não esquecem quanto devem a D. Bosco.

Foi aqui também que o Caló veio tirar o curso para poder singrar e triunfar na vida.

Os primeiros anos de estudante não apresentam nada

de singular, a não ser pequenos sintomas de qualidades, que os seus educadores, ajudados e secundados pelo Fernando, e secundando eles, por sua vez, a Graça — a verdadeira educadora e modeladora das almas — fizeram avultar e reflorir mais tarde neste aluno, que hoje é a sua glória.

Estudante cumpridor, dava boa conta de si nas aulas. Isto mesmo comunicava à família e amigos.

A uma benfeitora escreve:

«Já comecei há uma semana as aulas, e vou fazer o possível por saber sempre as lições, para no fim dar uma grande alegria a todos».

Depois do exame escrevia:

«Passei, pois é natural; também era melhor que não passasse, depois de estudar as lições!»

A sua mãe assim conta dos estudos:

«As minhas notas já devem estar aí a chegar; são muito boas, mas para o mês que vem, é que é o importante e a mãe vai ver como eu vou ter boas notas; quem tiver duas negativas já não vai a casa, e eu quero ver, se não conseguir ter todas positivas, ao menos negativas só uma, se Deus quiser; e hei-de fazer todo o possível para ficar bem em todas as disciplinas, mas o desenho é que eu estou com medo; o resto é mais fácil e eu não tenho tanto medo; assim como Nosso Senhor me protegeu no primeiro período, também me há-de proteger no 2.º e no 3.º período».

Ao pai escrevia em 28 de Novembro de 1953:

«... Vou ter exames trimestrais e terei que me agarrar mais aos livros, pois eu quero ficar bem... Tenho muito que estudar, e no fim do ano, se Deus quiser, tenho que fazer três exames oficiais numa escola fora, e as disciplinas são muitas. Só este ano tenho oito, que são: Português, Álgebra, História, Desenho, Modelação, Teoria,

Moral, Oficina. Já o pai pode ver, para estudar isto tudo, é preciso aplicar-se muito o aluno que as estuda.

É o que eu tenho de fazer, para ficar bem».

E cumpriu o que prometeu. A alta classificação tirada em Religião havia de coroar-se em 12 de Maio de 1956, num certame de catecismo, em que Fernando Caló arrebatou a alta distinção de «Primeiro Ministro». (1)

O Fernando compreendia e punha em prática: para um estudante, o primeiro dever é estudar!

Na pagela-memória da sua morte, os seus Superiores escreveram:

«Preparava-se para receber o seu diploma do curso industrial e de tipógrafo compositor, quando Nosso Senhor lhe veio enriquecer a alma com a doença que lhe abriu as portas da eternidade. A sua jovialidade, a sua

(1) — *Na verdade, se timbrou nos estudos — de que teve mais de uma vez o primeiro prémio, como em 1953-54 — e no conhecimento da vida de S. Domingos Sávio, não quis ficar atrás no amor ao catecismo. No certame colegial de 1956 foi o primeiro apurado do seu ano, para participar com outros no certame nacional das Casas Salesianas de Portugal, realizado no Estoril a 11 de Maio de 1956. Aí alcançou a palma de «1.º Ministro» do estudo de Apologética. O que admirou mais o júri não foi a prova oral, mas o ponto escrito que o colocou em primeiro lugar pelos conhecimentos religiosos e argumentação apresentados.*

Era o amor da Religião e da sua defesa que lhe aumentava o amor pelo estudo.

E Religião de Credo e Mandamentos era a sua, pois na reunião geral dos superiores, professores e mestres, para a distribuição dos prémios no fim do ano, entre os indigitados para o primeiro prémio de comportamento surgiu imeditamente o nome de Fernando Caló.

franqueza, a sua simplicidade, a sua piedade, o seu espírito apostólico conquistaram-lhe o coração de todos os companheiros».

A seu tempo falaremos destas virtudes.

Por agora, diremos que no Fernando transluzia sobretudo a sua jovialidade.

A música, uma das armas pedagógicas usadas pelos Salesianos, e que enche de vida e colorido as suas casas, entusiasmava o Caló, a ponto de levar um seu colega a lembrá-lo como trompetista da Banda:

«Como bom trompetista que era, depois do seu desastre e da queda dos dentes nunca desanimou como eu faria, se me encontrasse no seu lugar. No meio da sua pouca sorte, tocava sempre com entusiasmo...»⁽¹⁾.

O companheiro António Rodrigues da Silva lembra dois episódios, que ilustram o seu temperamento alegre:

«Quando dos quinze dias de estágio, encontrava-me eu e alguns companheiros a jogar à «guerra pequena», quando apareceu o Caló. Entrou alegremente no jogo, e por sinal entrou do meu lado. Eu, que o ouvia chamar pelo verdadeiro nome, percebendo mal a palavra dos meus companheiros, resolvi-me a chamá-lo. Sem mais delongas, disse: «Ó Charlot, passa a bola!» Ele e mais um seu companheiro desataram a rir a bandeiras despregadas. Se por acaso fosse outro, levaria a mal. Mas o Caló riu a bom rir».

«Lembro-me de que quando eu andava no 2.º, 3.º e 4.º anos, quando tocava para as aulas, passava pela minha carteira com os livros debaixo do braço. Passava por mim

⁽¹⁾ — M. Franco, aluno das Oficinas de S. José (1953-1957).

e «matemàticamente» dava-me um «caldo». Enquanto estava de bom humor sorria, mas às vezes resmungava. No entanto, ele sorria sempre e denotava candura».

Esta alegria era acusada nas suas fotografias por um sorriso sempre aberto. Reflectia-se até na sua correspondência. Em carta para o pai em 24 de Janeiro de 1954, escreve:

«Eu nunca mandei dizer ao pai numa carta qualquer coisa que não fosse verdade, pois eu também não sei mentir, pois quando minto, cai-me um dente, e graças a Deus, ainda os tenho todos...»

* * *

O verbo dos estudantes...

Nos estudantes, as necessidades estão na ordem inversa com as possibilidades. Só lhes resta um recurso: **PEDIR**.

E Fernando, nas suas cartas deste tempo para a mãe e para os parentes, pedia muito, pedia tudo...

Nas férias, no Lar de S. Cristóvão, do Estoril, economizava ele as suas gorjetas de «grume». Quando um dia contou 1.000\$00, não cabia em si de contente e dizia à mãe:

— Mãe, já estou a ajuntar dinheiro para um fato e uns sapatos!

O fato, que ele ambicionava, era a farda azul das Oficinas de S. José.

Agora, porém, no Colégio, não havia gorjetas e havia necessidades. Um estudante tem sempre necessidades, e, quando as não tem, cresce-lhe o tempo e a fantasia para as... inventar.

Uma amostra dos pedidos para a mãe:

«Escrevo-lhe esta carta para pedir à minha mãe uns atacadores de botas de futebol...

«Escrevo-lhe para lhe pedir no dia dos meus anos me trazer: brilhantina, perfume, postais, cartas com selos... E é também para me trazer bombas e rabichinhas e lume... Não se esqueça de segunda-feira, em vez de me trazer bife, traga-me omelete, porque sabe-me melhor e gosto mais...»

Até nos pedidos, ele mostra a sua jovialidade:

«Escrevo-lhe esta carta para dizer à mãe que na segunda-feira me traga mais bolos iguais àqueles que me trouxe esta semana. Sabe porquê? Porque sabem a pão de ló, e pão de ló calha em verso com Caló...»

Tinha razão um companheiro ⁽¹⁾ para escrever à mãe e dizer:

«O Caló só quer que chegue o dia da visita, isto é, segunda-feira. Ele já me disse que os dias melhores para ele são os domingos e segundas-feiras...»

O mesmo estilo nas cartas para o pai:

«28-XI-53) O pai já adivinhou o que eu lhe quero pedir, pois eu também no outro folheto... já disse para pôr um sapato em meu nome na chaminé, para ver se lá aparece algum relógio de pulso para o Caló mais pequeno. Pai, não se esqueça de mim... Eu vou terminar, mas antes quero pedir ao pai para me responder e para ver se me pode comprar o relógio que eu há tanto tempo ambiciono ter um...»

«(1-2-1954) Agora, pai, mudemos de assunto. Quero pedir uma coisa ao pai. Eu tenho muita mas mesmo muita necessidade de uns sapatos. A minha mãe já mos

(1) — Luís Abreu, aluno desde 1950 a 1953.

quis comprar, mas o pai bem sabe as minhas despesas colegiais não lho permitiram. Eu queria pedir ao pai se me mandava algum dinheiro para a compra dos meus futuros sapatos. O pai bem compreende, não é para gastar à toa, pois o dinheiro não chega para as coisas precisas quanto mais para gastar à toa...»

O Fernando, na verdade, é um rapaz como os outros. Mas virá um dia em que ele dará um passo fora da mediocridade...

Não pedia, porém, só para si.

As casas salesianas, a exemplo do seu Fundador, vão para a frente à força de... dívidas. Mobiliza o seu crédito na Confiança na Providência, no Banco Celeste de Nossa Senhora Auxiliadora. E as obras fazem-se, e são admitidos mais alunos, abrem-se as portas da Fé e da salvação a mais almas, a mais rapazinheiros precisados... e são tantos, tantos!

O Caló sentia essas dificuldades dos seus Superiores e... pedia também para eles, para a Casa. Nobreza de sentimentos, que faz sentir as necessidades alheias!

«Minha querida mãe, no dia 27 celebramos a festa do nosso Director... e eu vinha pedir à mãe... para comprarmos um paramento... Peça à Ilda para dar também 10\$00, e a madame também 10\$00, a mãe também 10\$00... Vou escrever para a tia Margarida, para ver se ela também vem à festa e se concorre com alguma coisa...»

Noutro ano, na mesma festa:

— Ó mãe, gostaria de dar uma prenda ao Sr. Director na sua festa. A mãe não tem dinheiro?

— Não, filho. Mas que desejavas oferecer?

— Um busto.

— Mas quanto custa?

— É muito. E a mãe não tem.

E ficava com pena...

Quando se principiaram as obras no pavilhão de mecânica das Oficinas de S. José, o nosso Fernando dizia ao Director que não passava dia sem rezar ou fazer algum sacrifício para pedir a Nossa Senhora Auxiliadora benfeitores generosos.

— Olhe, Sr. Padre! Vou escrever a uma senhora rica. Espero que mande algum «quilo»...

E escreveu uma carta muito bem redigida e a tocar o coração.

Do rascunho que ele deixou, recortamos as seguintes frases:

«O meu colégio está em grandes obras. Já deitaram um pavilhão abaixo e estão a levantar outro. O Senhor Director diz que anda atrapalhado com as contas; não tem dinheiro e as obras são grandes. No entanto, disse-nos para rezarmos, para ver se Nossa Senhora manda Benfeitores. E eu cá vou indo; como a Senhora sabe, não posso ajudá-lo... E gostava, e ficaria imensamente satisfeito, se a Senhora um dia aparecesse por cá... Muito obrigado, minha Senhora... E que Deus lhe pague tudo...»

A carta seguiu e o Fernando ficou numa expectativa cheia de ansiedade. Na primeira visita da mãe, perguntou:

— Ó mãe, a senhora leu a minha carta?

— Sim.

— E depois?

— Rasgou-a.

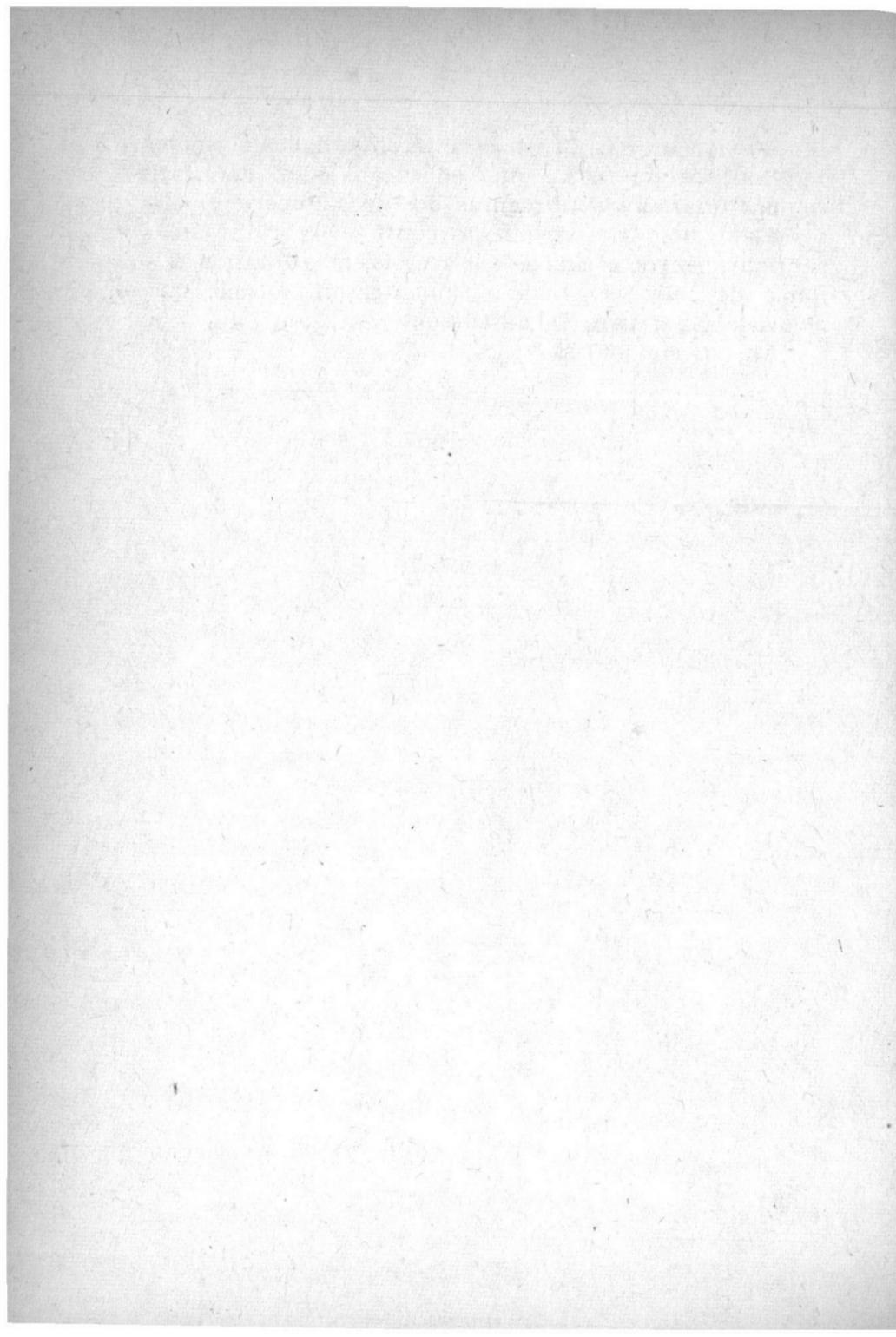
Ao ouvir isto, o Fernando ficou triste, triste, a ponto de a mãe ter de o consolar:

— Deixa lá! Se Deus Nosso Senhor quiser, havemos de ajudar o Colégio, como tu gostas!

A sua vida nas Oficinas de S. José, naquele ambiente familiar, característico da educação salesiana, fazia-o compartilhar dos sentimentos dos seus Superiores.

Além disso, no movimento contínuo entre as aulas e a oficina, entre a capela e o recreio, ia aflorando à sua alma, de cada vez mais vivamente, um anseio, que o levava a olhar para D. Bosco como para um Pai!

Ah, se ele pudesse!...



Ponta - esquerda

Fernando também tinha defeitos. Não seria um homem... se os não tivesse. Se nós os apagássemos, ou escondêssemos, atraioaríamos a verdade, e prestaríamos um péssimo serviço aos jovens que nos leem, e que esmoreceriam nas suas lutas e anseios, pensando que só eles carregam o lastro dos defeitos, e que as almas grandes, feitas de neve, não conheceram os espinhos nem os combates, quando, pelo contrário, foi somente raiando de sangue as suas almas, que eles conseguiram torná-las alvinitentes.

Aqueles que conviveram com Caló nas Oficinas de S. José durante alguns anos, na oficina, no estudo, nos passeios, e sobretudo no recreio, eram os mais indicados para deporem sobre os seus defeitos, por mais facilmente e frequentemente os observarem ou sofrerem até os seus golpes.

Lendo esses depoimentos, encontramos alguns concordes, mas outros discordam. Não queremos dizer que tenham sido maus observadores, pois geralmente os rapazes observam como ninguém os defeitos alheios... A explicação que nos parece mais óbvia, é que uns fotografam

o Fernando no recreio, outros na oficina... uns, nos primeiros anos colegiais, outros nos últimos.

Ora nos últimos anos (vê-lo-emos) é que foram os anos da arrancada enérgica e obstinada para as alturas. Daremos o merecido relevo a esse facto, pois ele convencer-nos-á do extraordinário poder transformador da Graça e da vontade, quando a alma juvenil as mobiliza.

* * *

Antes que a luz da virtude bata de chapa sobre a biografia de Fernando, queremos desenhar nela as sombras. E fazemo-lo pelo pincel dos seus companheiros:

«O Caló tinha um carácter impulsivo. Porém, tinha domínio sobre si próprio. Só quem o saiba, é que o pode avaliar. Digo isto, porque uma vez vi-o zangado à valentona, e reparei também outras vezes que ele se dominava para não explodir (1).

Manuel Rebelo (2) fala das alcunhas que o Caló lhe chamava, mas que lhe perdoava, porque tudo era nervoso e «sabia que era de brincadeira», e ainda das transgressões ao silêncio no estudo e na oficina.

Laurindo Semedo (3) lembra que ele, «no jogo não sabia por vezes manter-se» e que, quando alguém o magoava, ele voltava-se para o lado a desabafar com injúrias. E acrescenta: «Uma coisa tinha igual a mim: irritava-se todo, quando alguém o magoava...»

(1) — *Frederico S. Vigário. Aluno desde 1953 a 1958*

(2) — *Aluno desde 1953 a 1958.*

(3) — *Aluno desde 1954 a 1957. Terminou o curso.*

«Os principais defeitos que nele encontrei, foram: um pouco caprichoso, a falta de camaradagem para com alguns, com os quais estive um ano ou mais sem se querer reconciliar, teimoso... Além disso, era um pouco peneiras» (1).

«Tive zangas com o Caló, a ponto de querermos jogar à pancada. Lembro-me de ter jogado à pancada com ele, aí há uns cinco anos talvez... (2)

«Vi-o responder algumas vezes ao Sr. Mestre, quando este o arreliava por qualquer coisa» (3)

«Quando alguém lhe chamava alcunhas, zangava-se muito... mas não guardava rancor a ninguém. Para ele, esse tal companheiro era como os outros. O que me admira é que tu eras de carácter tão irascível e te dominaste!» (4)

Ao revermos o original, confia-nos um seu antigo colega:

«Vi uma vez o Caló zangado com um companheiro. Em vão quiseram fazer-se as pazes. A um que insistia, ele respondeu com uma palavra grosseira. Mas o que ninguém sabia, e eu só soube mais tarde, é que a causa daquela má vontade era a reacção enérgica do Caló a uma tentação vil desse companheiro».

Era a virtude que já se lhe impunha na alma, com exigências de combate!

Mas entre os depoimentos, há alguns, que merecem um comentário oportuno:

(1) — José de Sousa Alves, aluno das Oficinas desde 1949-57.

(2) — José Rafael Marques, aluno desde 1951 a 1958. Terminou o curso.

(3) — Amândio Vieira, aluno desde 1953 a 1958.

(4) — José Fontoura Alves (1952-57). Fez-se Salesiano.

«Era de carácter irascível e zangava-se com qualquer companheiro com muita facilidade. Assim aconteceu entre mim e ele. Passado mais ou menos um ano, tornámos a falar e verifiquei que um companheiro mau, que eu conheci muito bem, o tinha encaminhado para maus caminhos. Ainda andava na princípio e, por isso, graças a Deus, houve quem o levantasse e o encaminhasse outra vez para o bem. Desde aí para a frente, só vi nele progressos e vontade forte, só para vencer». (1)

Nestas pequenas linhas fica historiada uma encruzilhada da vida do Fernando e da vida de tantos rapazes: como um mau companheiro pode transtornar o rumo belo e alto de uma existência, mas como também a acção de um companheiro apóstolo pode rectificar a direcção dessa vida.

Um ponto há em que todos os depoentes estão de acordo: o temperamento fioso do Fernando Caló, cuja vivacidade se salientava já na infância. Felizmente, a direcção espiritual soube canalizar esta fiosidade em bom sentido, e aquilo que mal orientado poderia levar Fernando a extremos deploráveis, constituiu assim para ele uma energia e riqueza incomparáveis para as grandes conquistas e realizações, que tornam uma existência sobredoiurada de heroísmos.

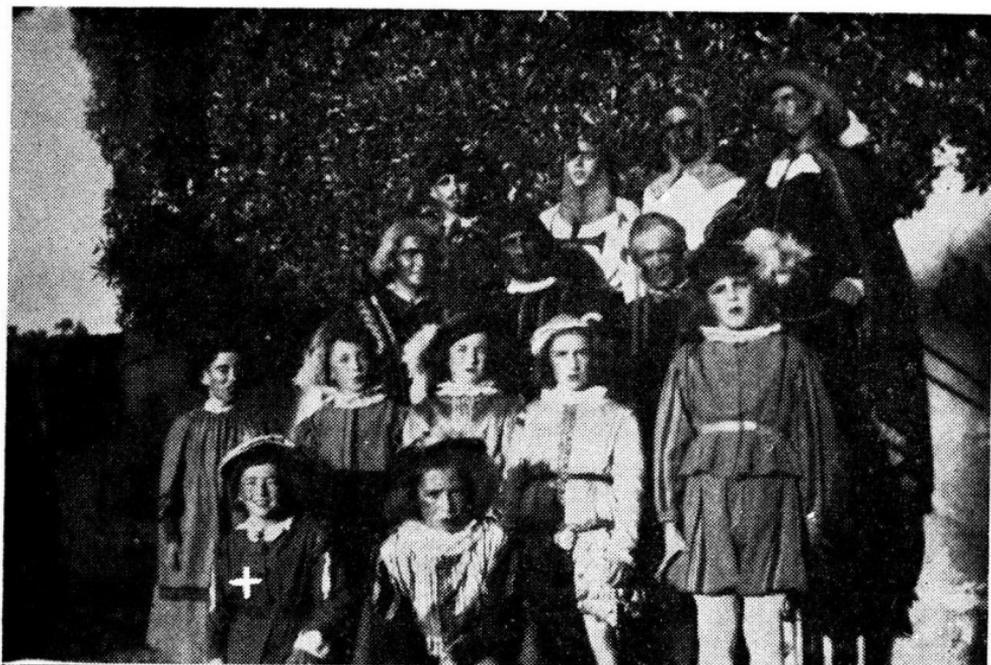
Esses dois campos, onde se espraíram os caudais do seu génio impulsivo, foram o desporto e o apostolado.

Limitamo-nos, aqui, a falar só do Fernando desportista, para também nesta parte da sua biografia, o Fernando ser... «um rapaz como os outros».

(1) — José Fontoura Alves

EM CIMA — O Fernandinho era escolhido para as representações teatrais salesianas do Estoril.

EM BAIXO — Reinava bom apetite entre os alunos salesianos do Estoril...



Escreveu-o com chiste o seu companheiro António Rodrigues da Silva, ao fazer de testemunha de acusação sobre os seus defeitos:

«Os defeitos que eu tive ocasião de observar no Caló foram a sua frequente irascibilidade. Era muito irascível. E talvez um pouco vaidoso nos tempos anteriores. O seu maior defeito, para mim, era ele ser... adepto do Sporting Club de Portugal...»

* * *

O mundo é uma bola... E não admira que aqueles que nele vivem, vendo a bola no ar, tragam a cabeça... mai-los pés... na bola.

É certo que todos os exageros são condenáveis, e a paixão da bola não foge à regra. Mas neste século de exageros em que vivemos, este ainda é o menor. Ao menos, nos Estádios, respira-se o ar fresco e lavado que não se respira nos ambientes fechados e asfixiantes de cinemas e teatros...

Se o desporto entusiasma todos os jovens, tinha de entusiasmar quem, desde pequeno, tinha a sua alegria «em dar corridas»...

A sua correspondência, os seus colegas, tudo nos fala do seu entusiasmo pelo desporto-rei...

Escreve a uma sua benfeitora do Estoril:

«Mando-lhe este papel para lhe perguntar se já resolveu este difícil caso da nossa coisa, que é a bola. É para lhe perguntar se ma quer oferecer. Se quisesse, podia mandá-la pela minha mãe, pois eu gostava muito de ter uma bola. Bom, é só isto... Se ma quiser dar, como disse, quando eu estava no Estoril, eu gostava, mas agora, se não quiser, é que é pena...»

À mãe escreve em 25-5-52:

«Escrevo-lhe este postal para lhe pedir que no dia dos meus anos me trouxesse, se pudesse, uma bola grande, tamanho normal...»

Em cartas ao pai:

«No passado dia 29 foi a festa dos tipógrafos. Os alunos tiveram um desafio com os oficiais das Oficinas, que eram tipógrafos, vencendo estes por 2-0.

«O pai não se assuste com o que lhe vou dizer, mas é verdade, embora já esteja bom, aqui há dias torci um pé. Sabe como foi? Foi assim: eu ia a chutar uma bola à baliza (era um desafio internacional do colégio entre os clubes «Audazes» e «Destemidos» — eu, é natural, sou «Audaz»), e, de repente, sem eu ver, aparece-me um adversário na frente para me tirar a bola e eu, como já tinha pé na bola, chutei. O choque foi tremendo. O outro caiu no chão, eu fiquei com o pé inchado. Agora já estou bom».

Mal suspeitaria que outro desastre, mais trágico, o esperaria...

Interessantes os depoimentos de dois companheiros:

«... nos jogos também era bom camarada... Trazia sempre consigo rebuçados e quando jogávamos à guerra prometia um a quem o matasse. Prometia e cumpria. Gostava de jogar o futebol na ponta esquerda. (1)

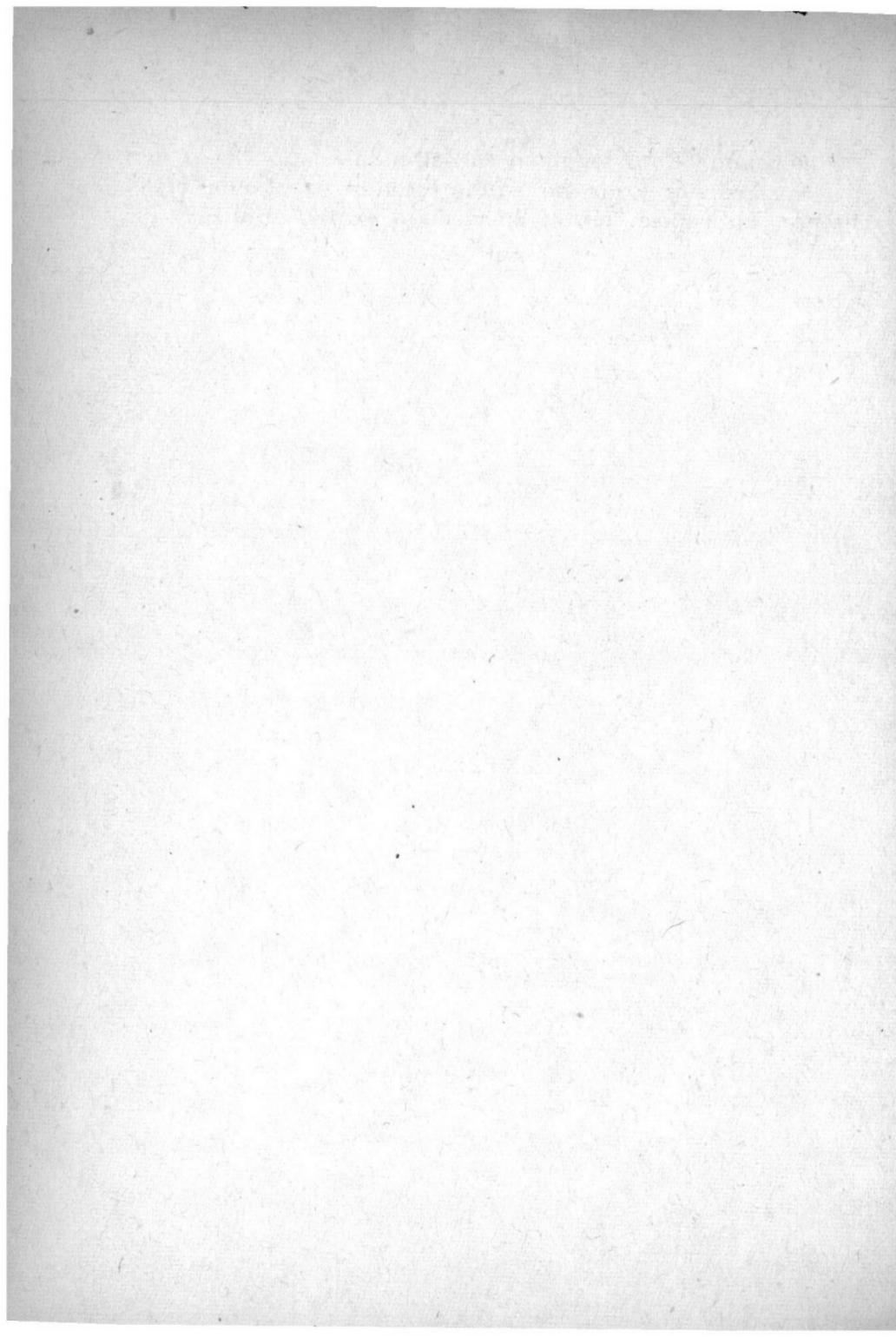
«Nos jogos de futebol era um pouco nervoso, falava muito e discutia. Nada estava bem. Ele era dum grupo, eu doutro. Um dia, eu andava a jogar, e um dos rapazes do grupo dele atirou um ao chão. Depois eles queriam marcar livre. Ele então não deixava». (2)

(1) — *Ludgero Tadeu, aluno desde 1953 a 1958.*

(2) — *João Augusto Fontes, aluno desde 1954-56. (Entrou para Salesiano).*

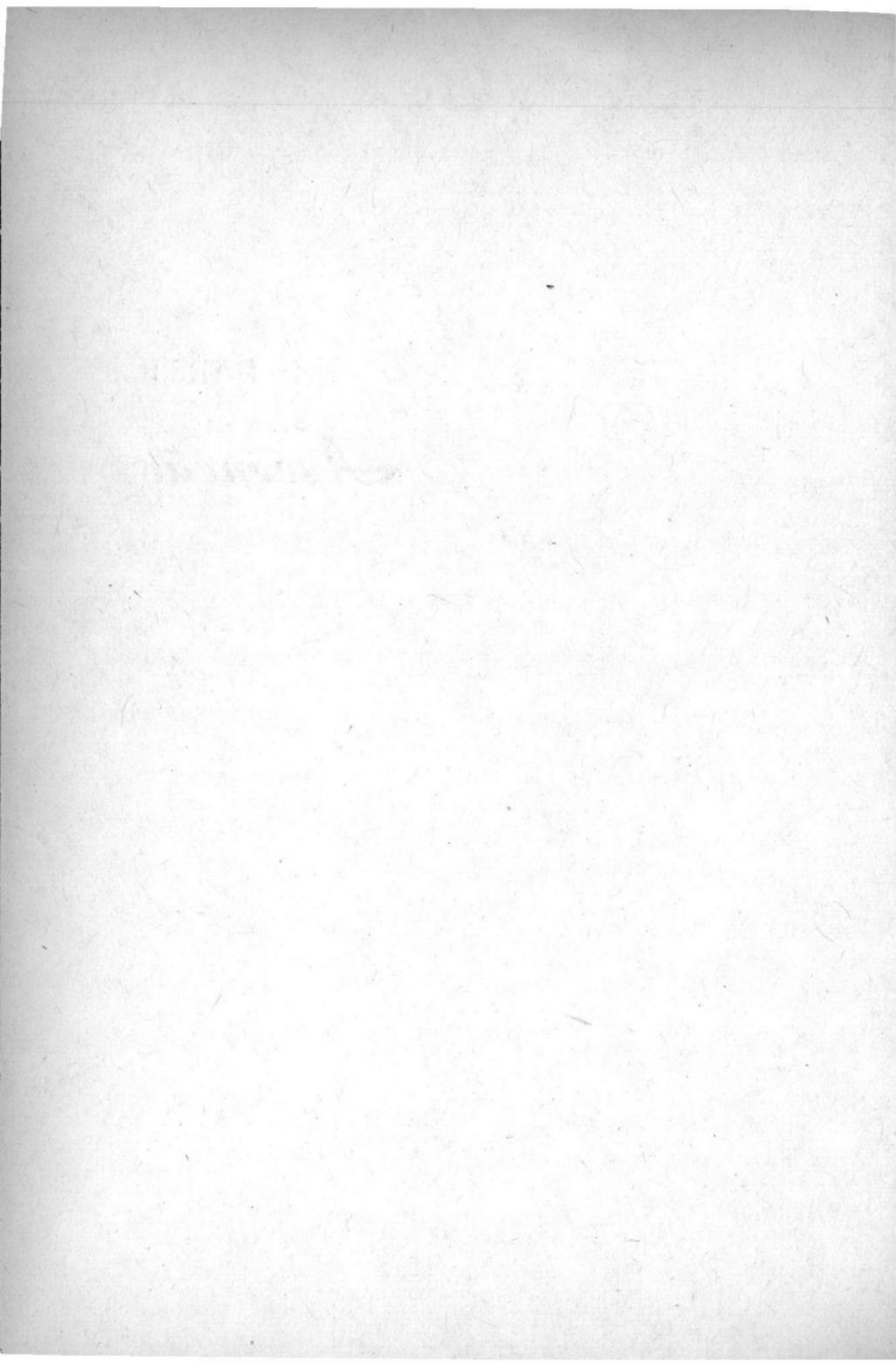
Fernando Caló seguia o conselho salesiano:

Nos recreios jogar, no estudo estudar, na oficina, trabalhar, na capela, rezar; em toda a parte ser alegre e bom...



II PARTE

Ascensão



O arranco

Os primeiros anos da vida de Fernando apresentaram «um rapaz como os outros», embora, de vez em quando, já a Graça lampejasse nele cintilações, que fariam pre-nunciar uma grande ascensão espiritual, se encaminhada, amparada e correspondida.

Estes primeiros anos provaram a tese de que os santos não nascem, mas fazem-se à custa de uma vontade her-cúlea, duma luta sangrenta, secundando fielmente mi-mos da Graça divina, que nem por serem mimos dispen-sam essa condição indispensável da correspondência humana.

Confirmação cabal desta afirmação são os depoimen-tos dos companheiros de que, nos primeiros anos, nada notaram nele de extraordinário:

«...Só se começou a distinguir como bom companheiro um ou dois anos antes da sua morte...» (1)

Mais expressivo ainda:

«No princípio não o estimava como no fim... Várias

(2) — Mário Franco

vezes lhe disse: tu és um grande hipócrita... És um santinho, mas de pau carunchoso... Passou-se um ano e tudo isto mudou... Comecei a estimá-lo mais que nunca... Até me deu vários conselhos...» (1)

«Até há dois anos não era santidade nenhuma, nem mal comportado... De há dois anos para cá, exerceu na minha pessoa influência relevante, tanto por alguns bons exemplos como por bons conselhos...» (2)

Durante este tempo, podemos concluir agora, choveram sobre a alma de Caló, como dos companheiros, as águas da Graça, através dos sacramentos e da oração e da palavra de Deus proferida pelos superiores. Sob essa acção, abriram-se-lhe as asas da alma e ele, com vontade forte, fez o arranco para as alturas.

Esta vontade forte vimo-la manifestada no esforço e sacrifício com que, já doente, acompanhava ainda os ensaios da banda; testemunha-o um aluno, acima citado, admirando a sua força de carácter; e outros a afirmaram, pondo ao lado de outras virtudes nele salientes, a «vontade» (3) «tenho visto nele sempre uma grande vontade» (4).

Manifestou-o mais eloquentemente na prática das outras virtudes, que exigem constância e energia, e que os colegas nele admiram como «fidelidade» ao regulamento; «era um rapaz capaz de se dominar e até aos outros» (Francisco Carreira) (5); «o seu comportamento era exemplar, sabendo dominar todas as tentações» Recaredo Nunes);

(1) — José de Sousa Marques.

(2) — José de Sousa Alves.

(3) — Laurindo Calado

(4) — Manuel Monteiro, aluno desde 1952 a 1955. Ingressou nos Salesianos.

(5) — Aluno de 1954 a 1958.

«um rapaz cumpridor dos seus deveres e um amigo do regulamento, porque não só o observava, mas vivia-o; e se alguma vez em alguma falta contra ele caía, levantava-se prontamente mais forte...» (1) «Defendia sempre a verdade e era exemplar em toda a parte»; (2) «Foi-nos dado um aviso, que dizia que não devíamos pôr os braços sobre as costas do banco anterior, e que tínhamos assim a oportunidade de fazer um sacrifício. Um tempo depois olho para o lugar dele (Caló) e vejo-o a cumprir a proposta». (3)

A força de vontade há-de manifestar-se, porém, nas horas de contrariedade e de luta. Manifestá-la-á também eloquentemente na sua doença final. Mas já a revelava numa carta ao pai, a propósito de um incidente com um colega, em que o desculpa, apesar de muito o ter feito sofrer. Transcrevemos:

«24-I-1954 — ... Eu estava a folar fora da Oficina uma caixa, em virtude de esta ter muito pó e lixo. Daí a pouco, o sr. Mestre bate as palmas. Eu fui... Ao mesmo tempo vem um miudo com uma vassoura na mão e começou a ameaçar-me com ela. Eu disse-lhe que com vassouras é perigoso brincar, e para estar quieto. Ele tem pouco siso e além disso é muito pequeno. Não pensou, deu-me com a vassoura na cabeça; eu então ia-lhe tirar a vassoura, e julgando ele que eu lhe ia bater, mandou a vassoura para a frente e esta deu-me no olho e alguns piassabas também se me enfiaram no nariz e no olho, e fiquei com a cara espicaçada. Estive dois dias com o olho prensado,

(1) — *Amândio Vieira*

(2) — *José Fontoura Alves*

(3) — *Ludgero Tadeu*.

e depois tirei-o da prensa e já estou fino. Eu não disse nada ao pai, para o pai não julgar que eu tinha ficado cego, e não ficar aborrecido, que depois quando estivesse bom, dizia tudo como disse agora e o pai ficava mais tranquilo e mais descansado».

Patenteia-se aqui, também, a grande delicadeza de alma que já distinguia o Fernando, aquele Fernando que agora já é considerado pelos seus companheiros como o melhor aluno das Oficinas de S. José:

«Era o aluno que melhor honrou as Oficinas de S. José com o seu comportamento... Era o melhor rapaz do Colégio». (1)

«Foi um dos que votei pela ocasião do lava-pés, em 5.ª feira santa (para a escolha dos apóstolos). Votei por ele, porque vi nele o melhor rapaz do Colégio. Quero dizer com isto que ele se comportava bem, muito bem». (2)

«Vejo que foi para essa mãe (do Caló) um motivo de maior alegria saber que o seu filho era o melhor aluno do Colégio, e tanto em comportamento como nos estudos». (3)

«O seu comportamento era modelar». (4)

«O seu comportamento era ótimo. Foi classificado pelos Superiores o melhor aluno do Colégio. Acho justo» (1).

(1) — *João Fontes.*

(2) — *Mário Franco.*

(3) — *António Rebelo, aluno de 1953 a 1959.*

(4) — *Amândio Vieira.*

(5) — *António Jacinto Rosa.*

«Eu acho que ele era um magnífico companheiro, porque ele gostava que se cumprisse o regulamento, mas ele era o primeiro a cumpri-lo, dando assim exemplo aos companheiros e dava bons conselhos, que serviam para enriquecer a nossa alma» (1).

«O seu comportamento é sem dúvida um dos melhores, senão o melhor comportamento dentro destes últimos dois anos» (2).

Ao lado deste seu comportamento modelar, testemunhado pelos melhores críticos, observavam os companheiros as suas virtudes, dentre as quais sobressaiem, segundo eles, a piedade, a caridade, bondade com os colegas, gratidão para com os Superiores, obediência, humildade, alegria. Mas a virtude, que mais impressionou e influenciou favoravelmente os companheiros, aquela que mais distinguia o Fernando, segundo a maioria dos depoimentos dos seus colegas, foi a Pureza.

Eles mesmos, que ficavam muitas vezes edificadas ao encontrarem-no na capela, nas horas das visitas facultativas ao SS. Sacramento depois das aulas ou oficinas, reconheciam o poder da piedade como elemento poderosamente defensivo das batalhas decisivas para os triunfos da vida e da eternidade.

«Sempre que o via na capela compenetrado na oração, via-se nele algo de bom. Ele ia sempre buscar a força para poder resistir às tempestades, que frequentemente se lhe apresentavam... e que ele, com o auxílio do Céu, conseguia vencer...» (3)

(1) — *Recaredo Nunes.*

(2) — *Francisco Carreira.*

(3) — *António Rebelo.*

Depois deste resumo do arranco do Fernando Caló na sua ascensão espiritual, é-nos doce e ameno registar aqui um pormenor, que não passa despercebido a quem acompanha a ascensão da vida espiritual das almas.

O interior reflecte-se sempre no exterior. A delicadeza de alma vai informando e modelando a delicadeza de maneiras. Os inimigos vão sendo vencidos, subjugados, conquistados. E no Caló operou-se esta transformação, e os seus companheiros insensivelmente sofreram a seu respeito esta reviravolta. Um facto, além do que ficou já citado, a ilustrar graciosamente esta afirmação:

«Há dois anos para cá, devido a maior convivência com ele, no pátio, nos grupinhos, e porque perdeu um pouco as feições de chinês, comecei a simpatizar com ele, e o seu físico era mais atraente...» (1)

«... tinham os seus colegas o costume de o alcunharem de chinês. Foi verdadeiramente surpreendente a maneira como passados dois anos de imensa bondade e caridade, esse hábito intolerável desapareceu. Ele fazia assim: Ouvia chamar-lhe a alcunha. Passados dois dias sempre a falar bem com ele, avisando mansamente, e assim conseguia que ninguém mais lhe chamasse». (2)

Ficaria incompleto este capítulo sem uma alusão ao papel decisivo exercido nesta ascensão pelo seu director espiritual, Superior das Oficinas de S. José. Um depoimento dum companheiro revela-nos o grande segredo pedagógico de D. Bosco, que deu em Turim um Domingos Sávio, e em Lisboa um Fernando Caló: a docilidade, a confiança com o director espiritual.

(1) — *José de Sousa Alves*

(2) — *Frederico Vigário*

«De quinze em quinze dias ia ter com o seu director espiritual e ali recebia as luzes necessárias para enfrentar o perigo, e os meios para vencer» (1).

São muito reveladores os seguintes períodos duma carta do Caló para o seu Director:

«31-7-54... Com a graça de Deus e a tranquilidade da minha alma, comecei eu as minhas férias, e com o seu auxilio tenho-me mantido até aqui fiel aos meus bons propósitos, que no dia da despedida tracei... Senhor Padre, agora peço desculpa de todos os desgostos que lhe dei durante o ano, e também dos maus bocados que lhe fiz passar. Juntamente peço desculpa a todos os meus Superiores, especialmente aos Srs. P.es Prefeito e Conselheiro, que foram os que mais sofreram por minha causa... Rogue por mim a Deus, Sr. Padre, doutra forma isto é capaz de andar mal».

À vista destes frutos tão consoladores, fica confirmado que só é verdadeira formação, e verdadeiramente eficaz e duradoura, a feita individualmente, porque mais profunda e mais adequada. A educação e formação em massa, além de ser superficial, tem o grande defeito de não ser adaptada, porque «cada alma é uma diocese» (S. Francisco de Sales). Quem busca triunfos fáceis, prefere as grandes massas. Mas quem quer fazer frutificar para o tempo e para a eternidade, não se ilude com as multidões, e «prefere a pesca à linha»... Cristo morreria só por uma alma. O zeloso Director do Fernando sabia que não perdia o tempo ao dedicar-se à alma de Fernando. Hoje, ele vê o Fernando elevar as Oficinas de S. José e

(1) — José Fontoura Alves.

fazer gravitar à luz do seu exemplo os seus colegas. Certo é que «toda a alma que se eleva, eleva o mundo».

Lembramos um facto histórico:

Afonso Costa visita as Oficinas de S. José nos tempos demolidores do advento da República. Parecia que, em Portugal, tudo quanto era Fé e Religião e Deus, ia ficar subvertido por uma onda infernal. O famoso político entra neste estabelecimento salesiano, donde tinha sido preciso tirar todos os emblemas religiosos. Ficara lá apenas um quadro de Domingos Sávio, já então santo no Céu, mas ainda não santo nos altares. Afonso Costa encarou-o e quis adivinhar:

— Um aluno distinto da casa?

— Sim... sim... — respondeu o virtuoso Director de então P. José Maria Coelho.

— Muito bem: serve de exemplo aos outros.

Se nos nossos tempos os inimigos de Cristo vissem também nas Oficinas de S. José o quadro de Fernando Caló, que superiores e alunos colocaram na parede da tipografia, poderiam adivinhar:

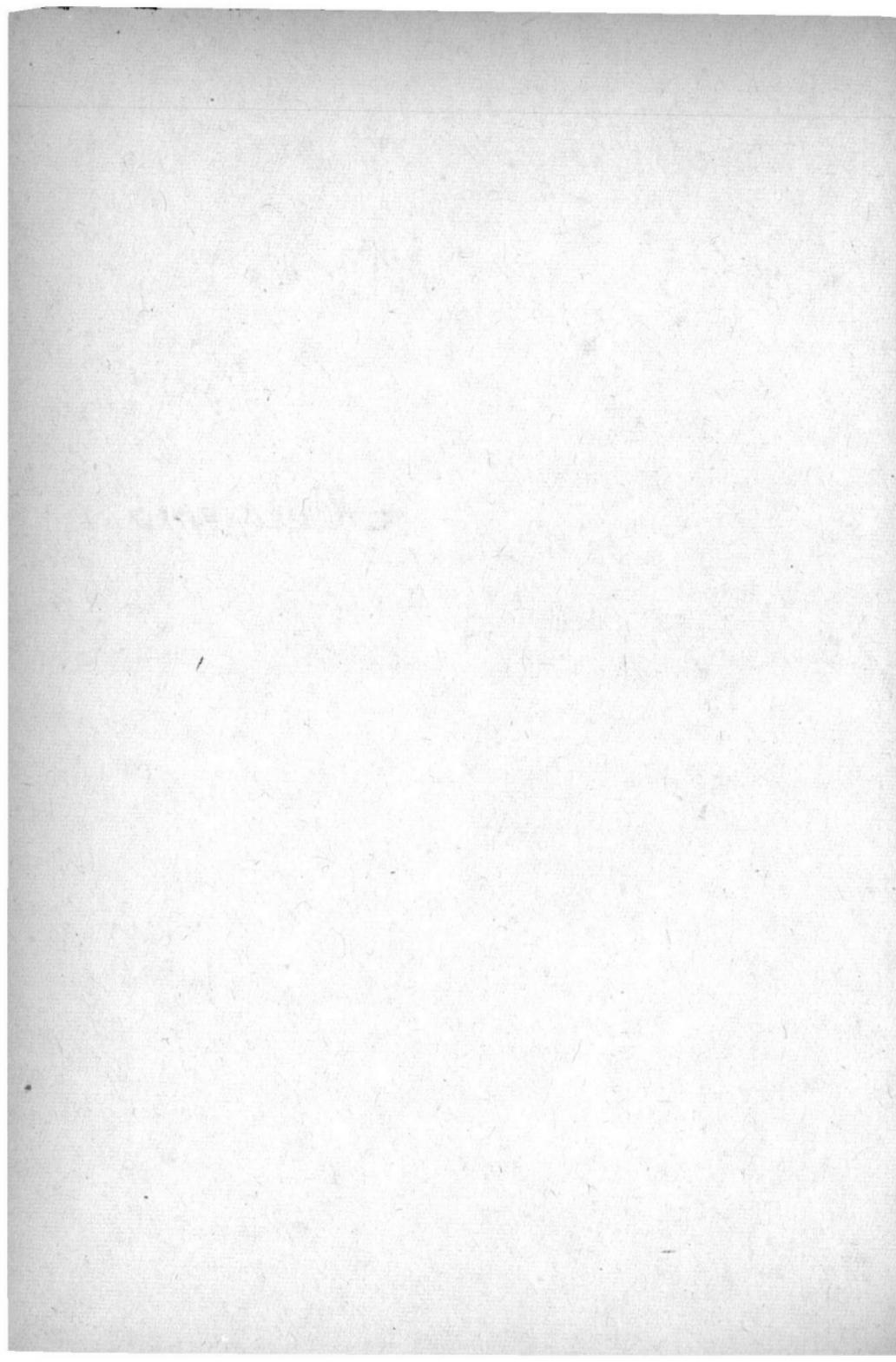
— Um aluno distinto da casa...

E ele poderia revelar-lhes o segredo que eles não podiam ou não queriam adivinhar:

— Mas foi aquele Deus, a quem vós odiais, mas que vos ama, que me encheu a alma e me fez distinto...

III PARTE

Heroismo

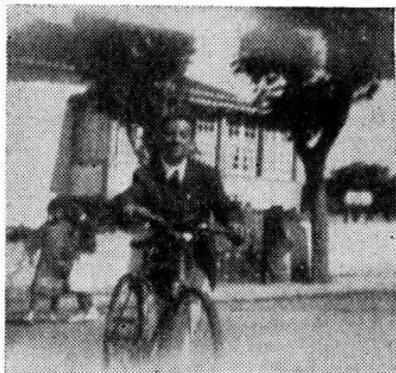


O Caló desportista era um rapaz do seu século...



Junto ao monumento de S. Domingos Sávio — seu modelo e patrono — nas Oficinas de S. José.

Correr era para o Caló uma alegria...



O diário espiritual

Os companheiros do Caló observavam o seu exterior — e já isso os edificava nos últimos tempos. Mas o que se passava na profundidade da sua alma, isso era só segredo de Deus e do seu director espiritual.

Ora são estes segredos — verdadeiras pérolas escondidas — que vamos trazer agora para a luz, publicando aqui alguns diários espirituais do Fernando. Serão uma revelação para muita gente, e, mais do que tudo, um apelo eloquente a todos os rapazes que trazem uma chama de ideal a crepitar-lhes dentro da alma.

O primeiro diário que possuímos é o de Dezembro de 1954. Publicamo-lo na íntegra:

Dezembro - 1954

Dia 1 — Fiz uma visita a Jesus Sacramentado.

Dia 2 — Chamei um dos meus companheiros, para vir fazer uma visita a Jesus, juntamente comigo.

Dia 3 — Fiz uma visita a Jesus.

Dia 4 — A florinha era: Rezar por Sua Santidade. Graças a Deus não me esqueci de o fazer. Fiz uma visita particular a Jesus.

Dia 5 — Fiz uma visita a Jesus.

Dia 6 — Chamei um companheiro para que viesse fazer uma visita comigo.

Dia 7 — Fiz uma visita a Jesus.

Dia 8 — Fiz a minha consagração a Nossa Senhora e depois antes de irmos deitar, fiz a leitura dos meus propósitos, diante da estátua de Nossa Senhora Auxiliadora, prometendo-lhe fazer tudo o que me fosse possível para o cumprir, e ao mesmo tempo, pedindo-lhe auxílio para me manter sempre fiel aos mesmos, para ser mais tarde aquilo que sonho ser.

Dia 9 — Fiz uma visita a Jesus Sacramentado.

Dia 10 — O mesmo do dia anterior.

Dia 11 — Um companheiro está-me sempre a provocar. Eu por vezes tenho o sangue a arder e uma vontade de lhe responder, mas contive-me, e só lhe dei um aviso: caso viesse a acontecer o mesmo, o caso ficava mal parado.

Dia 12 — Fiz uma visita a Jesus, chamando também um companheiro, que anda mais desviado.

Dia 13 — Fiz uma visita a Jesus.

Dia 14 — O mesmo do dia anterior.

Dia 15 — Um pequeno, pediu-me um pouco da minha bucha. Estava-me apetecendo, porque era com acompanhamento, e sabia bem. Estava entre: dá e não dá. Mas lembrei-me: se der, faço uma boa obra, e, por conseguinte, dou. E dei oferecendo este pequeno sacrifício pela conversão de meu pai que está afastado de Deus há alguns anos.

Dia 16 — O mesmo do dia anterior.

Dia 17 — Fiz uma visita a Jesus Sacramentado.

Dia 18 — Honrei Nossa Senhora, fazendo uns pequenos sacrifícios além da florinha.

Dia 19 — Fiz uma visita a Jesus.

Dia 20 — O mesmo do dia anterior.

Dia 21 — Um assistente pregou-me um pontapé que mesmo assim me aleijou um bocado. Tive muita vontade de lhe responder, mas não o fiz.

Dia 22 —

Dia 23 — Fiz uma visita a Jesus.

Dia 24 — Preparei-me bem para a vinda de Jesus.

Dia 25 — Recebi Jesus e procurei desagrává-lo naquele dia.

Dia 26 — Cumpri neste dia com os meus deveres religiosos.

Dia 27 — Tive que regressar ao Colégio, e fi-lo com muita alegria, e vindo com novos propósitos.

Dia 28 — Fiz uma visita a Jesus.

Dia 29 — Fiz uma visita a Jesus Sacramentado.

Dia 30 — O mesmo do dia anterior.

Dia 31 — Preparei-me para acabar bem o ano findo, e começar o novo melhor que o que findou.

Dos restantes diários, transcrevemos apenas as passagens mais importantes, já porque nos revelam o seu ideal, já porque nos dão a medida da sua generosidade. Alguns deles reservamo-los ainda para outros capítulos desta biografia.

Janeiro - 1955

Dia 1 — Preparei-me da melhor maneira e, neste dia, comecei o ano, com um propósito firme: Durante todo o ano corrente, não ofender a Jesus com faltas graves, e evitar quanto possível as faltas leves. Para meus modelos, para todo o ano, tomei a Virgem Imaculada e S. Domingos Sávio.

Dia 2 — Consegui fazer com que um dos meus companheiros, um dos que menos vezes o faz senão mesmo nenhuma, viesse fazer uma visita a Jesus comigo.

Dia 5 — Não me apetecia jogar aquele jogo que nós haviam dado. Porém, joguei de boa vontade, e com alegria.

Dia 6 — Não me esqueci de pedir aos Reis Magos, por todas as minhas necessidades espirituais e temporais, e pelas necessidades de toda a minha família e desta casa.

Dia 11 — Na oficina, o meu mestre, já várias vezes me diz: Então ainda estás a dormir? Eu já por duas vezes que sinto vontade de responder, mas como não devo responder, calo-me.

Dia 13 — Iniciei uma novena em Honra de S. João Bosco.

Dia 15 — Preparei-me para a festa do Sr. Cardeal.

Dia 16 — Neste dia, festa de S. Eminência, não me esqueci de pedir a Jesus pelas suas necessidades.

Dia 20 — Chamei um dos meus companheiros para que viesse visitar a Jesus comigo.

Dia 24 — Fiz a minha comunhão em honra de SS. Virgem.

Dia 29 — Procurei honrar da melhor maneira o meu patrono deste mês, e também lhe pedi várias graças para as minhas necessidades espirituais e temporais, e também pelas necessidades de todos desta casa.

Dia 30 — Véspera da festa de S. João Bosco. Preparei-me bem para o festejar no dia seguinte, e também para lhe fazer pedidos.

Dia 31 — Festa de S. João Bosco. Neste dia, na hora da comunhão, depois de falar com Jesus, quis falar com S. João Bosco. Falei-lhe e entreguei todo o meu futuro em depósito nas suas mãos, para que ele desde esse dia em diante faça de mim um apóstolo, salvando a minha alma, e também a de muitos outros,

por intermédio de mim. Depois pedi-lhe para que ele me entregasse, como filho, a Maria Santíssima para que ela com o seu poderoso auxílio guiasse todos os meus passos, e me fizesse apóstolo, como desejo ser, e ajudasse nas minhas lutas diárias. Depois pedi-lhe as coisas que lhe tenho pedido.

Fevereiro - 1955

Dia 4 — Tive sede e lembrei-me de fazer uma mortificação, e fiz esta, e só passado algum tempo é que fui beber.

Dia 15 — Uns companheiros estiveram sempre a chamar-me nomes. Deu-me vontade de retribuir; mas não, calei-me. Dei um grande trambulhão e aleijei-me, mas embora me doesse, não me interessei. O Sr. P. Conselheiro chamou-me para ir ensaiar teatro. Eu, como era dia do meu grupo, custou-me um pouco abandonar o jogo de futebol, mas fui de boa vontade.

Dia 17 — Um dos meus companheiros chamou-me por várias vezes alcunhas. Senti um desejo de me voltar contra ele, e de lhe retribuir com a mesma moeda. Mas não, consegui refrear os meus nervos, e contive-me.

Dia 18 — Um companheiro, depois de havermos estado os dois na brincadeira a atirar cascas de laranja, mas sem nos magoarmos, arranjou uma grande casca, e apanhando-me distraído mandou-ma com toda a força, acertando-me em cheio num ouvido. A dor foi grande. Ao mesmo tempo senti dentro de mim um grande desejo de vingança, fazendo-lhe igual ou ainda pior quando se me deparou ocasião. Mas com o auxílio de Deus refreei o meu mau desejo, e não lhe fiz nada.

Dia 20 — Primeiro dia de carnaval, e primeiro dia de ofensas a Jesus.

Para reparar os ultrajes que Jesus recebia neste dia, fui chamar uns companheiros, e juntamente com eles fui rezar a Jesus e pedi-lhe para que tivesse compaixão de todos os que neste dia o ofendessem com os seus maus divertimentos.

Dia 21 — O mesmo do dia anterior.

Dia 22 — Não me esqueci de rezar por aqueles que neste dia ofenderam a Jesus com os seus maus divertimentos e fiz um

pequeno sacrifício pelos mesmos, dando as senhas ⁽¹⁾ que ganhei. Foram poucas mas foi alguma coisa.

Março - 1955

Dia 2 — Às cinco horas, embora estivesse com vontade de comer, dei o pão da refeição da tarde, a um miudito externo.

Dia 4 — Tinha estado a jogar futebol e o dia estava quente. Acabei de jogar, tive uma grande vontade de beber água mas não bebi e ofereci este pequeno sacrifício a Jesus, pela conversão de um pecador.

Dia 7 — Às cinco horas um miúdo externo pediu-me a bucha que eu estava a comer. Embora tivesse muita vontade, não a comi e dei-lha.

Dia 9 — Dia de S. Domingos Sávio. Não me esqueci de lhe pedir muitas graças tanto espirituais, como temporais.

Depois do almoço, fui ao pé do seu quadro, que estava na capela, em frente do sacrário e da Imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, e fiz o seguinte propósito: «ANTES A MORTE, MAS NÃO O PECADO». Depois de fazer este propósito, pedi-lhes, a Jesus, Nossa Senhora, S. José e Domingos Sávio, que me ajudassem sempre a cumpri-lo e a desejá-lo durante toda a minha vida.

Dia 14 — Fiz a minha Via-Sacra em particular, durante um dos recreios.

Dia 18 — Dia que precede a festa de S. José. Preparei-me convenientemente para ela.

Dia 19 — Festa de S. José. Para este dia, tinha destinado fazer vários pedidos ao Santo. Entre eles, pedi o seguinte: que fosse S. José a escolher a minha vocação. Portanto, este negócio está à conta dele, e vamos a ver depois o que ele resolveu.

(1) — É alusão aos jogos e desafios variados do dia de Carnaval; os primeiros recebem uma senha que lhes dá direito a levantar ou escolher um prémio.

Dia 20 — Rezei em particular a Via-Sacra.

Dia 23 — Rezei em particular a Via-Sacra.

Dia 24 — Um miudo pediu-me às cinco horas para lhe dar a bucha, eu sem hesitações dei-lha e ofereci este pequeno sacrifício para desagrarar ao SS. Sacramento.

Dia 30 — Pedi a Jesus pelo Sr. Arcebispo de Évora. (1)

Dia 31 — Dei a minha bucha da tarde a dois pequenos externos, mas dei porque tinha vontade de a comer. Rezei em particular a Via-Sacra.

Abril - 1955

Dia 2 — Primeiro sábado do mês. Fiz a minha comunhão em honra da Santíssima Virgem e continuei os cinco primeiros sábados.

Dia 7 — Quinta-feira Santa. Fiz várias visitas ao Santíssimo Sacramento e fiquei no Colégio durante o passeio dos meus colegas, para esse fim.

Dia 8 — Sexta-feira Santa. Neste memorável e santo dia não me esqueci de visitar a Jesus Crucificado, morto na cruz por meu amor e com o fim de me salvar.

Dia 10 — Dia de Páscoa, dia da Ressurreição do Senhor. Estava em férias e como não pude fazer muitas visitas a Jesus, a felicítá-lo mais de perto, fi-lo de outra maneira: todos os meus actos, pensamentos, orações e tudo por mim efectuado neste dia, ofereci à Santíssima Virgem com o fim de A felicitar e glorificar pela Ressurreição de Jesus seu Divino Filho. Também os ofereci a Jesus tendo em vista o mesmo fim.

Dia 11 — Foi com grande satisfação que voltei ao meu colégio, pois já não me sentia bem lá fora, porque o ar que respirava,

(1) — *Refere-se ao grande e saudoso D. Manuel da Conceição Santos, ínclito Arcebispo e apóstolo extraordinário, amigo dedicadíssimo da Congregação Salesiana. Faleceu a 30 desse mês.*

não estava puro. Estava num meio perigoso e arriscado para a minha alma.

Dia 12 — Iniciei bem o meu Retiro e pedi ao Senhor que os seus frutos não se tornassem nulos, com o meu mau procedimento.

Dia 14 — Rezei a Jesus pelo bom resultado do meu Retiro e pelo dos meus companheiros.

Dia 15 — Último dia do Retiro. Depois de mui bem feito o meu exame de consciência, preparei-me para o dia seguinte, com uma confissão geral desde o último Retiro até à data.

Dia 16 — Fiz uma comunhão fervorosa e depois falando com Jesus, disse-lhe os meus propósitos que havia tomado no final do meu Retiro Espiritual. Foram 3.

Dia 25 — Durante a oficina tive vontade de beber água, e não bebi, sendo feito este pequeno sacrifício para que Jesus nos mande benfeitores para a oficina de mecânica se levantar depressa.

Dia 27 — Às cinco horas dei a minha bucha a um dos meus companheiros, e ofereci este pequeno sacrifício, para o levantamento da nossa oficina.

Dia 28 — À mesma hora do dia anterior um pequeno externo pedia-me a minha bucha. Embora me estivesse a saber bem, não hesitei em parti-la ao meio e dividi-la com aquele pequeno. A intenção foi a mesma do dia anterior.

Dia 30 — Convidei vários companheiros de pátio a, no dia seguinte, começarmos uma Novena em Honra da SS. Virgem, pedindo-lhe a enorme graça de as nossas dívidas desaparecerem todas neste mês, e ao mesmo tempo, pedindo qualquer coisa para a nossa oficina de mecânica, não me esquecendo também de pedir pelos nossos queridos benfeitores.

Dezembro - 1956

Dia 1 — Pedi a Jesus, na minha comunhão, que olhasse sempre pela nossa Pátria, e a livrasse dos seus inimigos.

Dia 5 — Honrei Nossa Senhora da seguinte maneira:

Na oficina enquanto trabalhava, cantava. Quando reparei, por várias vezes, que estava a cantar, calei-me e disse: não canto e faço até este pequeno sacrifício em honra da Mãe do Céu.

Dia 7 — Preparei-me bem para celebrar condignamente a Mãe do Céu.

Dia 8 — De manhã fiz a minha comunhão em honra de SS. Virgem. Tinha intenção de à tarde renovar os meus propósitos feitos até agora. Infelizmente esqueci-me. Mas não me dei por vencido, e à noite, aos pés da cama, depois de rezar as três Ave-Marias, fiz o propósito de evitar o pecado mortal, e preferir sempre a morte a essa desgraça. Pedi-lhe depois que se era da vontade de Deus me fizesse morrer naquela noite, ou no dia imediato, mas que me livrasse de cometer um só pecado mortal durante toda a minha vida. Neste propósito encerrei todos os outros que tinha feito. Depois, tranquilamente deixei-me adormecer.

Dia 10 — Deram um jogo que não me agradava, mas para honrar a Virgem, joguei da melhor vontade e com a maior satisfação.

Dia 13 — Fiz a minha comunhão em honra da Virgem de Fátima.

Dia 18 — À tarde tivemos estudo. Estava um pouco cansado, e a cabeça caía-me a pedir o dormir. Porém, lembrei-me de contrariar a minha vontade, e fiz todos os esforços por me manter sem dormir.

Dia 19 — Como festejámos o Senhor Nuncio Apostólico, ofereci a minha comunhão por ele e pedi muito pelas vocações sacerdotais, e especialmente pedi pela minha vocação.

Dia 24 — Véspera do Santo Natal. Preparei-me bem para tão grande festa com uma santa confissão.

Dia 25 — Dia de Natal. De manhã fiz a minha comunhão em honra do Menino Jesus. Mas, porém, como só a comunhão neste dia era pouco, pedi conselho ao meu confessor, sobre mais alguma coisa que poderia fazer em honra do Menino Jesus, não só para este dia, mas também para durante esta quadra. Disse-me ele: Todas as contrariedades que te vierem, sofre-as com paciência e humildade. E propus-me isto, procurando cumprir o melhor possível.

Dia 26 — Dia feliz para mim. Levantei-me cedo e fui à Igreja Paroquial. Estavam a celebrar a Santa Missa quando lá cheguei. Quando chegou a hora da comunhão, fui comungar. Quando estava com Jesus no meu coração, e sobretudo na minha alma, fiz-lhe uma promessa solene: A de guardar na minha alma, custe o que custar, até a vida se isso fosse possível, a santa virtude da pureza. Quando lhe acabei de fazer a promessa, especialmente nesta semana em que o voto estava a ser cumprido, consagrei-o à

honra e glória da Virgem Imaculada e Auxiliadora, pois foi ela quem esmagou a cabeça da serpente infernal.

Dia 30 — Último dia do ano de 1955. Fui confessar-me e preparei-me o melhor possível, para entrar no novo ano de 1956. À noite, quando me deitei, falei um pouco a Jesus, pedindo-lhe perdão de tudo quanto fiz e que lhe desagradou. Também pedi a Jesus nesta ocasião, para que multiplicasse o bem que fez, por meu intermédio, neste ano de 1955. Depois, tranquilo, dormi.

Janeiro - 1956

Dia 1 — Primeiro dia do ano. Foi um dia feliz para mim. De manhã fiz a minha comunhão. Depois de a ter feito, e de ter ido para o meu lugar, fiz um propósito solene a Jesus, para este ano de 1956. Este propósito já o tinha feito no ano passado, e este ano renovei-o. É o seguinte: Durante este ano de 1956, empenhar-me-ei, quanto possível, para não cometer um pecado mortal até ao fim, e farei também o possível para evitar qualquer falta leve. E todos os dias na minha comunhão, incluída a deste dia, eu peço a Jesus a grande Graça de me mandar a morte, antes de eu ter a desgraça de cometer algum pecado mortal, se assim é da sua santa vontade. ⁽¹⁾

Dia 4 — Neste dia um dos meus companheiros começou a gozar-me. Eu como não estava muito bem disposto senti cá dentro uma revolução e desejo de lhe pagar com a mesma moeda; mas pensei melhor no que ia fazer, e no estado em que ficaria depois, pois ainda ficava mais zangado e aborrecido e calei-me. Passado pouquíssimo tempo, ele vendo que eu não ligava nada, calou-se e nunca mais me apoquentou, e eu fiquei satisfeito comigo mesmo, pois fiz um pequeno sacrifício.

Dia 6 — Primeira Sexta-feira do ano e do mês. Continuei a prática das nove primeiras sexta-feiras do mês.

⁽¹⁾ — *No pensamento de Caló a frase «se assim é da vontade de Deus», refere-se à morte e não ao pecado.*

Dia 8 — Festa da Sagrada Família. Pedi a Jesus pelas famílias mais desgraçadas do nosso País, especialmente pela minha, que bastante necessita.

Dia 18 — Nas minhas orações não me esqueci de pôr a intenção de rezar pela unidade da Igreja.

Dia 31 — Festa de S. João Bosco. Graças a Deus, foi um dia feliz para mim. Da parte de manhã fiz a minha comunhão, e depois falei a Jesus. Como já tinha licença, fiz neste momento o meu voto. Graças a Deus, pude prolongá-lo, de uma para duas semanas. Por conseguinte até dia de carnaval à noite, dia este em que Jesus recebe muitos ultrajes. Depois pedi mais umas coisas. À tarde, depois do almoço, aproveitei a ocasião, e fui à capela, e diante do SS. Sacramento, da Virgem Auxiliadora e da imagem de D. Bosco, eu renovei todos os meus propósitos feitos até à data. Pedi muitas graças a D. Bosco, e que espero serão concedidas; mas uma toda especial, eu pedi à Virgem e a D. Bosco: a solução dum grande problema, o problema da minha vocação. Que resolvessem este problema da maneira que acharem melhor para a glória de Deus, seja em que campo e em que estado fôr.

Fevereiro - 1956

Dia 5 — Ofereci a um dos meus companheiros uma gabardine, para ele se tapar do frio.

Dia 12 — Primeiro dia de Carnaval. Todas as minhas acções, orações e obras foram oferecidas a Jesus para o desagrar dos muitos ultrajes que ele recebe nestes dias.

Dia 13 — Ofereci a minha comunhão à Virgem de Fátima para que, juntamente com Ela, melhor desagrasse o meu Jesus, especialmente nestes dias de carnaval.

Dia 14 — Dia de carnaval. Todas as minhas acções, orações, e tudo o que fiz, ofereci-o para desagrar o Sagrado Coração de Jesus que neste dia é tão ofendido. Pedi-lhe especialmente pelos rapazes da minha idade, que neste dia, quem sabe...

Dia 21 — Tive sede e não bebi. Ofereci este pequeno sacrifício a Jesus, pela conversão dos pecadores.

Dia 1 — Véspera do dia do Santo Padre. Preparei-me para tão grande dia.

Dia 2 — Ofereci tudo, orações, boas obras, comunhão, Missa, etc. para o Santo Padre Pio XII. Durante o dia vieram-me várias ocasiões de praticar boas acções o que procurei aproveitar o melhor possível conseguindo-o algumas vezes.

Dia 3 — O mesmo do dia anterior.

Dia 5 — Durante o dia aconteceram-me coisas que me contrariaram muito. Apeteceu-me zangar, e dar largas ao meu mau humor, mas lembrei-me de fazer este pequeno sacrifício, para ajudar alguns cristãos menos praticantes, a fazer a sua desobriga anual; deste modo cumpri a florinha do dia de S. José.

Dia 7 — Quando estava na capela, lembrei-me de rezar, sem me encostar ao banco, e comecei logo a fazê-lo.

Dia 8 — Na oficina, por várias vezes me veio a tentação de falar com o meu colega; umas vezes não me lembrava, e falava; outras lembrava-me de que não devia falar, e falava; mas também consegui dominar algumas vezes, e não falei quando me apeteceu. Estas em menor número.

Dia 9 — Dia de S. Domingos Sávio. Fiz a minha comunhão e propus-me passar santamente o dia. Depois do almoço, aproximei-me da imagem de Domingos Sávio e diante do SS. Sacramento, na presença de Nossa Senhora e de S. José, eu renovei o propósito que havia feito o ano passado no dia deste Santo: «Antes morrer que pecar». Renovei-o, e com nova força, pedindo incessantemente a este santo que me ajudasse a ser forte como ele foi, e a manter-me fiel até à morte. «Antes morrer, Senhor, do que ter a desgraça de vos ofender».

Dia 11 — Festa externa de S. Domingos Sávio. Fiz a minha comunhão, e quando tinha Jesus no meu peito, renovei todos os meus propósitos, e pedi-lhe que me ajudasse a ser firme, mais que até aqui. Que nunca faltasse aos meus propósitos, que os cumprisse sempre até ao fim da vida. Pedi também a S. Domingos Sávio, a ele, que foi o herói e conservador da pureza, que me desse aquela vontade forte que ele tinha e que o levou a fazer-se Santo. «A morte, mas nunca o pecado».

Dia 12 — 17.º aniversário da Coroação de Sua Santidade

Pio XII. Ofereci a minha comunhão e boas obras, orações e tudo o que fiz durante o dia, para o Santo Padre, para que o Senhor o conserve ainda por muitos anos a governar a sua Igreja. À hora da comunhão disse a Jesus: «*Olha, Jesus, vou-te fazer um grande pedido. O Santo Padre está velhinho, e eu sou novo. Por isso te peço do fundo do coração, e se é da tua santa vontade, me tires os anos que queiras e quantos forem precisos, à vida, e os ponhas na conta do Santo Padre. Ele é preciso no mundo, e eu sou um estorvo. Se porém não aceitas a minha oferta, eu te peço me concedas a graça de escolher bem a minha vocação, para melhor te servir*».

Dia 13 — Dia dedicado à Virgem de Fátima. Fiz a minha comunhão em sua honra, e ofereci-lhe todo o meu dia. Como um dos meus companheiros não andava lá muito bem na vida de piedade, eu propus-me, e disse-o a Jesus, não beber água às refeições. Ao princípio esqueci-me, e para não me esquecer, fiz um nó na ponta do guardanapo.

Dia 14 — Ao fim de um dia de ter feito aquela penitência, fui atendido, e o meu companheiro foi, neste dia, à Sagrada Comunhão, com grande alegria minha. — À tarde durante a oficina, tive sede, mas não fui beber água. Fiz isto para conversão dos pecadores.

Dia 19 — Festa de S. José, patrono e titular da nossa casa. De manhã fiz a minha comunhão. Desejaria neste momento fazer um voto, mas como não tinha a necessária licença para o fazer, fiz o sacrifício de o não fazer; pedi então a Jesus que não permitisse que eu o ofendesse, que me mandasse a morte antes de eu ter essa desgraça. Pedi muito pela nossa casa, que as obras sigam com velocidade, para nela se poderem abrigar muitos rapazes, pedi também para que as nossas dívidas desapareçam depressa, pois com elas liquidadas será mais fácil ir à frente; e também pelos nossos queridos benfeitores, para que eles não tenham medo de dar. E para finalizar o dia, entreguei a S. José um problema, para que ele lá no céu o resolva, e mande para cá o resultado. Pus nas suas mãos o problema da minha vocação. Para que Jesus, a seu pedido, me dê as luzes necessárias para eu resolver este grave problema, que ultimamente muito me tem preocupado: «*A melhor maneira, e que mais Lhe agrade, para eu O servir nesta terra*». Estou disposto a tudo para bem o fazer.

Dia 22 — Vendo que um dos meus companheiros andava um

bocado triste, fui ter com ele, procurei consolá-lo, e dei-lhe um bom conselho e disse que rezaria por ele.

Dia 23 — Fui a Fátima .⁽¹⁾ Foi um dia feliz para mim assim como para os meus companheiros. Durante a Missa, fiz a minha comunhão. Quando esta acabou, e eu pude dar melhor acção de graças, eu fiz a Jesus os pedidos que me levaram lá, bem como outros particulares para a família, companheiros, superiores e para mim. Depois de pedir o que tinha a pedir, eu fiz um voto diante e na presença de Nossa Senhora, na capelinha das aparições. Um voto de guardar a pureza, ⁽²⁾ até ao fim da Semana Santa. Pedi-lhe depois que não me faltasse com o seu auxílio, porque as lutas iam ser maiores e mais frequentes. Consagrei-o à honra e glória da Virgem. À tarde, depois do almoço, fui ao Santuário, e na presença de Jesus, e da imagem da Virgem, renovei e li todos os meus propósitos feitos até agora, e pedi muito à querida Mãe do Céu, me assista sempre, e me faça sempre querer os meus propósitos e desejar sempre a morrer que a transgredi-los. E depois, para mim, uma última coisa lhe pedi: foi pela minha vocação. «Dai-me luzes, Mãe do Céu, para ver e seguir o caminho que Deus quer que eu siga, e que mais seguramente me pode levar até Ele».

Dia 29 — Quinta-feira Santa. Jesus foi para o sepulcro. Procurei neste dia, desagrar a Jesus na SS. Eucaristia fazendo-Lhe muitas visitas e pequenos sacrificios.

Dia 30 — Sexta-feira Santa. Morreu o Senhor e por causa de mim. Procurei desagrará-lo do mesmo modo que no dia anterior, e pedi-Lhe que ajudasse, para eu ter força suficiente para eu vencer o mal e assim não o tornar a pregar naquela cruz, que Lhe deu a morte.

Dia 31 — Sábado Santo e Vigília Pascal. Preparei-me bem para festejar condignamente o acontecimento que se ia comemorar no dia seguinte. Com o fim deste dia e deste mês, terminou o meu voto, que havia feito em Fátima.

(1) — *Ver Apêndice.*

(2) — *Refere-se ao voto de castidade.*

Abzil - 1956

Dia 1 — Dia da Ressurreição. Comunguei na Missa da Vigília, e depois, fiz um voto de guardar a pureza até ao final do meu Retiro Espiritual.

Dia 4 — Tive vontade de beber água por várias vezes, mas não bebi, e ofereci isto, para que os meus paizinhos façam a sua desobriga.

Dia 10 — Comecei bem o meu Retiro Espiritual, e pedi muito a Jesus para que me ajudasse a fazê-lo bem, e a resolver durante ele, o problema da minha vocação.

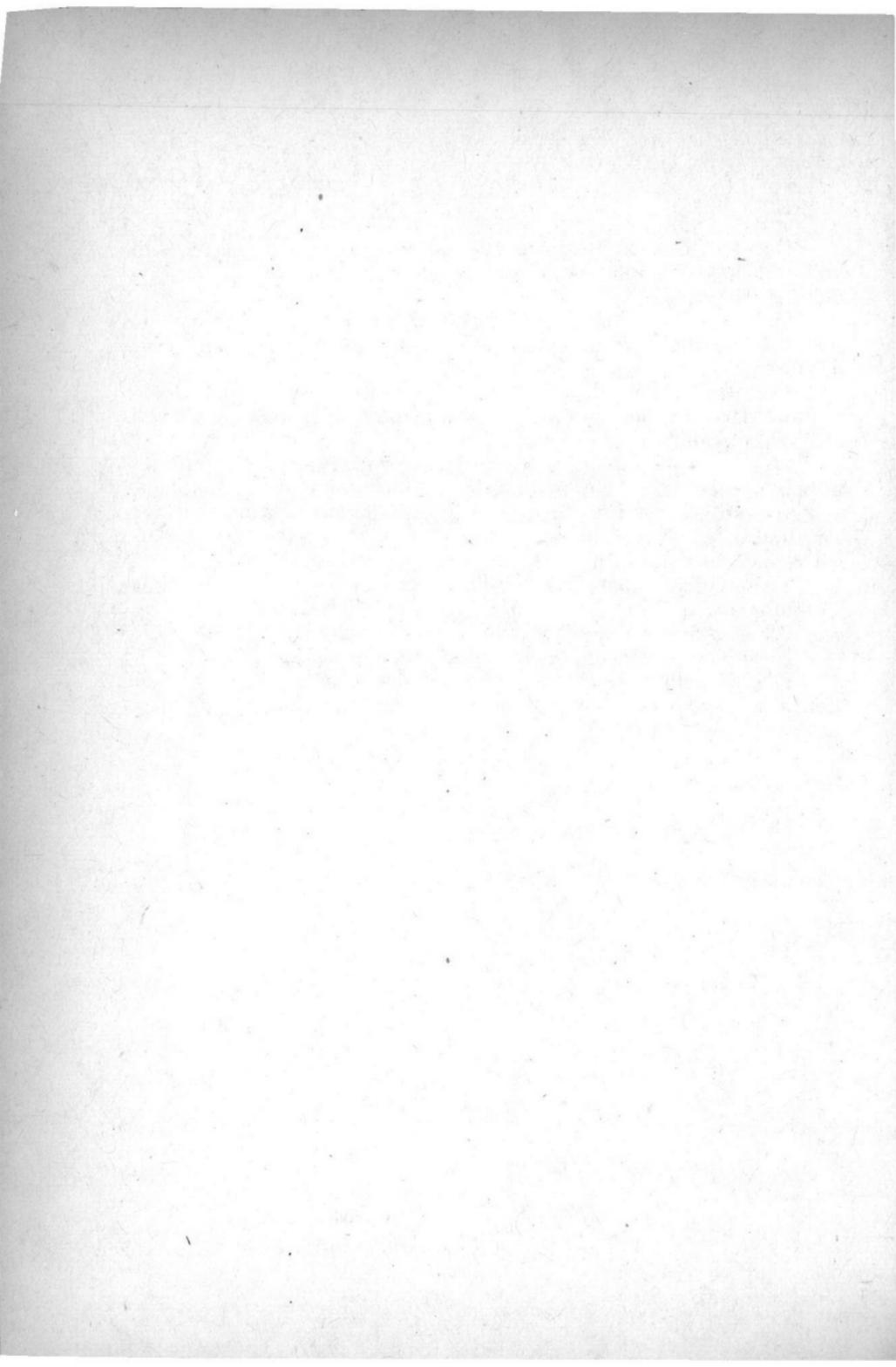
Dia 14 — Terminou o meu Retiro Espiritual. Com ele terminou o meu voto. De manhã, na minha comunhão, prolonguei o meu voto, até ao fim do mês. Agradei depois a graça de fazer um Retiro, e renovei todos os meus propósitos feitos até à data, e fiz mais três que são:

1.º — Quero abater a minha curiosidade; quero mortificar a minha vista;

2.º — Quero ser um apóstolo da Virgem Imaculada; e

3.º — Quero ser um Santo sacerdote de Jesus.

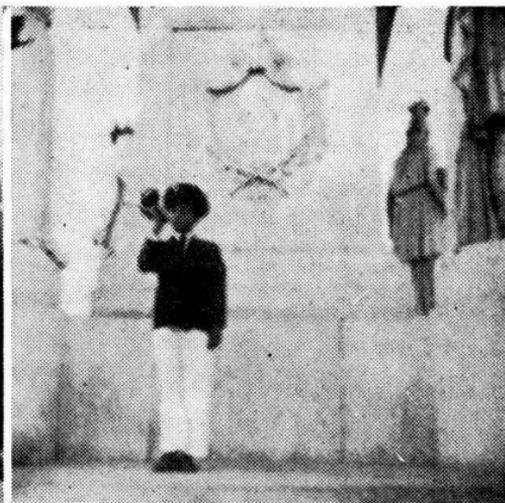
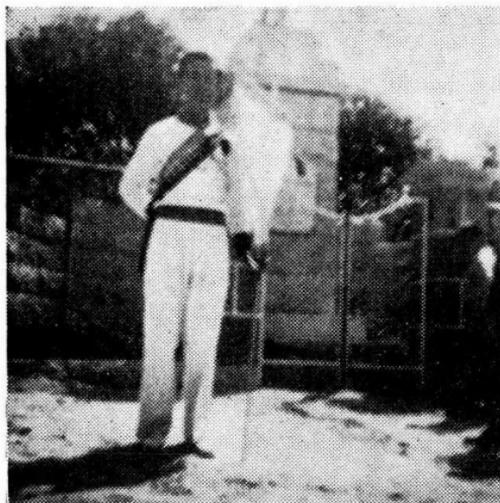
Depois pedi a Jesus, que não deixasse que os frutos do meu Retiro se perdessem, mas sim continuem até ao fim».

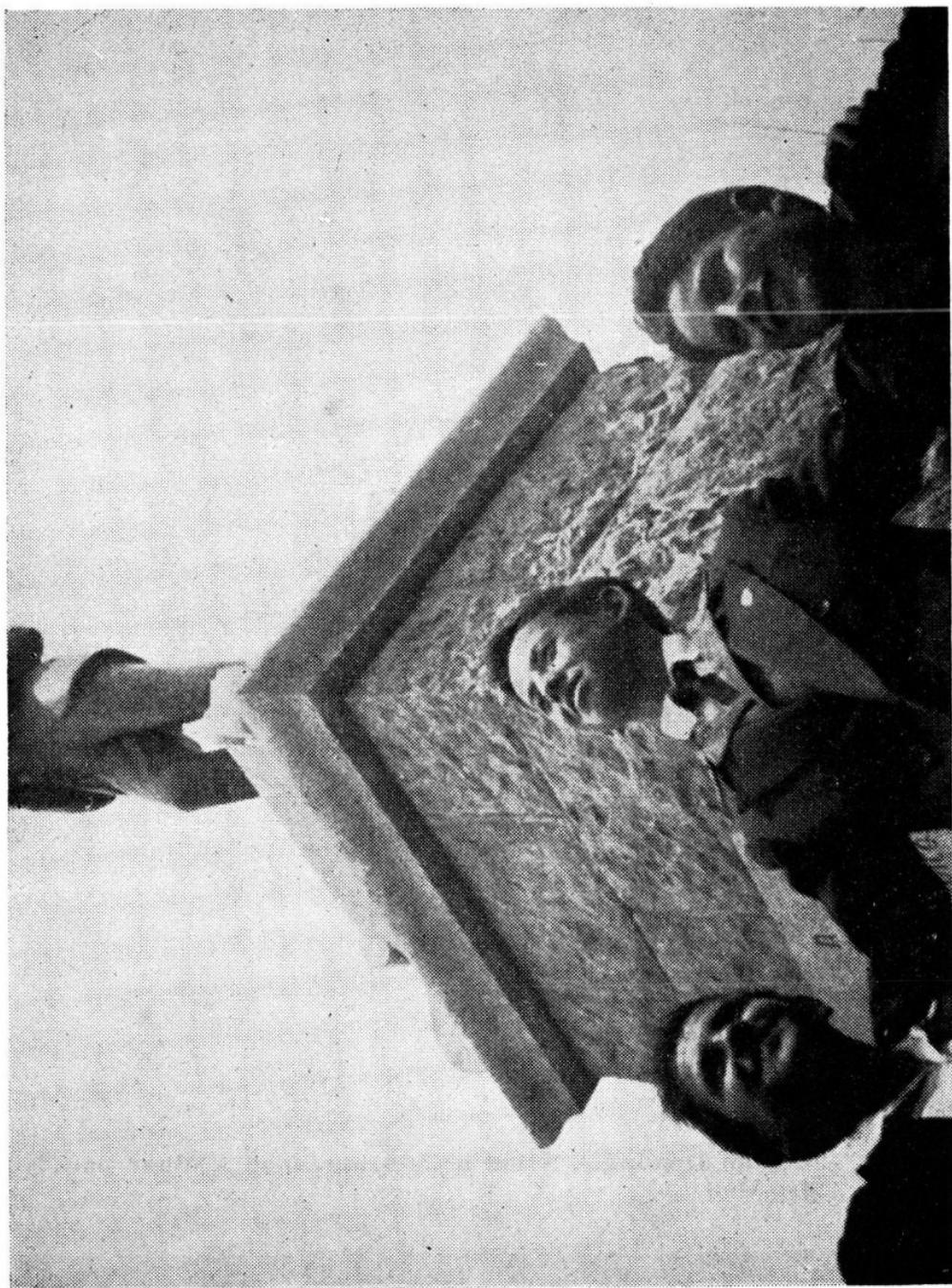


**EM CIMA (à esquerda) — Vencedor do Certame de Cate-
cismo. (À direita) — O clarim do Caló chama os jovens
à luta...**

EM BAIXO

A música entusiasmava o Caló...





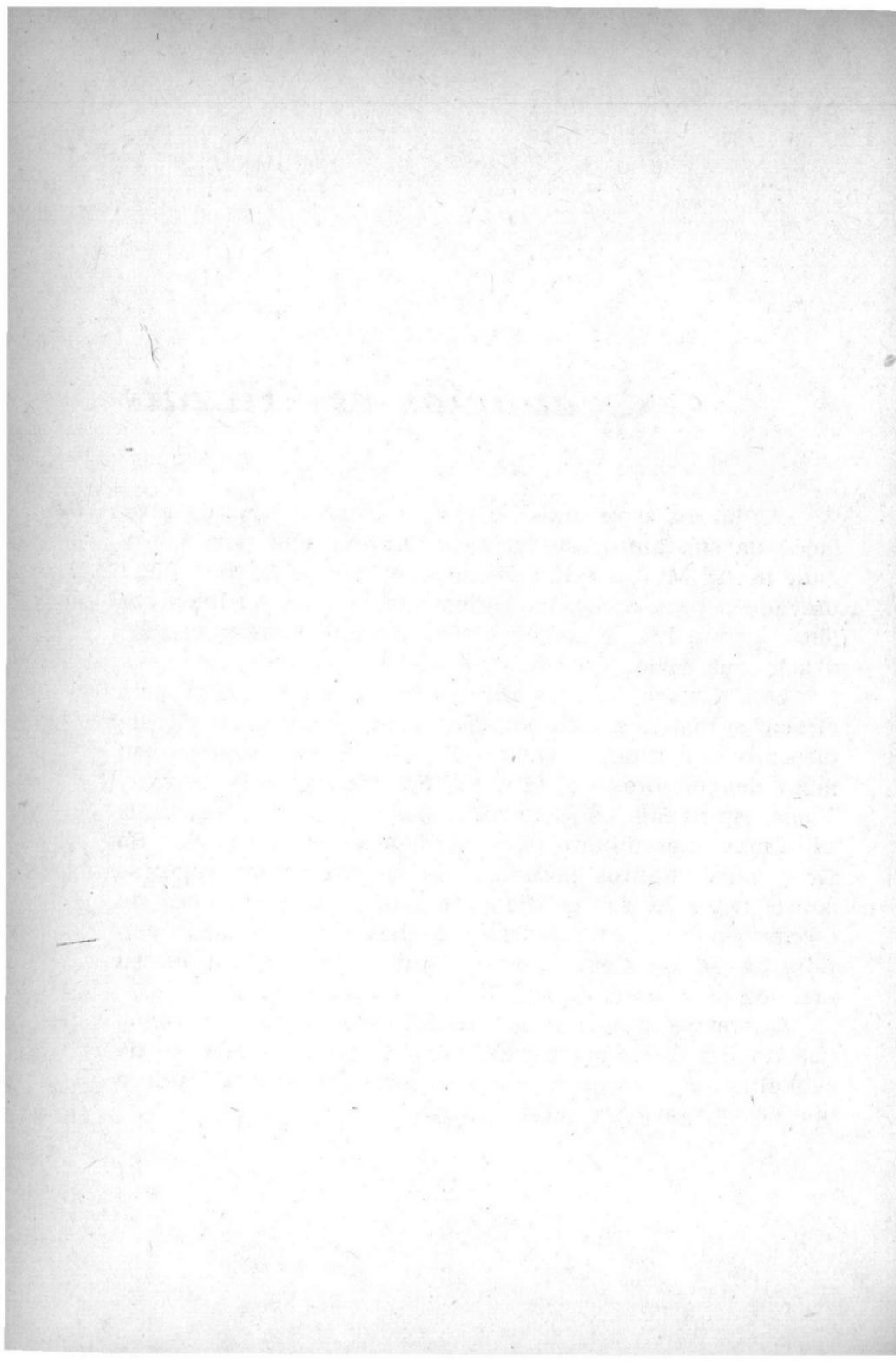
**Junto de Domingos Sávio o Caló aprendeu a olhar para
o Alto...**

Exercícios espirituais

Os diários espirituais do Fernando são a grande revelação da sua alma. Queremos sublinhar uma particularidade deles: Muitos estão assinados «Anónimo», como uma prevenção para o caso de serem encontrados ou lidos por outrem, que não o seu director, querendo assim ocultar o bem que fazia.

Esta chama, que os diários manifestam, acesa pela Graça e mantida pela oração, pelos sacramentos, pela direcção espiritual, o Divino Espírito Santo erguia-a em labaredas maiores nos Retiros. São na verdade os exercícios espirituais os Cenáculos dos nossos tempos, onde as almas mergulham num verdadeiro Pentecostes. Só Deus sabe quantos pecadores lá se convertem, quantas consciências lá se rectificam e quebram os grilhões da escravidão infernal, quantas vocações para uma vida perfeita lá se decidem, quantos santos lá tiveram o seu arranco para as cumiadas da intimidade divina.

Queremos publicar os propósitos e resoluções tomadas no fim de cada prática. Por eles se vê a reacção da sua alma, e por esta reacção se pode medir a altitude a que ela chegava ou queria atingir.



«Retiro espiritual» *do ano lectivo de 1954 - 1955*

RESOLUÇÕES: — Fazer bem este Retiro, e pedir ao Senhor pelo bom resultado dele tanto para mim como para os meus companheiros.

Não cometer nenhum pecado mortal, tanto durante o Retiro, como fora dele, pois com ele, não só ofendo a Jesus, que morreu por nós na cruz, mas também porque faço da minha alma um monstro, privando-me assim das graças celestes.

Procurar servir e amar a Deus o mais possível nesta terra para depois O gozar na outra;

Nunca adiar a minha conversão. Se tiver a desgraça de cair em pecado mortal, procurar logo o confessor para depois me pôr a bem com Deus.

Procurar ser sempre bem educado, e formarei o meu carácter, de boa educação para com Deus, para com os pais, e para com os Superiores e companheiros.

Procurarei ser sempre agradecido a quem me faz bem e responder sempre bem a todos.

Não querer ter conversas inconvenientes, nem dizer más palavras.

Não admitirei que ao pé de mim haja más conversas, nem que se fale mal de qualquer maneira ou modo.

Se algum dia acontecer que se esteja a falar mal ao pé de

mim, e eu não tiver coragem de mandar calar, quem o estiver fazendo, procurarei mudar o assunto, ou então afastar-me-ei imediatamente.

Procurarei e esforçar-me-ei por salvar a minha alma, empenhando-me em cumprir bem com os meus deveres, e usando os sacramentos que tenho à minha disposição.

Não quero revoltar-me contra Deus cometendo o pecado. Senhor, antes quero morrer que tornar a ofender-Vos, porque vos amo sobre todas as coisas, e porque sois o meu Deus e o meu Criador.

Eu quero ser um jovem puro, cumpridor dos meus deveres, e amigo de Jesus, participando da alegria que os bons gozam com o Divino Jesus e Salvador dos homens.

Procurarei escolher bem a minha vocação, e para isso ouvirei o parecer do meu confessor. Procurarei ser apóstolo, tanto no meio dos meus companheiros, como na sociedade.

Os propósitos que tirei do meu Retiro do ano foram:

- 1.º — Evitar ao máximo o ofender a Deus e, portanto, fazer todo o possível para conservar a graça de Deus.
- 2.º — Não admitir na minha frente e não ter conversas que ofendam a Deus e que tiram a pureza da alma.
- 3.º — Ganhar por meio de orações almas para Deus. Além destes, as lembranças. ⁽¹⁾ *Fernando Caló*

⁽¹⁾ — *Alusão às «Lembranças» ou propósitos dados a todos na conclusão do Retiro.*

«Retiro espiritual»

ano lectivo de 1955 - 1956

10 de Abril de 1956

RESOLUÇÕES: — Quero fazer bem o meu retiro espiritual. Quero ficar com Jesus sempre e especialmente durante este retiro. Para o fazer bem, usarei os meios necessários, rezando melhor, ouvindo o que Jesus me vai dizer por meio dos pregadores e em particular, e procurarei corresponder à graça de Deus que vai trabalhar em mim.

Quero ser só de Jesus, e com auxílio da sua divina graça, farei o possível para que satanás nunca diga de mim: este é meu. Jesus, dá-me força, ajuda-me para que nunca Te ofenda e com o meu mau proceder Te diga: «sai de mim para dar lugar a satanás», e dê ensejo a este para dizer: «este é meu».

Eis que renovo o meu ideal: quero fazer-me santo. Meu Jesus, abençoa o meu ideal para nunca me afastar do Teu caminho. Quero fazer bem o meu retiro, pois nele terei que decidir sobre a minha vida.

Quero viver sempre bem; para isso empregarei os meios para evitar o pecado e vencer a tentação, e estarei sempre descansado sem medo da morte e pronto a ir ter com Jesus, quando para ao pé dEle, Ele se dignar chamar-me.

Quero fazer todas as minhas confissões sempre bem e não quero tornar a perder o tesouro que tenho na minha alma. Jesus, ajudai-me e dai-me forças e ânimo para fazer nas devidas condições todas as minhas confissões e estar sempre unido a Vós, agora e depois no Paraíso.

Quero escolher a minha sentença e quero merecê-la com a minha vida. Quero viver bem; quero *fazer-me santo* para estar sempre com Jesus e com Ele viver eternamente, e ouvir no dia do juízo Ele a dizer-me: «Vem, bendito do Meu Pai, para o reino que te está preparado e reservado desde toda a eternidade». Jesus, quero desde já experimentar a alegria de viver contigo e dá-me forças para nunca nos dias da minha vida Te atraiçoar e Te vender aos Teus inimigos.

Quero fazer todas as minhas confissões sempre bem feitas e nas condições exigidas para esse fim. Jesus, dá-me forças para eu trilhar em cada dia, mais uma distância que me levará até junto de Ti.

Não quero ir para o inferno; quero pensar no inferno, pois ele existe, e pecando torno-me digno dele. Mas eu não quero pecar, pois com o pecado ofendo o meu Senhor. Descer ao inferno em vida para não ir para lá depois da morte. Jesus, iluminai-me, e esclarecei-me para que eu possa ver as minhas maldades, e não as torne a cometer e assim Te louve e me livre do fogo eterno.

Eu quero caminhar no caminho do Céu. Contra o pecado quero ser uma rocha, um leão, e praticarei à risca os conselhos do confessor. Jesus, quero ouvir a tua voz, e dá-me vontade para ouvir e seguir os conselhos do meu confessor e director espiritual.

Senhor, eu não quero tornar a ofender-Te. É absurdo e ingrato fazê-lo. Jesus, ajuda-me com a Tua divina graça, e eu *quero e devo fazer-me santo*, com essa graça e a colaboração da minha vontade. De hoje para o futuro «Antes quero morrer do que pecar».

Quero conservar a bela virtude, e usar os meios que me levam a isso. Jesus, com o Teu auxílio Divino, *quero levar esta virtude ao Teu tribunal, sem a mais leve mancha*.

Quero ser feliz. Mas como a felicidade não se encontra neste mundo, quero ir buscá-la onde ela está. Por isso quero estar sempre com Cristo. Jesus, quero sofrer contigo, para depois contigo viver eternamente.

Também eu quero ser amigo e muito de Jesus. Aumentarei o meu amor para com Ele, indo muitas vezes a recebê-Lo e depois lhe pedirei que me faça *santo*, e não me deixe cair em pecado.

Eia, é preciso ser devoto de Nossa Senhora, por isso procurarei amá-La o mais que puder, para também ter a sua protecção. Mãe querida, sê para mim luz, amparo e guia para na minha vida triunfar, e seguir condignamente a minha vocação.

Propósitos do retiro

«Propósitos que, Fernando Caló, tomei e fiz no final do meu Retiro Espiritual do ano de 1955-56. Foram vistos e aprovados pelo meu confessor e pelo meu Director Espiritual, Rev. Sr. P. Armando da Costa Monteiro.

«Quero ser santo. Mas quero ser santo, usando dos santos sacramentos: Confissão e Comunhão, pensando nos meus novíssimos, na morte, no julgamento, e odiando com ódio infinito o pecado; quero ser santo seguindo a minha

vocação; quero ser santo seguindo os conselhos do meu confessor e director espiritual; quero ser santo desejando sempre «Antes morrer que pecar».

Resumindo este propósito, estabeleci assim os propósitos finais do meu Retiro Espiritual, que são três:

1.º — Quero abater a minha curiosidade: quero mortificar a minha vista.

2.º — Quero ser apóstolo da Virgem Imaculada.

3.º — Quero ser um santo sacerdote de Jesus».

Apostolado

Quando a Língua de Fogo do Espírito Santo acende chamas numa alma, e essas chamas atingem labaredas, não pode mais a sua luz afogar-se dentro do alqueire. É próprio do Bem querer difundir-se. Sem este querer, o Bem não é completo, ou ainda não se apoderou completamente duma alma.

A chama de piedade interior, que ardia no coração do Fernando, vai espalhar-se em paveias de luz sobre quantos o rodeiam. Esse aluno salesiano vai marcar agora a sua presença no Colégio e em férias, entre a família e os companheiros.

Acção organizada e acção individual.

As Oficinas de S. José, com as suas Companhias religiosas fundadas por D. Bosco, e com a Acção Católica, onde os alunos se vão preparando para, uma vez saídos, poderem ingressar no apostolado paroquial conhecendo já a orgânica da Acção Católica Portuguesa, deram ao Caló um vasto campo de acção, onde ele, com a palavra, o entusiasmo, a actividade, o exemplo, arrastava os outros para o Bem e para o Alto.

O Fernando era uma bandeira sempre desfraldada, à frente de todos os empreendimentos. E o seu carácter

franco e jovial tornava-o atraente e simpático a todos, favorecendo a sua infiltração apostólica.

Relembremos algumas das suas actividades.

* * *

A sua acção e os seus exemplos fizeram-se sentir primeiro que tudo no ambiente interno do Colégio, no comportamento geral dos alunos.

Um dia, o seu Director chama-o e diz-lhe:

— Olha, Fernando, eu gostaria que tu escolheesses três ou quatro colegas e todos juntos fizésseis uma campanha de penetração entre os alunos maiores, a fim de evitar alguma palavra imprópria, impedir críticas ou transmitir aos Superiores algum inconveniente para se remediar. Serás tu a conhecê-los. — Sim — respondeu o brioso Caló. — Está bem. Mas não quero citar-lhe nomes. — A não ser em casos graves, não desejo saber — disse-lhe o Director: Sereis vós os colaboradores dos Salesianos, como Domingos Sávio no tempo de D. Bosco. Apenas quero que me digas os nomes que escolheste para esta campanha.

Dias depois, entra no escritório do Director:

— Já tenho três colegas que estão prontos para a campanha.

— Quais são?

— A., B., e C. — respondeu.

— Porque escolheste esses? Não achas que há outros melhores?

— Sim, há. Mas não têm «genica». Não me servem para o trabalho que V. Rev.cia pede. Prefiro estes que são arrojados e prontos a levantar a voz, a impôr-se ou mesmo a dar um bofetão, se fôr preciso.

— Bravo! Parabéns por teres feito uma boa escolha!

E o trabalho começou. Agora abeirava-se dum companheiro mais aborrecido ou agastado, e perguntava-lhe o que tinha, porque estava triste, porque não ia falar com o Director. Logo entrava num grupo e com a sua presença evitava as críticas de algum descontente.

E a sua presença, com a dos três escolhidos, era certa junto de algum que não media as palavras ou era menos mortificado...

Uma vez viu que um colega dos seus 18 anos andava triste, afastado dos Superiores, e já há umas semanas não se aproximava dos sacramentos. Chegou-se ao grupo onde ele estava, e intrometeu-se na conversa.

— Lá vem a carraça... não me larga... — comentou o visado, e afastou-se do grupo e foi-se encostar a uma das balizas...

Caló percebeu o estado de alma do... Manuel e foi atrás dele... Tinha a qualidade mestra de todos os grandes conquistadores: nem desanimar, nem desistir...

— Que queres? Põe-te ao fresco.

— Por que andas assim? Não é melhor ires falar ao Sr. Director?

— Oh... Não tenho coragem...

— Ele é teu amigo...

— Eu sei...

— Por que não vais aos sacramentos?

— Deixa-me...

Mas os bons modos, a insistência e caridade do Fernando venceram o companheiro, que daí a dias parecia outro, mais alegre e comunicativo. Fizera novos propósitos de mudar de rumo. E assim sucedeu. ⁽¹⁾

(¹) — *Caló aproveitava todas as oportunidades para o apostolado. Era um verdadeiro «oportunista da acção». No*

O papel preponderante que a actuação de Caló exercia no nível disciplinar e de piedade do Colégio conhecia-o

dia de anos, a seu companheiro EDUARDO JORGE CARDIM EVANGELISTA (frequentou o Colégio Salesiano desde 1953 a 1959, ano em que terminou o seu curso e alcançou a carteira profissional. Foi em Dezembro de 1955 que recebeu as lembranças) ofereceu três estampas, a primeira de S. Domingos Sávio, com a seguinte dedicatória: «Já viste a frente deste santinho? Já. Sabes quem é, não sabes? É claro que sabes. Pois bem: vou-te dar um conselho. Lê a vida desse grande santo. Se não a tens eu empresto-te, e depois de a teres lido bem, anima-te a imitá-lo em tudo quanto praticou. Se assim fizeres, estás garantido e Jesus olhará para ti com muito amor. E muitos parabéns».

Teu amigo CALÓ

A segunda de um jovem a contemplar a Sagrada partícula, e por detrás estas palavras: «Olha bem para aquela Hóstia. Pois bem; que a tua confiança na Sagrada partícula onde está Jesus, tal qual está no céu, te leve a ir recebê-lo muitas vezes de forma a tornares-te um grande santo. É a confissão e a Comunhão frequente que faz os grandes santos, como S. Domingos Sávio. E muitos parabéns.

Teu amigo F. PEREIRA CALÓ

A terceira representa uma cruz entrelaçada num ramo de videira com cachos de uva e espigas de trigo, e junto um cálix com a Sagrada Hóstia no meio de dois lírios, e o seguinte dístico: «Ave! Crux salus mea», e por detrás esta outra dedicatória: «Fita bem a Cruz; essa imagem da Cruz onde morreu Jesus. Nunca desanimes, e nas tuas dificuldades pensa em Jesus que por nosso amor teve que levar uma pesadíssima Cruz às costas para nela morrer, e assim nos resgatar. Adeus, e muitos, muitíssimos parabéns. Que Jesus abençoe este teu aniversário e o repita por muitos anos.

muito bem o seu Director. Medira-lhe as qualidades, afinava-as e fazia-as render.

Alguém, um dia, numa reunião mensal dos superiores (1), queixa-se do espírito irrequieto do Caló. Profeticamente, o Director comenta:

— Está muito enganado. Creio que o não conhecem bem. Mais tarde verão. Este rapaz dará que falar de si... Este livro confirma a feliz previsão.

* * *

A sua actividade como dirigente das Companhias da Juventude Salesiana e secretário da secção da J. O. C., em organização nas Oficinas de S. José, entre os alunos finalistas e alguns prefinalistas, dá-nos motivos abundantes para vermos a sua alma ardente através das suas palavras proferidas nessas reuniões.

Entusiasmavam-no estes pensamentos, que escrevera:

«Acção Católica é vida católica; não há vida sem acção». (Pio XI).

«Os maus são fortes, porque os bons são fracos». (Des-boy)

(1) — *Nas Escolas Salesianas, internatos ou externatos, além da reunião semanal dos superiores que vivem mais de perto com os alunos, faz-se outra todos os meses para as observações gerais do seu comportamento, aplicação e civilidade. Nesta reunião presidida pelo Director, estudam as qualidades e defeitos dos alunos, o progresso que fizeram ou as observações para a sua emenda.*

(1) — *Ler no «Apêndice» o que são e a que visam estas «Companhias».*

«Três características da verdadeira J. O. C.:

1.^a — A J. O. F. quer conquistar a massa da Juventude Trabalhadora;

2.^a — A J. O. C. quer recristianizar a vida real da J. O.; e

3.^a — A J.O.C. quer reconquistar o meio onde trabalha e vive a massa dos operários jovens».

«Serás apóstolo na medida em que os outros virem no teu rosto o verdadeiro rosto do Mestre.

«Cristo Operário crescerá em ti na medida em que tu próprio te diminuires. A humildade é a moeda com que se compra a vida.

«Militante é aquele que luta, que combate pelo seu ideal, pelas suas ideias... e que, portanto, não foge da batalha, que faz frente, que aguarda, e assim procura o contacto».

Nos rascunhos das suas conferências e actas encontramos algumas palavras que merecem arquivo, como elementos preciosos para a sua biografia.

Na altura do Carnaval, entre as propostas apresentadas na reunião da J.O.C., aparece a seguinte do secretário, que revela a grandeza da sua alma, certo como é que só as almas grandes têm coragem para os sacrifícios:

«Fazermos sacrifícios nestes dias de Carnaval».

Na sua conferência feita na J.O.C., lia-se:

«O mal é grande e o demónio não pára. Por conseguinte, é preciso trabalhar para levantar a sociedade. Os bons têm que ser fortes, porque senão não vencerão o mal. Cada um tem que se integrar plenamente no cumprimento exacto dos seus deveres, tem que edificar com o seu procedimento o seu semelhante. Tem que trabalhar activamente, para que Cristo reine e seja conhecido de todos. É para tudo isto a Acção Católica, a J.O.C.»

Há, porém, uma conferência de Fernando Caló, que merece relevo especial. Trata-se de homenagear Domingos Sávio, o seu modelo e protector. Fernando Caló, que pretende ser seu émulo, sente vibrar toda a alma, como mostram estas frases, que conseguimos recolher integralmente dum seu rascunho:

«Estas almas eleitas passam pela terra como uma chama, que à medida que vai despertando os seus semelhantes, os vai inflamando naquele amor santo que os torna santos. E os que vêm depois deles vão procurar seguir-lhes o exemplo e desta maneira também se santificam. Deus ama-nos. Sim, e a vida e presença dessas almas é uma das provas que Deus nos dá do seu infinito amor. Que mais queremos nós? Oh, se nós os soubéssemos bem imitar! É a imitação dos santos que os faz santos! Olhem para D. Bosco: como Ele está inflamado do amor de Deus, e como o seu amor transborda para os seus jovens, levando-os a imitá-lo e a seguir os seus exemplos, de maneira a também eles se fazerem santos, e cheguem aos altares.

«E Domingos Sávio foi um desses jovens. E cumpriu tão bem, que chegou aonde está. E a sua vida continua, pois continua a dar entusiasmo aos rapazes de Portugal e de todo o mundo, para o imitarem e serem como ele. E agora estamos a festejá-lo, para melhor nos lembrarmos dele, e dos seus actos heróicos, e com mais entusiasmo seguirmos as suas pegadas.

«E mais nada vos digo, meus caros colegas, pois bem conheceis a sua vida. Sòmente lanço um apelo: Sigamos tão nobre santo, imitemos as suas nobres virtudes, formemos um nobre carácter como ele, e façamo-nos santos. Se assim procedermos, nunca teremos de nos arrepender ao longo da vida e bendiremos sempre a hora em que o

fizemos. A vida de Domingos Sávio é um campo vastíssimo. Foi curta mas cheia de perfeição e santidade. Mas a sua perfeição e santidade foi ganha à custa de muito suor e sacrifícios. Foi santo, porque seguia a pista de outro santo, e ainda os conselhos de outro. Verdadeiramente Domingos Sávio é o herói da juventude, e merece que o festejemos como estamos fazendo no dia de hoje.

«Por fim, num brado espontâneo e uníssonos, que nos sai do fundo do coração, gritemos com toda a força dos nossos pulmões de jovens alunos de D. Bosco:

— Viva o herói e o exemplo da Juventude, S. Domingos Sávio!» (1)

(1) — *A vida do incomparável aluno de D. Bosco fascinou muito cedo o nosso Caló. Porém só a partir de 1953 é que a influência de Domingos Sávio se exterioriza e evidencia nele, como se pode averiguar por alguns diários espirituais que nos restam.*

A sua paixão era ler e devorar essa vida para a imitar. Bem no mostrou por ocasião das Comemorações do 1.º Centenário do Regulamento, escrito por S. João Bosco, e celebrado com fervor em Abril de 1955.

As Companhias religiosas efectuaram nessa altura sessões tomando por modelo «O pequeno Grande Gigante do espírito». Participavam todos os alunos. Foram ardentes e oportunas as intervenções de muitos. As do Caló foram incisivas e vibrantes. Eram o apelo à vida exemplar, à fuga do comodismo ou contra a hipocrisia. Levanta-se um e fala admiravelmente sobre o modo como se devem comportar os rapazes em obediência ao regulamento. E o nosso Caló intervindo:

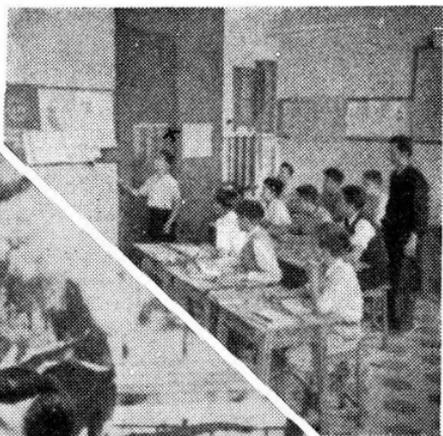
— «Palavras bonitas pouco interessam. O que vale são os factos». Parecia uma insinuação pois houve alguém que se... acendeu.

— Não importa cumprir para ser visto pelos superiores. Isso é falta de carácter. A nossa consciência deve

Aula de teoria, na composição, nas Oficinas de S. José.

A Pureza dá alegria à vida.

O afecto à mãe distinguiu o Caló toda a vida.



O sonho doirado

Há um olhar de Jesus, cuja ternura e sedução continua a pairar sobre muitas almas...

Pairou uma vez sobre um jovem: «Vem e segue-me». (Mat. XIX, 21). Pairou sobre os pescadores do mar da Galileia: «Segui-me e eu vos farei pescadores de homens... e eles imediatamente, abandonando as redes e o pai, O seguiram». (Mat. IV, 19-22). Pairou sobre os apóstolos na última Ceia: «Já vos não chamo servos... mas chamei-vos amigos... Não fostes vós que me escolhestes, mas fui Eu que vos escolhi a vós...» (João XV, 15-16)

Este olhar pairava sobre a alma de Fernando, a atraí-lo para o alto.

Tinha ele saído do Asilo de Santo António, do Estoril, para as Oficinas de S. José de Lisboa, e o Salesiano, que fora assistente da sua Companhia religiosa do Estoril, encontrando-o lá na tipografia debruçado sobre a sua caixa de tipo, perguntou-lhe um dia:

—Fernando, que desejarias ser no futuro?

Era uma pergunta intencional, feita por quem conhecera já a sua alma generosa.

E o Fernandito, a sorrir, olhando muito o Salesiano, como quem busca uma palavra de aprovação, diz-lhe:

— Desejava ser padre!

— Então vai falar com o teu Director, e expõe-lhe esse desejo.

E, de facto, aquele desejo foi de cada vez lançando mais profundas raízes, e determinando na vida de Caló rumos e atitudes apostólicas.

E quando a chama se torna labareda, ninguém a pode sufocar debaixo do alqueire. Os companheiros sabiam a grande ambição de Caló:

«Tinha uma vontade forte de vencer e um ideal que o elevava para o alto: o de querer ser sacerdote». (1)

«Ele durante a sua vida pensava em ser santo e queria ser padre». (2)

«Estimava-o, porque sonhava com um novo sacerdote...». (3)

«Como ele queria ser sacerdote, oferecia diáriamente a minha comunhão pelas vocações». (4)

Depois do desastre, que o vitimaria, uma senhora, sabendo como sofria, observou:

— O Fernando é diferente dos outros rapazes. Deve sofrer muito, mas não o mostra. Não parece deste mundo. Já o ano passado lhe disse que era feito para padre. Oh, o Fernando é talhadinho para isso!

E não se conteve que não perguntasse:

— Porque é que não seguiste para padre?

— Não é possível, por causa da situação dos meus pais.

(1) — José Fontoura

(2) — João Augusto Fontes

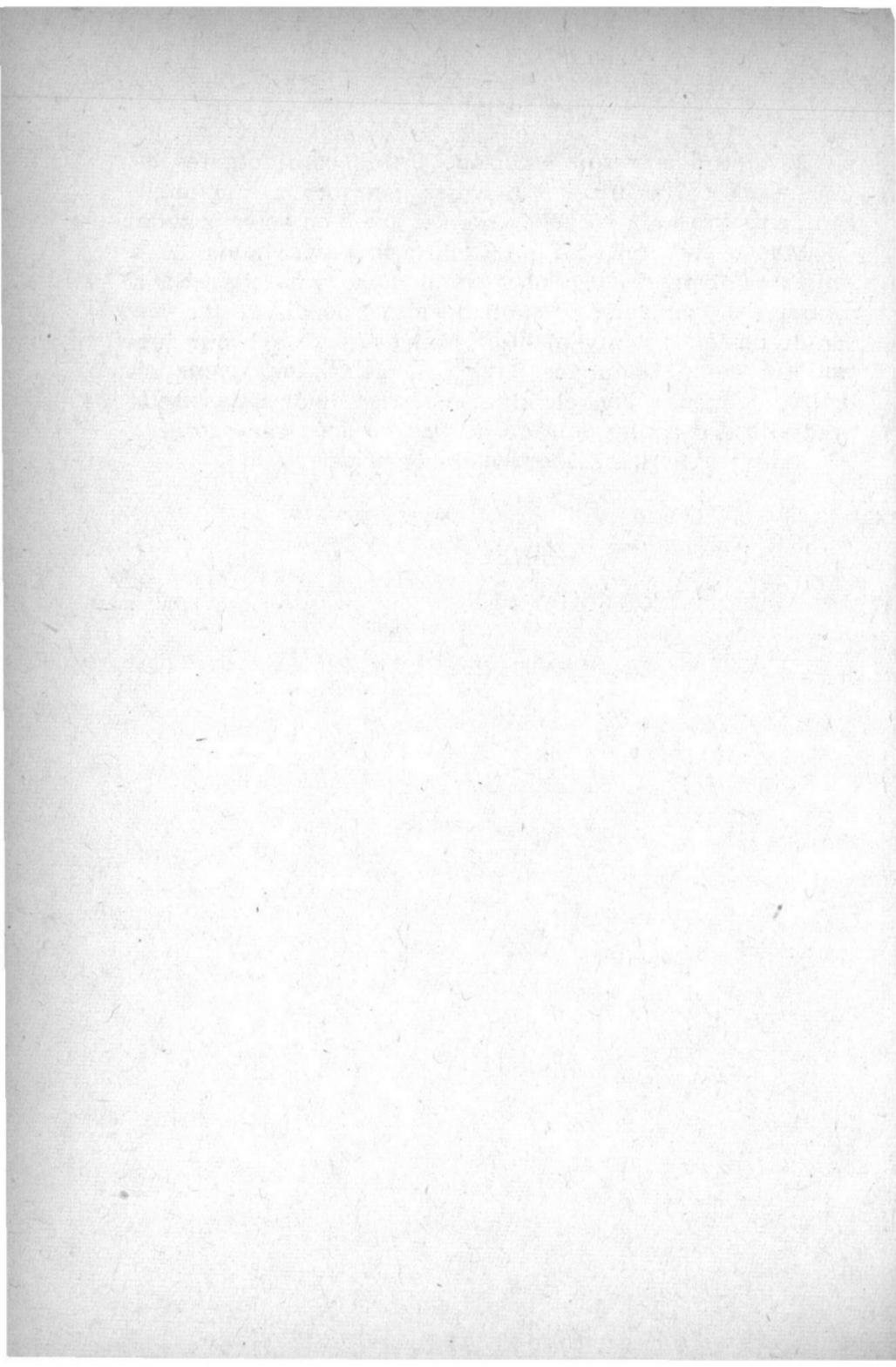
(3) — António Jacinto Rosa

(4) — Recaredo Nunes.

E onde o seu sonho doirado brilha com fulgores do Céu, é na carta dirigida a Nossa Senhora e que publicámos já. Era uma vocação ardente, que o empolgava todo.

Mas o fiel imitador de Domingos Sávio havia de o imitar também neste ponto: como Sávio, não chegaria a saborear a felicidade de subir ao altar, depois de ter suspirado por ela tão vivamente... Mas podemos afirmar que, também como Domingos Sávio, ele deixa aos jovens sedentos de ideal e daquele olhar e sorriso de Jesus aos seus predilectos, o sonho doirado da sua vocação sacerdotal.

Esta é a herança sagrada do Fernando Caló...



A caminho do calvário

Um só é o sinal que distingue o verdadeiro do mau cristão, o herói do cobarde, o triunfador do vicioso, sinal este que resume toda a doutrina do Cristianismo e todo o fermento do Mundo Melhor: é o SACRIFÍCIO.

Cristo o recomendou no Evangelho:

«Alguém perguntou-lhe: Senhor, são poucos os que se salvam? E Ele (Jesus) disse-lhe: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita (da penitência)...» (S. Lucas, XIII, 23-24).

Não há impossíveis, nem na vida material nem na vida moral, para um jovem que fôr capaz de sacrificar-se.

A vida de Fernando, desde o seu nascimento, foi assinalada pelo sacrifício:

Ainda no berço, tem de andar de um asilo para outro, de casa de um parente para casa de outro.

Nas férias, enquanto outros descansam e gozam, o Fernando tem de trabalhar de «grume».

Ao escolher um ideal encoraja-se para o ideal máximo de sacrifício: ser sacerdote para, com Cristo, ser consagrado e consumido pelas almas.

E, em plena juventude, irá ele assinalar com sangue a sua ascensão para o Calvário...

Está dito que o heroísmo e o martírio não se improvisam. Implicam o noviciado de uma vida inteira de sacrifício abraçado corajosamente, alegremente... e uma graça especial do Espírito Santo, o Divino Doador da Fortaleza.

Nos pequenos sacrifícios dos seus diários espirituais, pequenos, mas que a constância tornava grandes, foi ele preparando o holocausto supremo.

Através desta biografia, já foram mencionadas algumas das suas mortificações.

Queremos somente ajuntar esta, antes da sua prova máxima:

No refeitório das Oficinas de S. José havia ao lado do Caló dois companheiros de génio irrequieto e indisciplinado. Empurravam-no, faziam barulho e quando o Padre Administrador, Assistente, se avizinhou, acusavam logo apontando o Fernando:

— É ele que faz a desordem!

Uma atitude tão grave dos companheiros tinha a sobrepujá-la a beleza heróica da alma do Fernando, que sofria em silêncio. Isto sucedeu algumas vezes. E o Fernando não se queixava a ninguém, senão a sua mãe:

— Ó mãe, há dois alunos que me dão empurrões e fazem escabeche, e por cima ainda me acusam de que sou eu o desordeiro. E olhe que o Sr. Padre está quase convencido de que sou eu. Mas não sou.

— Se queres, filho, responde a mãe, eu digo ao Sr. Director.

— Não, mãe, deixe lá ver se isto passa.

Não é coragem vulgar sofrer sem se queixar, e sofrer injustamente.

Quando alguém sobe numa montanha e se distancia dos outros, mais pequeno nos parece... Na vida espiritual, a perspectiva é diferente: Quanto mais alguém sobe, mais se agiganta, e somos nós que nos sentimos muito pequeninos diante deles...

Este é o sentimento que nos invade diante da generosidade extrema do Fernando Caló, em favor do imortal Papa Pio XII, o Pastor Angelicus, de santa memória.

Copiamo-lo na íntegra do depoimento dum seu companheiro: (1)

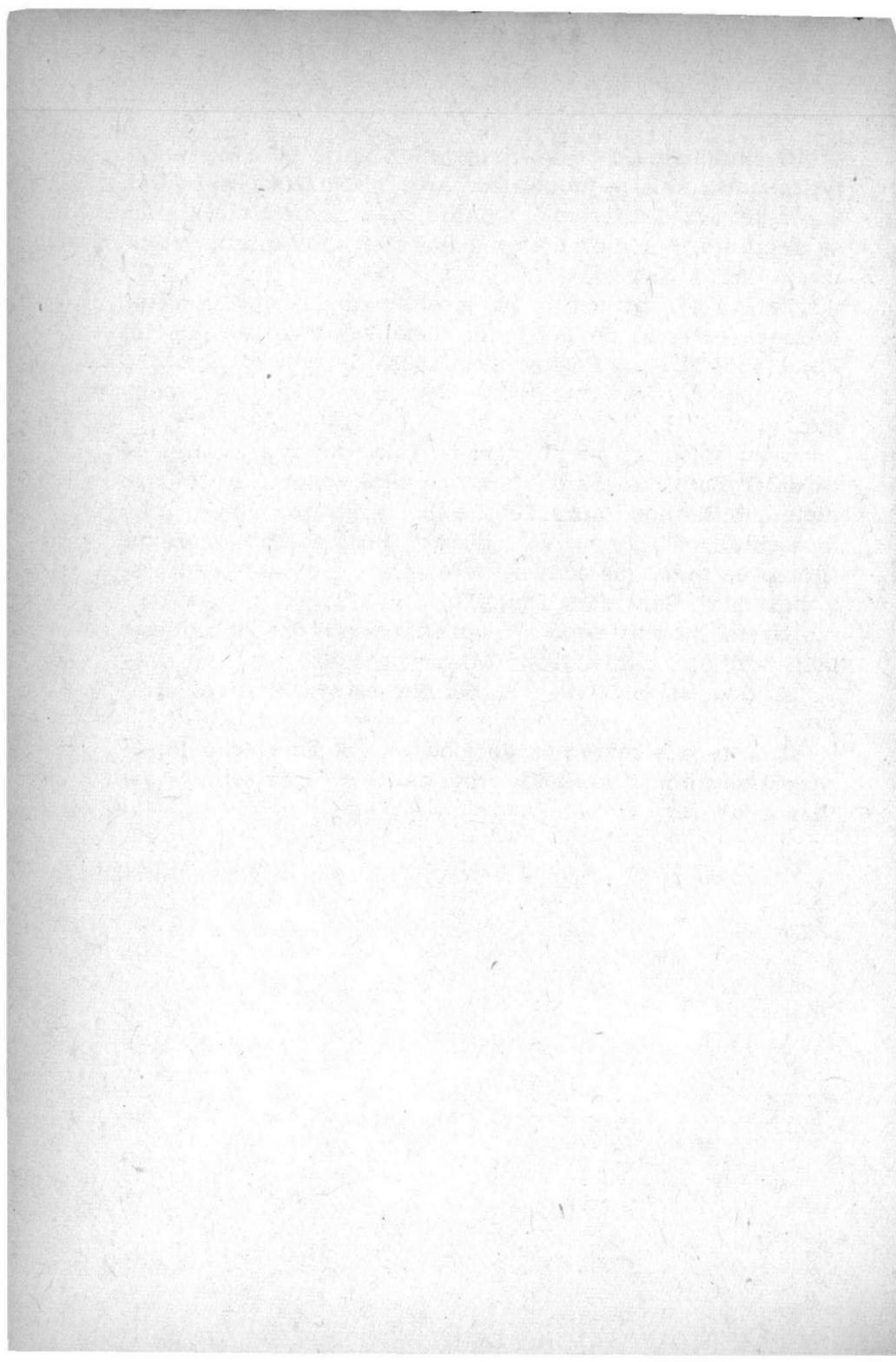
«Um episódio que admirei no Caló, foi quando na festa de S. Santidade, em Março de 1956, quando o Caló ou melhor o Senhor Padre Teófilo lhe perguntou o que tinha oferecido pelo Papa, ele disse: Pedi a Deus que me tirasse os anos que fossem necessários e os acrescentasse à vida de S. Santidade Pio XII».

Nesta biografia já foi publicado no seu diário esse acto heróico, feito a 12 de Março de 1956.

A doação foi feita... o Senhor estava livre de aceitar...

Diante dos mistérios de Deus, e da sua acção misteriosa nas almas, nós não temos mais a fazer senão ajoelhar e adorar.

(1) — Manuel S. Rebelo



O desastre

Numa carta ao pai, em 23 de Maio de 1954, o Fernando escrevia estas palavras que depois da sua morte se revestiram de especial significado:

«Pai, já vou a caminho de velho, vou fazer 15 anos... Felizmente, agora não tenho tido desastres e tudo me tem corrido bem; no entanto, às vezes aparecem surpresas desagradáveis...»

E a surpresa desagradável, na verdade, surgiu... E se consideramos velhice a proximidade da morte, na verdade estava velho... E os desastres, que não lhe sucediam então, andavam a rondá-lo, porém...

Aproveitamos agora o relatório redigido pelo seu Catequista, o Rev. P. Marvão, que lhe foi dedicadíssimo:

«RELATÓRIO DA DOENÇA»

1.º — QUEDA

Domingo, dia 22 de Abril. Dia frio e triste com chuvadas de vez em quando. Como de costume os alunos vão de passeio, divididos em grupos. O Caló lá foi com os compositores com o Sr. Mestre Bergant. Chegam ao Rato e começa a chover. Mal veio a aberta regressaram, e esse grupo foi o primeiro a regres-

sar. Como o tempo estava agradável para jogo, alguns do grupo foram pedir licença ao Rev. P. Conselheiro que começou a apresentar dificuldades. O Caló foi um dos que mais insistiram, e por fim, obteve-se a licença. Muitos houve que procuraram dissuadir o Caló do jogo e ele próprio me afirmou que não sentia grandes atractivos nesse dia pelo jogo e que se decidiu mais para ser agradável aos desejos do jogo que por outra coisa. Enfim era daqueles sentimentos de companheirismo, delicadeza e caridade tão habituais no Caló...

Começou o jogo, meia dúzia de cada lado...

E veio a triste jogada. Eram umas 16,30 h. Ele, que não costumava dar cabeçadas, numa vertiginosa corrida paralela ao pátio saltou de cabeça à bola com os olhos fechados e quando deu por si estava em frente da coluna. É a terceira a contar do teatro ou a 10.^a da portaria contando apenas as paralelas ao recreio. Ele jogou a ponta esquerda e a jogada era feita contra as redes do lado do Cemitério dos Prazeres.

Intuitivamente deitou as mãos à coluna, mas com a força da corrida os braços não aguentaram e deu-se o choque de frente, ferindo bastante os dois lábios e partindo um pedaço dos dois dentes incisivos do maxilar superior. Não desmaiou nem caiu; apenas ficou um pouco atordoado. Acorreu o Sr. P. Conselheiro ⁽¹⁾ que estava a pouquíssima distância e acompanhou-o até à enfermaria, fazendo o Caló todo o trajecto por seu próprio pé. Lavada a boca e pensados os ferimentos foi ao espelho e ao ver os dentes partidos teve então um ataque de choro.

A sua agenda de 1956, no dia 20 de Abril diz textualmente:

«Vim mais cedo do passeio por causa da chuva, e fui jogar futebol, e joguei tanto que fui contra uma coluna e parti dois dentes à frente. Fiquei sem tocar».

Nesta expressão notam-se estas duas observações:

a) A faceta eleger alegre e jovial que aparece na mesma redacção da frase: Esta jovialidade, este espírito alegre e optimista em relação à queda, manifestá-lo-á mais expressivamente mais tarde ao dizer: «Se não tivesse partido os dentes era a melhor

(1) — É nas Casas Salesianas o director dos estudos e da disciplina.

jogada do mundo». Outra versão é: Se eu não bato com a cabeça na coluna, era a melhor jogada de todos os tempos das Oficinas.

b) O seu sentido da responsabilidade: «Fiquei sem tocar». Terei ocasião de fixar em particular este seu sentido do dever e da responsabilidade. No entanto, a título de explicação da frase devo dizer que a banda tinha nessa altura diversas excursões, e que ele era primeiro trompete e solista. Daqui a grande pena e amargura...

Tinha ido dar a bênção do Santíssimo às capelanias próximas. Quando cheguei referiram-me logo o ocorrido e dirigi-me logo ao seu encontro que creio foi no recreio em um grupinho. Com a mão segurava um lençinho com que cobria a boca porque o contacto com o ar lhe causava sofrimento. Mostrou-me a boca e com ar sorridente disse-me mais ou menos textualmente: «Tenha paciência, mas espero estar bom para a festa do Senhor Padre Inspector». Esta festa seria a 13 de Maio.

Agarrando-lhe num braço e levando-o um bocadinho comigo, perguntei-lhe: «Olha lá, já te lembraste de oferecer isso a Nosso Senhor?» — Respondeu-me logo sorridente: «Já, já, isso foi logo».

O DENTISTA

O estudo daquele dia passou-o a chorar, porque as dores de dentes deviam ser atrozes. De noite também não conseguiu dormir. No dia seguinte foi ao dentista.

Como os dentes estavam a abanar, não lhes fez nada, mandando-os tratar para se robustecerem as gengivas e mesmo para ver se fortaleciam e seria desnecessário arrancá-los.

Diz assim a agenda:

«Fui ao Sr. Doutor e ele disse que se calhar tenho que tirar os dois dentes da frente e pôr outros caso estes não se segurem».

O PRIMEIRO ENCONTRO COM A MÃE

No dia seguinte diz a agenda: «Passei a não ir à oficina e a ficar no escritório do Sr. P. Conselheiro. E veio cá a minha mãe que ficou muito triste com a notícia dos dentes que ela já o sabia pelo meu primo.

Eis um diálogo travado entre a mãe e o filho, que ela me referiu no dia 9 de Setembro de 1956:

«A rir-se muito alegre, mal me viu, disse-me:

— Então, mãe?!...

E eu disse:

— Oh Fernando, que grande pancada tu deste para partir os dentes!

E ele:

— Oh mãe, ia a correr com tanta força, tanta que eu não sei onde fui buscar tanta força. Pus ainda a mão, mas o braço fez assim (e fazia o gesto de encolher na parede...) e bati com os dentes assim (gesto). Fui à enfermaria, lavei a boca e puseram-me mercurocromo, mas depois quando fui ao espelho e vi que tinha os dentes partidos, ó mãe tive um ataque de choro tão grande!... Chorei tanto, tanto!...

Como é óbvio a sua alimentação nestes dias não podia ser a da comunidade, tinha de preparar-se qualquer coisa de especial. Eu mesmo lha preparei algumas vezes, e era ver como aquela alma delicada se desfazia em agradecimentos; mas mais que as palavras, os seus olhos, falava o seu rosto... Oh e como falavam!... Muitas vezes também brotava-lhe espontâneo o sentimento da humildade: «Oh! senhor Padre, oh senhor Padre, não se preocupe tanto comigo; qualquer coisa basta.

No dia 25 recebeu a visita de sua tia Antónia. Diz ele: «Veio cá a minha tia por causa da matrícula do meu primo. Ficou também aborrecida por causa dos dentes».

No dia 26 — Fui novamente ao dentista, mas ele não me fez nada porque o meu lábio ainda estava muito mal».

No dia 28, a sua agenda nos revela o seu espírito jovial: «Neste dia tirei um dente na enfermaria. Tirou-mo o Senhor António enfermeiro a sangue frio, com um alicate. Ficou cá um grande buraco!...»

No dia seguinte comemorávamos o dia do Antigo Aluno. Por ser o Ano Cinquentenário deliberou-se fazer uma festa mais solene. De manhã, quando saímos da santa missa, aguardavam-nos a banda com o colégio formado no pátio. Pena teve o Caló de não tocar. Há uma fotografia da recepção onde ele está muito bem. Ao cair da tarde, com o Sr. P. Pires levamos o grupinho dos finalistas a dar uma voltita até chegar a hora do jantar.

Diz ele: «Dia do Antigo Aluno Salesiano, embora desdentado andei todo o dia com eles, e à tarde fui dar um passeio com os finalistas, e o Sr. Padre Catequista».

No dia 30 diz a sua agenda: «Fui outra vez ao dentista, e ele tirou-me o outro dente que já se estava a segurar.

Disse-me para quando eu vir que isto está bom mais ou menos, para ir lá pôr a placa».

SINTOMAS GRAVES

Passados os primeiros oito dias da queda, o único mal parecia de facto a perda dos dentes porém, internamente estava a germinar já a enfermidade que o devia vitimar.

De facto, cerca de três semanas depois começaram a vir as tonturas e os vômitos; as tonturas foram progredindo, acabando por lhe roubar o equilíbrio. Um peso, conforme ele se exprimia, lhe oprimia o cérebro, e lhe ia enfraquecendo a vista, o ouvido e roubando mesmo o equilíbrio. De facto era desolador ver como o pobre rapaz caminhava descrevendo grandes curvas, e apoiando-se ao que lhe aparecia pela frente. Assim, na capela era um dó de alma, vê-lo aproximar-se da Sagrada Mesa apoiando-se de banco em banco.

Quanto aos vômitos era confrangedor. Nada lhe consentia o estômago. Apesar de se prepararem alimentos especiais, nada disso era assimilado porque tudo era devolvido».

Até aqui, os apontamentos do Rev.mo Padre Marvão.

Os seus companheiros, testemunhas do seu grande sofrimento, acrescentam mais alguns pormenores e impressões dignas de arquivo:

De Manuel C. Monteiro: «Ficou como que espetado na coluna. O barulho que produziu o encontro com a coluna foi de tal maneira forte, que se ouviu por todo o campo... A coluna ficou com um pouco de sangue. No entanto, nunca ouvi dele a mínima queixa...».

«A paciência e a resignação com que sofria edificava

a todos. As suas respostas alegres quase nos faziam esquecer de que ele sofria. (1)

A aumentar o peso da cruz que lhe caíra em cheio, um companheiro, um dia, na brincadeira, dá-lhe um valente murro na cabeça. Alguns colegas que assistem, ficam irritados e resolvem comunicar o caso ao Superior. Fernando limita-se a dizer com brandura:

— Olha que me aleijaste!

Laurindo Costa Calado, que nessa altura está na enfermaria, pergunta-lhe:

— Há melhoras?

— Isto vai andando... — e sorria.

Uma vez, no recreio, os vômitos afligem-no duma forma dolorosa. Manuel Monteiro aconselha-o a ir para a enfermaria.

— Não vale a pena... isto passa... — foi a resposta.

O José Fontoura, vendo-o assim tão mal, dizia-lhe:

— Porque não ficas na cama?

— Não quero que os meus companheiros falem de mim e digam que eu só tenho ronha. Prefiro sofrer a dar ocasião a que os outros murmurem e julguem mal de mim...

A saúde, porém, não se restabelecia, e no dia 14 de Julho de 1956 o Caló dava entrada no hospital de S. José, donde transitou no dia seguinte para o de Santa Marta, no serviço n.º 11, sala 1, cama n.º 3.

Passou pelas mãos e tratamentos dos Srs. Drs. Eugénio Miranda Rodrigues, J. A. de Campos Henriques, Victor Hugo, E. Moradas Ferreira.

(1) — José de Sousa.

Infelizmente, os diagnósticos não foram rápidos nem concordes.

Do Dr. Campos Henriques transcrevemos a seguinte opinião:

«Da história clínica e do audiograma que fiz ao seu doente, concluo que houve fractura do rochedo (o mais provável é ter tido uma micro fractura da cápsula do labirinto). Como, em todo o caso, a condução óssea é boa, o prognóstico fica de remissa. Outra hipótese, com visos de probabilidade, é de fractura da ponte do rochedo e compressão do ramo coclear do VIII: É menos provável do que a primeira hipótese que ponho».

O Doutor Miranda Rodrigues relatou o seguinte:

«Fizemos-lhe uma punção lumbar que não revelou alterações, e um traçado electroencefalográfico que revelou alterações difusas de grau 3.

Nos últimos dias de vida começou a apresentar sinais meníngeos. Deliberamos então fazer-lhe uma ventriculografia para excluir a hipótese de um tumor no cérebro. Esta prova não revelou a existência de qualquer tumor.

Portanto, em conclusão: o diagnóstico provável é meningite tuberculose».

Na crucifixão que representavam os tratamentos, servia-lhe de conforto a dedicação dos Superiores, companheiros e benfeitores, entre os quais os Ex.mos Engenheiro Virgílio Pereira Ramos e D. Benvinda Andrade.

Os Superiores renovavam as visitas e as insistências junto dos médicos. Os companheiros enviavam-lhe cartas e redobravam de orações. (1)

(1) — É deste período final e doloroso da sua vida o seguinte facto, que merece ser assinalado:

Na «boa noite», o Director perguntou aos 165 internos se todos estavam de acordo em atribuir o primeiro

Recortamos dessas cartas algumas passagens expressivas:

«Sei que sofres, mas alegre-me porque te vejo sofrer dum modo tal, que agrada ao Céu e que faz o Senhor ter compaixão das almas pecadoras». (1)

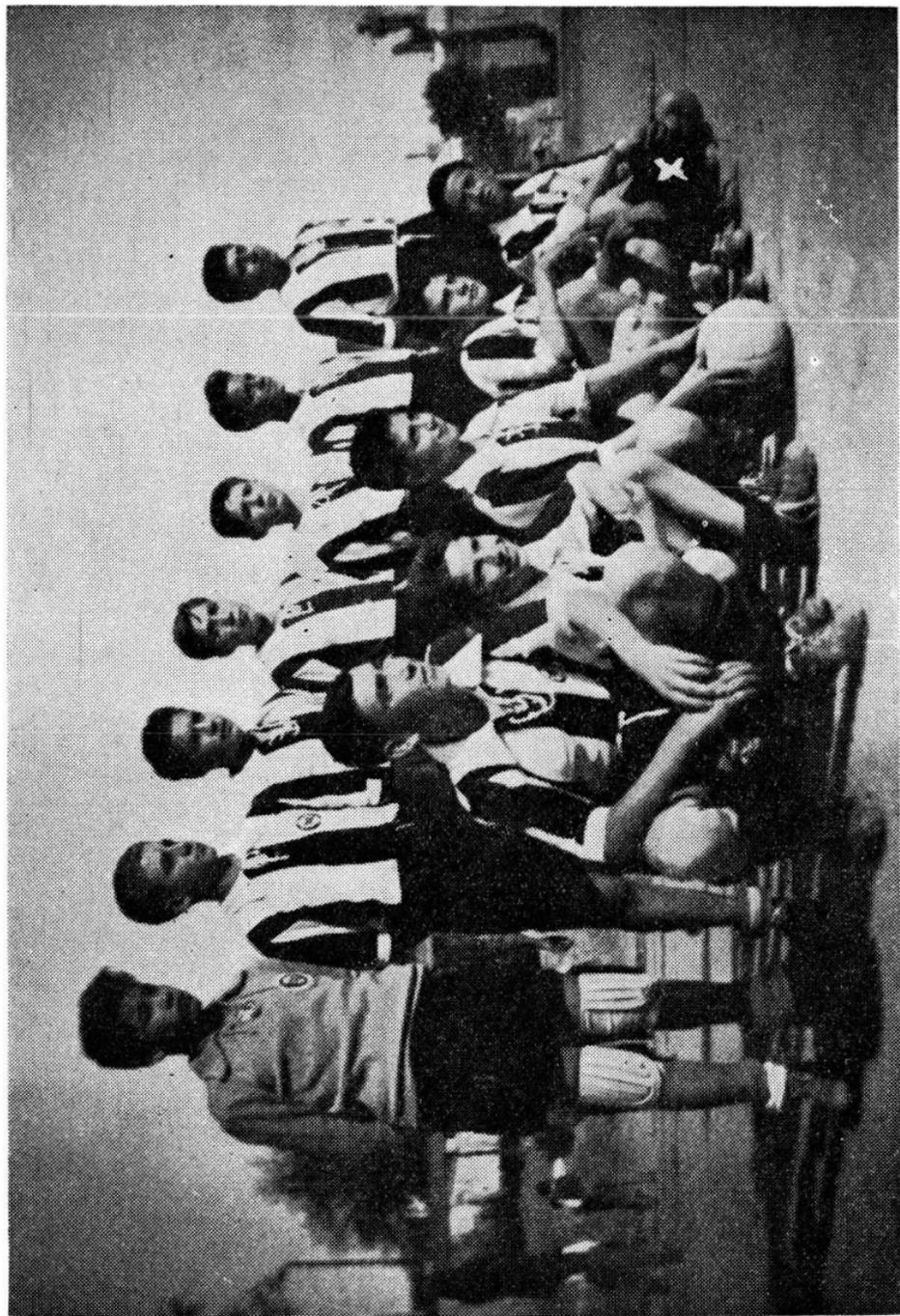
prémio de comportamento ao Fernando Caló, e pediu para levantarem a mão os que discordassem. Foi com espanto que puderam verificar a unanimidade dos pareceres — caso raro se não único — dentre uma multidão tão grande e com feitios e juízos diversos.

O Fernando, em virtude da doença das últimas semanas, não pôde fazer exame perante o júri do Sindicato dos Tipógrafos L. O. C. D. L.. Não quiseram porém os superiores e o seu mestre, Coadjutor Salesiano Sr. Bergant, deixar de premiar a sua boa aplicação. Conhecia como os demais os segredos da arte de compor e bem merecia essa consolação.

E foi no meio de júbilo indizível, na festa de encerramento a 21 de Julho de 1956, que os 25 alunos internos do curso industrial e 12 externos do comercial subiram ao palco para receber das mãos do Sr. Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, ilustre Subsecretário da Educação Nacional, o suspirado Diploma e carteira profissional. O dia era de triunfo justificado, pois um mestre competente, o Coadjutor salesiano senhor prof. Aquiles Marchetti, que há 30 anos trabalhava nas Escolas Profissionais — recebia a Comenda de grau de Cavaleiro da Ordem da Instrução Pública com que o Chefe do Estado o condecorava pelos seus serviços e méritos em prol da juventude operária.

O momento mais vibrante dessa festa, sempre lembrada com saudades e gratidão pelos antigos alunos, foi quando a mãe do Caló recebeu das mãos do mesmo ilustre membro do Governo, dois diplomas — o primeiro de comportamento e o segundo da aprendizagem.

(1) — José Fontoura.



Uma equipe que se ufana do seu ponta-esquerda...

* * *

A voz das testemunhas

Tem cintilações de estrelas e retinir de trombetas an-gélicas a virtude da castidade, porque por onde ela passa, deixa uma sementeira de luz e um coro de hossanas. Só assim se pode explicar que, nos depoimentos dos seus colegas, à pergunta de «qual a virtude que nele se distin-guia», entre os testemunhos um considera a resigna-ção, outro a paciência, um terceiro o sacrifício, outro ain-da a humildade, dois a caridade, dois a piedade, e sete a pureza.

Alguns deles dizem algo mais:

«Estimava-o porque me sentia feliz em tratar e falar com ele, porque vi nele um companheiro ideal, e o seu tratar era cheio de candura. Era pouca a convivência com ele, porque éramos de pátios diferentes. Todavia não posso deixar de dizer que nas poucas conversas que tive com ele, nem sequer uma palavra inconveniente, o que fazia com que eu gostasse muito de conversar com ele». (1)

«O Caló tinha um grande desejo de ser santo, e por isso tinha um grande horror ao pecado e procurava des-viá-lo dos seus companheiros e fazia lindos propósitos e entre tantos que fez, destaca-se este: «Antes morrer do que pecar»: o mesmo propósito que Domingos fez quando estava fazendo a sua Comunhão. Este é um dos alunos de D. Bosco que melhor soube imitar Domingos Sávio». (2)

(1) — *Frederico Vigário*

(2) — *Recaredo Nunes*

«Quando o Caló ia a passeio, e como tive a dita de ser seu colega de fila, reparei um dia que na Baixa de Lisboa, enquanto os seus colegas reparavam em montras, cartazes, etc. ele se entretinha a rezar o seu Terço sem dar atenção ao que se passava em sua volta». (1)

«O que mais admira é que ele era um rapaz difícil de domar, mas uma vez domado para o bem, tudo alcançava. Tinha sem dúvida de travar combates sem conta contra o mafarrico. Disse-me uma vez: O diabo pinta-se de tantas cores! Contudo, quando desses combates, saía vencedor! Tinha uma só vontade: Quero ser bom e quero ser santo como Domingos Sávio. E por essa frase dava exemplo e tinha coragem de enfrentar perigos». (2)

Diante de tanta felicidade e glória dessa virtude, pode-se concluir que ela nunca se compra demasiadamente cara!

*
* * *

O testemunho do seu Director

O cume mais alto dessa virtude heróica, vai ser o seu Director espiritual a revelar-no-lo:

«O Fernando começou do 2.º para o 3.º ano a ter uma vida de fervor, piedade eucarística e mariana, que se pode classificar de exemplar. Em breve sentiu necessidade de ter director espiritual. Aconselhado pelo seu confessor, que o dirigiu durante alguns meses, escolheu depois o Director da Casa. E duas ou três vezes por mês apresentava-

(1) — *Amândio Vieira*

(2) — *José Fontoura*

-se para expor as suas dificuldades, ou pedir conselhos para a sua orientação. O Director recorda a satisfação que sentia todas as vezes que o Fernando lhe ia falar. A sua alma cândida, o seu feitio alegre, o seu carácter aberto e franco irradiavam simpatia e criavam um ambiente novo à sua volta.

«A vida espiritual ia crescendo nele. Transformava-o pouco a pouco. Um dia veio pedir licença de fazer voto de castidade. Tinha então de 14 para 15 anos.

— Sabes o que isso quer dizer?

— Sei, sim.

— Sabes que se houver alguma infracção grave, comes-tes dois pecados?

— Sei, o meu confessor já me esclareceu tudo.

— Pois bem, autorizo-te, mas só por oito dias.

E não raro todas as vezes que recebia esta autorização, à noite ou no dia seguinte ia desabafar com o Director espiritual:

— Tenho tantas tentações. Nunca me senti tão tentado como hoje. Por que é?

E o Director dizia-lhe que o «inimigo» não estava contente com o voto que ele fizera.

Nas datas mais solenes, ou nas festas de Nosso Senhor ou da Virgem Santíssima, o seu entusiasmo e fervor aumentavam. E não as deixava passar sem Lhes prestar uma homenagem. Basta ler o seu «diário», para nos vencermos desta vida abrasada no amor de Deus!»

Quando os colegas viam o Fernando Caló, recolhido na capela, sorridente ao passar nos corredores, aplicado na aula e na oficina, entusiasta na banda, fogoso como ponta esquerda da sua equipa, dinâmico nas Companhias e na J.O.C., qual deles suspeitaria, qual deles adivinharia

que aquela jovialidade fresca e cristalina da sua fisionomia era o tesouro de uma alma consagrada?

A coroar o precioso depoimento do seu Director espiritual, queremos reproduzir aqui, do diário do Fernando, esta passagem que parece escrita com o coração todo banhado pelo olhar dulcíssimo da Imaculada:

«Maio de 1955. Dia 1: Primeiro dia do mês da Virgem Puríssima Auxiliadora. Depois de ouvir o parecer do meu Director espiritual e do meu confessor, e tendo licença de ambos, à hora da Comunhão, quando estava com Jesus Sacramentado no meu coração, eu fiz um voto. Voto de guardar a Pureza por uma semana. Oh dia feliz; o mais feliz desde que sou filho de Deus! À tarde, quando ninguém estava na capela, fui lá e diante do Sacrário, e da estátua de Nossa Senhora, eu agradei a grande graça deste dia, e prometi que havia de ser fiel, e pedi a Jesus que me mandasse a morte, mas não permitisse que eu conhecesse mais um pecado mortal, especialmente esta semana, e também depois dela, no decorrer da minha vida. Este voto consagrei-o à honra e glória da minha queridíssima Mãezinha do Céu».

Passam pelos caminhos da terra asas de anjos e refulgem espadas de arcanjos. É o fermentar do MUNDO MELHOR, que não tardará.

Sob o cetro da Auxiliadora

O distintivo dos corações puros e das almas santas não falta a Fernando Caló: a devoção a Nossa Senhora. E podemos até afirmar que nenhuma outra devoção atingiu nele tanta ternura e tanto ardor. Ela lhe inspirava o voo para as alturas e aquele heroísmo de sacrifícios, que constitui a epopeia dos mártires.

Para que neste capítulo tão belo da sua vida brilhe Fernando Caló de forma singular, com a herança e glória características dos alunos de D. Bosco, o grande apóstolo de Nossa Senhora Auxiliadora, queremos que seja todo escrito por ele próprio. Ficará assim mais autêntica esta riqueza da sua alma.

Limitamo-nos a transcrever:

Começamos com o seu «diário» de Maio de 1955:

Dia 1 — À tarde, à hora da merenda, como florinha ⁽¹⁾ particular, iniciei, com vários companheiros, uma novena em honra da SS.ma Virgem, para alcançar dela uma grande graça, enorme, sendo ela o desaparecimento das dívidas desta Casa e a construção da nova oficina de serralharia.

(1) — É tradição nas Casas Salesianas dar nas principais novenas: Imaculada, Natal e no mês de Maria, a chamada

Dia 2 — A florinha deste dia era: Observarei com maior exactidão o regulamento, especialmente no que toca ao «silêncio». Procurarei cumprir. Embora não a tenha cumprido completamente como devia ser, esforcei-me por cumpri-la bem, de maneira a Nossa Senhora ficar contente comigo. A minha florinha particular era: Chamarei um companheiro para vir fazer uma visita comigo, mas um companheiro que as faça poucas vezes. Fui e chamei um dos meus companheiros que estava mais nessas condições, e exortei-o a fazer muitas visitas, especialmente neste lindo mês de Maio, Mês de Maria, que deseja conceder muitas graças.

Dia 3 — Florinha: «Em honra de Nossa Senhora, beijarei repetidas vezes a medalha em que ela esteja representada». Essa, graças a Deus, cumpri-a bem, e não me esqueci de beijar a minha medalhinha de Nossa Senhora, várias vezes ao dia. A minha florinha particular era: Não dirás, durante o tempo da oficina uma palavra inútil, isto é, uma palavra que não seja precisa para o teu trabalho. É um pouco difícil para quem está habituado à conversa, mas com a graça de Deus, esforcei-me por cumpri-la e quase que consegui completamente, embora de vez em quando, com a distração, me fugisse uma palavra sem querer.

Dia 4 — Florinha dada: «Escreverás nos teus livros e especialmente no teu coração o meu nome». Esta florinha, em parte, é bastante fácil de cumprir, e eu procurei fazer o que ela dizia, escrevendo o nome de Maria nos meus livros, e procurei escrevê-lo principalmente, no meu coração. A minha florinha particular, foi: Todas as guloseimas que neste dia me vierem à mão, dá-las-ei aos meus companheiros. Não a pude cumprir, dado o caso de não ter tido nenhuma durante o decorrer do dia.

Dia 5 — Florinha dada: «Em honra de Nossa Senhora, procu-

«florinha» aos alunos. É um simples pensamento - propósito — para animar os jovens à prática da virtude. É na breve palestra das Boas Noites ou Boas Tardes recomendadas por S. João Bosco que os superiores lhes apontam a florinha ou ramallete para o dia imediato. O nosso Caló, como se vê pelos aiários, não só se esforçou por cumprir a que era apresentada na «Boa-Noite» mas procurava fazer mais alguma coisa de sua iniciativa. E como são belas e revelavam a generosidade da sua alma!

rarei ser agradecido a quem me faz bem, isto é, ser agradecido aos meus benfeitores, tanto espirituais como corporais». Por cumprimento desta florinha, não me esqueci de rezar pelos meus benfeitores e pelos benfeitores desta casa, que também são meus benfeitores. A minha florinha particular era esta: Durante o tempo do silêncio, procurarei ser mudo, estando sempre calado. Não me custou muito cumpri-la, embora em certas ocasiões me apetecesse deveras falar, e dizer qualquer coisa. Mas quase sempre me lembrava da florinha, e sem mais, nada se diz.

Dia 6 — «Preparar-me-ei para uma boa e santa morte», foi esta a florinha dada. Calhou bem, pois foi neste dia, que fizemos o nosso exercício de boa morte, e além disto, era também a primeira sexta-feira do mês. Preparar-me-ei para fazer o exercício, e fiz uma boa comunhão, continuando assim as primeiras sextas-feiras do mês. Como florinha particular, tinha: Durante o tempo destinado à capela não me encostarei ao banco. Cumpri, e além das florinhas, também procuro fazer um pequeno sacrifício, (se for grande não se perde nada) para honrar a Santíssima Virgem, e ao mesmo tempo, com o interesse de lhe pedir as graças de que mais necessito. Não peço só por mim, mas também, com tanta insistência como para mim, peço por outras intenções.

Dia 7 — Em honra da SS. Virgem, comunguei e sacrifiquei uns minutos do meu recreio, para lhe rezar o Santo Terço.

Dia 8 — Terminou o prazo do cumprimento do voto. Agradei ao Senhor tão grande graça, e o auxílio que me prestou durante ele, e das graças que me concedeu.

Dia 9 — Chamei um companheiro para vir fazer uma visita a Jesus Sacramentado, juntamente comigo.

Dia 10 — Durante o tempo da Oficina, tive vontade de beber água, mas como tinha vontade de a beber não bebi.

Dia 11 — Como florinha particular, eu tinha: Neste dia, em honra de Nossa Senhora, oferecerás a um teu companheiro a tua merenda. Custou-me um pouco, mas cumpri-a com alegria e de boa vontade.

Dia 12 — Como florinha particular eu tinha: Fazer, em honra da SS. Virgem, durante um dos meus recreios, 3 visitas particulares. Cumpri; depois num dos outros recreios, chamei um dos meus companheiros, para vir fazer uma visita comigo a Nossa Senhora.

Dia 13 — Em honra de Nossa Senhora, eu neste dia, comunguei em sua honra, e fiz-lhe várias visitas particulares.

Dia 14 — Em honra de Nossa Senhora, como tenho procurado fazer nos outros Sábados, eu rezei-lhe dois Terços.

Dia 15 — Festa do nosso querido Inspector. Neste dia pedi muito a Nossa Senhora por ele, e todas as minhas orações, comunhão, Missa e sacrifícios, ofereci-os a Nossa Senhora, com o fim de a honrar e ao mesmo tempo, pelas necessidades e intenções do Sr. Padre Inspector.

Dia 16 — Como florinha, eu tinha: «Farei um exame de consciência sobre as confissões passadas». Fi-lo e graças a Deus não encontrei nada de que me pudesse amedrontar. Como florinha particular, tinha o seguinte: Neste dia (e nos outros), vou-me esforçar por me comportar melhor, e procurarei fazê-lo bem, e com esta intenção fazendo o possível para que os meus Superiores estejam sempre satisfeitos comigo.

Dia 17 — A florinha era a seguinte: «Não murmurarei de ninguém e fugirei de quem o faz». Esta florinha teve boa aplicação, pois várias vezes tive a tentação de dizer qualquer coisa, que estava perto da murmuração, mas como me lembrava dela, não disse nada, e fiquei mais satisfeito.

Dia 18 — A florinha era: «Quando estiver a rezar conservarei sempre as mãos unidas diante do peito». Cumpri-a bem, e em todos os lugares. A minha florinha particular era: Todas as contrariedades que me vierem neste dia eu recebê-las-ei com alegria e sem mostrar enfado. Não foi lá muito bem cumprida, mas esforcei-me por a cumprir bem, embora pudesse cumpri-la melhor.

Dia 19 — A minha florinha era: Nossa Senhora diz na florinha: «Ama-me muito, quero fazer de ti um santo». Sim, eu quero amar muito Nossa Senhora e quero enraizar com raízes fundas este meu amor a Nossa Senhora. Tenho (e neste dia também), pedido por esta intenção, e quero continuar a fazê-lo. A florinha particular era: Oferecerei, além da minha comunhão, todas as minhas orações e devoções, e rezar-lhe-ei, em qualquer parte o Santo Terço. Cumpri, e não me esqueci de lhe rezar o Terço prometido para este dia.

Dia 20 — Florinha particular: «Para honrar Nossa Senhora eu invocarei o seu Santíssimo nome, especialmente neste dia, nas tentações que me vierem neste dia». Não me esqueci de o fazer; e quando me vinha uma tentação eu punha-me a dizer Jaculatórias seguidas, e durante um bom bocado, elas não apareciam. Durante o tempo da oficina estive abrasado em sede, mas para

honrar Nossa Senhora e também com o interesse de que Ela mande «quilos» para nós, não bebi, e só mais tarde é que o fiz.

Dia 21 — A florinha era: «Comungar muitas vezes, especialmente em dias de festa de Nossa Senhora». Para cumprir bem a florinha, eu neste dia fui comungar em honra da SS. Virgem, e propus-me ir muitas vezes e também nos dias de Nossa Senhora.

Dia 22 — Florinha: «Não profiras palavras que possam suscitar maus pensamentos». Procurei fazê-lo, e consegui-o com o auxílio de Nossa Senhora. Neste dia também iniciei uma novena em honra de Nossa Senhora, tendo em vista as minhas intenções da primeira.

Dia 23 — Nossa Senhora na florinha que nos deu, diz-nos: «Usa de grande modéstia ao despir-te e vestir-te». Procurei e cumpri-a da melhor maneira que pude, e na medida que pude, na modéstia também nos olhos, quando me encaminhava para certos lugares.

Dia 24 — Nossa Senhora diz-nos: «Nas grandes tentações, feias e más, invoca-me com o nome de Virgem Puríssima, rogai por mim». No decorrer do dia as tentações não faltaram, e eu lembrando-me do que dizia a florinha, recorri logo à Virgem Puríssima, e com o auxílio de Nossa Senhora venci as tentações. A minha florinha particular era: Procurarei imitar a santa pureza de Nossa Senhora». É o que tenho feito. Todos os dias na minha Comunhão, eu peço a Jesus que me faça morrer, ou melhor, que mande a morte, mas não permita nunca que eu tenha a desgraça de O ofender com o pecado mortal. Nas minhas visitas a Jesus e a Nossa Senhora, além de outras intenções, também tenho posto sempre esta. Tenho recorrido, e em especial neste dia, a Nossa Senhora, para que me ajude a vencer as tentações, e por isso, conservar sempre a bela virtude que é a pureza.

Dia 25 — Outro dos dias mais felizes da minha vida de Cristão. De manhã, na hora da Missa, quando tinha acabado de receber a Jesus, depois de Lhe agradecer tão grande graça, eu fiz pela segunda vez a grande promessa de conservar, sob pena de pecado mortal contra o voto, a graça de Deus durante os dias que faltam para acabar o mês. Espero com o auxílio do alto vencer todos os obstáculos, em especial nestes dias que faltam para acabar o mês da Virgem Santíssima a quem devo de modo especial recorrer nas tentações.

Dia 26 — Fiz, como nos outros dias, uma visita particular a Nossa Senhora e pedi-lhe por muitas intenções, não só minhas, mas também de outras pessoas.

Dia 27 — A florinha dizia-nos: «Recebe e cumpre sem hesitar todas as ordens que te derem». Procurei cumpri-la obedecendo sempre.

Dia 28 — A florinha do dia era: «Faze do teu coração um jardim meu. Cultiva nele as flores que mais me agradam». Procurei fazer o que Nossa Senhora nos dizia, e comecei pelo lírio, que tenho quase a certeza, é a flor que mais agrada à Virgem Puríssima.

Dia 29 — Dia do Divino Espírito Santo, e festa externa de Nossa Senhora Auxiliadora. De manhã, na Missa cantada, eu fiz uma comunhão em honra da SS. Virgem, e ao mesmo tempo a Jesus. De tarde, fui diante da imagem de Nossa Senhora, e fiz-lhe a renovação de todos os meus propósitos, feitos até à data. À tardinha, diante do SS. Sacramento, e da Imagem da Virgem, eu fiz a minha consagração especial ao Divino Espírito Santo, e depois à Virgem Auxiliadora, pedindo ao mesmo tempo as graças de que mais necessito.

Dia 30 — Terminei neste dia a novena em honra de Nossa Senhora que havia começado nove dias antes.

Dia 31 — Neste dia, último dia do mês de Nossa Senhora, eu fiz o seguinte: Ofereci-lhe tudo neste dia, tudo o que tinha ou que me viesse. Ofereci-lhe a minha saúde, os meus trabalhos, os meus estudos, as minhas alegrias, os meus pensamentos, a minha pureza, a minha vida; tudo eu lhe ofereci, com o fim de a honrar e a glorificar. Pedi-lhe uma coisa, que aliás sempre lhe pedirei: que escrevesse o meu nome no seu coração, e que nunca mais de lá se apagasse. Queria-lhe pedir muitas mais coisas na minha carta, mas como estava ausente do Colégio, não o pude fazer, mas ainda o faço. Como a florinha era evitar sempre o pecado mortal, eu pedi-lhe outra coisa: que rogasse por mim a Deus, para que Este se dignasse mandar-me a morte, mas não permitir nunca que eu tenha a desgraça de cair em pecado mortal. Numa palavra, renovei-lhe o meu propósito feito no dia de São Domingos: «ANTES MORRER DO QUE PECAR».

* * *

Na sua correspondência lá se manifesta sempre esta devoção:

«Se possível fosse, trazer-me também a minha Nossa Senhora de Fátima, que está em casa da madrinha, é que era bom!» (11-VII-1952).

Em 17-VII-1952:

«Escrevo-lhe esta carta para lhe dizer que os meus exames estão correndo bem, graças a Deus e a Nossa Senhora, que me têm ajudado muito. Onde Nossa Senhora me ajudou muito foi no ponto de Dezembro, onde apanhava 7 e 8 e no exame apanhei 12... Agora faltam as disciplinas, e espero ficar bem, pois com o auxílio de Nossa Senhora tudo se consegue, e espero que ela me auxilie. Queria-lhe pedir... o meu terço e o meu fio de prata, para pôr ao pescoço... Se pudesse também trazer-me uma Nossa Senhora de Fátima, eu agradecia-lhe muito.

«Escrevo-lhe só para pedir e mais nada... o meu terço e o meu fio de prata com as medalhas, que está em casa da madrinha...» (30-IV-1952)

Mas além destas cartas à sua mãe da terra, figuram entre os escritos do Caló as suas cartas à Mãe do Céu.

Explicamos:

Nos Colégios Salesianos vigora ainda uma graciosa tradição de, no mês de Maio, os seus alunos, com os Superiores, escreverem uma cartinha a Nossa Senhora. Estas cartinhas devidamente fechadas, juntam-se todas e no fim do mês são queimadas diante de uma imagem de Maria Auxiliadora, enquanto todos os circunstantes cantam algum louvor ou prece à Virgem Santíssima.

Por felicidade, encontramos num caderno de apontamentos do Caló o rascunho de duas destas cartas, desti-

nadas ao fogo. Nelas se patenteia, em toda a intimidade e largueza, o grande e acrisolado amor que este jovem, glória dos alunos salesianos, professava para com a Celeste Mãe Divina. Vamos transcrevê-las totalmente, tanto mais que nelas se descobrem ainda os sentimentos que ele nutria para com os Superiores, o pensamento dominante da sua vocação, e o estado da sua alma depois do desastre que lhe custaria a vida.

Ei-las:

«Minha boa Mãezinha: perdoai-me o meu descaramento em vos escrever, mas a razão disto é porque termino hoje o mês de Maio, mês a Vós dedicado. Não posso ficar calado. A minha consciência diz-me: escreve, escreve, escreve! E eu escrevo. Eu tenho muita coisa a pedir-vos e peço-vos desde já que as minhas preces quando até vós chegarem, sejam atendidas. Alcançai-me do vosso Divino Filho quanto vos quero pedir, pois hoje é o dia a vós dedicado, com o título de Medianeira de todas as Graças.

Vou começar os meus pedidos e perdoai-me, vou começar por mim.

A primeira grande graça que vos quero pedir é esta: Fazei-me morrer, antes que eu tenha a desgraça de ofender o Vosso Divino Filho com o pecado mortal. Nunca me cansarei de vos pedir isto, pois sei que é para mim o essencial.

2.^a grande graça: fazei de minha alma um lírio branco, mais branco do que a neve, nascido no vosso coração. Sim, minha boa mãe, eu quero que a minha alma seja sempre pura, mais branca que a neve, nunca manchada pelo pecado mortal, coisa que vos desagrade sumamente, e como vos desagrade não quero cometer.

Dai-me forças para manter sempre os meus propósitos, ser-lhes fiel, cumprindo-os sempre bem. Outra coisa que vos quero pedir: essa coisa, ponho-a completamente nas vossas mãos e nas mãos do Vosso Divino Filho Jesus. É a minha vocação. Resolvi esse caso, minha boa mãe, pois vós sabeis bem a melhor maneira como devo servir a Deus. Fica isto nas vossas mãos, minha boa mãe».

Segue o rascunho da segunda carta. É mais longa, mas é da máxima importância, para o estudo da alma do Caló.

«Mãe querida; já sabes qual o fim da minha carta. Só me lembro de ti quando de ti preciso. Perdoa esta minha apatia, mas com a tua ajuda vou ser melhor daqui para o futuro. Venho pedir-te muitas coisas, querida mãe, e estou ciente que tu, com toda a tua generosidade, e compaixão para comigo, não vais deixar de atender as minhas preces, principalmente as que mais precisão tenho.

Pois bem, aí vai: é uma grande ladainha. Perdoa ser tão grande, mas eu só te escrevo uma vez por ano, de maneira que aquilo que te quero pedir, vai tudo de uma vez. Não quero começar por mim, pois seria egoísmo, por isso começo pelos outros: pela minha mãezinha da terra. Ajuda-a sempre, dá-lhe saúde e roga a Jesus para que ma conserve cá por muitos anos, e depois lhe dê o prémio merecido. O mesmo para o paizinho, mais: que ele cumpra os seus deveres religiosos, e deixe aqueles malditos amigos, que são a perdição dele.

Agora passo ao meu querido Director Espiritual. Conserva-o, dá-lhe saúde, e ilumina-o para que possa continuar a dirigir sempre os destinos da nossa casa. Para o meu querido confessor (nesta altura o Salesiano Rev.mo Padre Albino Borges) te peço saúde e entendimento, para reprimir as minhas travessuras, e me esclareça com bons conselhos, e assim progredir na virtude. Para todos, Senhora Mãe, eu te peço guardes sempre junto do Coração do teu Jesus, para eternamente descansarem; bênçãos maternas, para continuarem a educar essa juventude, que sem eles estariam no caminho do vício. Também uma lembrança muito especial tenho para os senhores Mestres Bergant e Bertello em especial, e também para os outros. Sê para todos luz nas trevas, consolação nas horas amargas, e força no cansaço e desespero.

Agora, mãe, se me permites, passo para mim. E começo pelo campo espiritual, porque o material, embora bastante importante, na quadra que estou a atravessar, sempre é de menos importância. Se os apontamentos não me mentem, até à data fiz 11 propósitos que continuam em vigor. Pois bem. O ano passado tive a suma descrita de lhes

faltar, pois faltei ao cumprimento de um, e faltando a esse, faltei à maior parte dos que tomei. Mas agora, sim, agora e sempre não quero faltar a nenhum, a mais nenhum. Quero fazer-me Santo, como num deles te digo. Pois bem, mãe querida! Dai-me forças, coragem e ânimo para os cumprir. Leva-me a vida, mãe querida, mas não permitas que eu ofenda mais a Jesus. É uma súplica para ti, que me sai do mais profundo do meu coração, e do mais íntimo da minha alma. Vê lá, mãe. Tem piedade de mim. «Antes quero a morte que o pecado».

Entreguei nas tuas mãos, mãe querida, o problema da minha vocação. No passado mês de Abril, tu deste-me a conhecer a resolução que devia tomar. Foi mesmo um dos meus propósitos a resolução que tomei. Bom. Estava o caso arrumado, mas, logo após oito dias, começaram a vir dificuldades, e apesar de ter sido só uma, ainda perdura e estou com receio de que me leve a dianteira. Pronto, tal qual fiz anteriormente, assim vou fazer agora, ponho o caso nas tuas mãos, e tu, com a tua suprema sabedoria, que Jesus te deu, resolve o problema que eu farei o possível por aceitar.

Olha, mãe, a minha devoção para contigo é muito frouxa. O que eu te quero pedir é que me inflames no teu santo amor, para que eu te ame sinceramente e seja teu verdadeiro devoto. Escreve, querida mãe, no teu Coração Imaculado, o meu nome, o nome deste rapaz que quer fazer o seu coração semelhante ao teu, que quer que a alma dele seja parecida com a tua, que quer que o seu coração participe das mesmas alegrias e das mesmas penas que participa o teu; e enfim, depois quer gozar eternamente junto, juntinho do teu Coração, e do Coração Sagrado do teu querido Jesus. Sim, mãe, é isto. Guarda-me um lugar para os meus paizinhos, família inteira, queridos Superiores e companheiros.

Agora, mãe querida, passo a pedir-te os favores materiais.

Eis o primeiro. É relativo ao meu estado de saúde. Com o embate que dei na coluna, tenho sofrido bastante de lá até cá. Bem mereço sofrer, porque só te faço sofrer e ao teu querido Jesus, também. Mas olha: antes de partir os dentes, uma semana, eu tinha tomado a resolução que

muito te alegrou com toda a certeza, de ser Sacerdote. Veio o embate, e receio de não poder ser. Porém penso... mas o mal chegou o mês passado e tem continuado até hoje. Segundo informações que recebi, no actual estado em que estou, não posso ser sacerdote. E agora, ainda para ajudar, o médico disse que havia poucas probabilidades de me curar do ouvido. Um padre surdo... A única esperança que me resta, sois vós.

Toda a minha fé está concentrada em ti. Lembra-te que eu quero ser sacerdote, quero seguir as pisadas de teu Filho Divino, que tão poucos amam. E eu quero amá-Lo entranhadamente, quero fazê-Lo conhecido, quero salvar almas para o Seu reino e quero eu próprio chegar, o mais possível que um miserável possa, a ser um exemplo perfeito de tão sublime Chefe e Modelo de perfeição de Santidade. Vê lá, mãe querida, quanta coisa vou ficar impossibilitado de fazer, se tu não me curas. No entanto, este é o meu pedido. Mas não se faça conforme a minha vontade, mas sim conforme é desejo de Jesus. Ele que me mandou a doença e vê que neste estado não posso segui-Lo, conforme é seu desejo, logo arranjará maneira de fazer desaparecer isto. Conforme a mandou, assim a chamará. Faça-se em mim só a vontade do Senhor.

E olha, mãe querida. Aqui em Fátima, neste lugar santo, eu te quero fazer duas promessas solenes. A primeira é esta: Se tu me curares de tudo quanto tenho, antes de arrumar a minha vida, eu te prometo durante as férias voltar aqui a este lugar, trazendo ou comprando cá algumas lembranças, para tu veres, da cura. O fim da minha volta cá é de te agradecer sumamente a grande graça. A segunda é esta: Ficando curado do que tenho, fico também em plena possibilidade de ser sacerdote. Pois bem. Se assim acontecer, e se eu com a tua ajuda chegar lá, como é meu supremo desejo, eu te prometo neste momento de uma das minhas primeiras missas no país, ser aqui neste teu altar e nesta tua terra tão querida. No entanto, mãe querida, todas as minhas esperanças estão fundadas em ti. Faz conforme te aprouver, e vires que é melhor para mim e para a salvação dos meus.

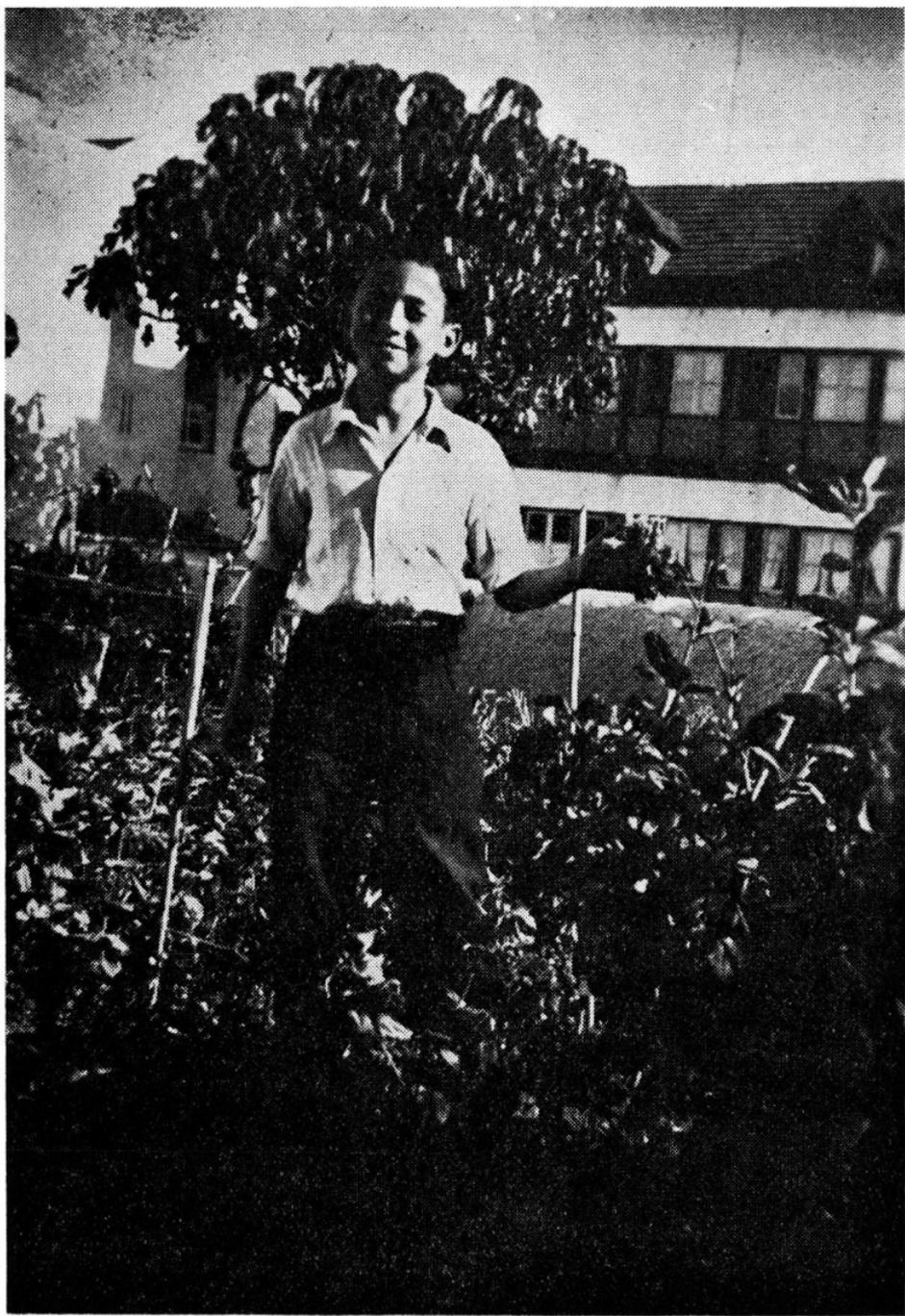
Ainda mais graças te quero pedir, e uma delas é esta: Com a doença que tenho, estou impossibilitado de ir à

Oficina, pois o meu estado de saúde não é nada bom. Os exames estão à porta. Temo muito pelo resultado final, de que muito depende o meu futuro.

No entanto sei que ele está nas tuas mãos, de maneira que tu, mãe querida, é que sabes como é melhor. Simplesmente era para te lembrar. Por isso, mãe querida, te peço muito por esta intenção, pois quero seguir sempre indefectivelmente o meu ideal. Ó mãe, ainda te quero pedir por mais alguém: Irmãos, companheiros e amigos».

Ao terminar esta carta, considerámo-la a mais perfeita fotografia da alma de Fernando Caló. Já ninguém dirá, diante destes sentimentos, que ele era um rapaz como os outros. Antes concluirá que, na verdade, uma devoção terníssima, acrisolada a Nossa Senhora, não é somente um sinal de salvação; é-o também de verdadeira predilecção celeste.

Um lírio entre flores...





Ainda na urna, o Caló honra o nome salesiano.

O sonho doizado

Há um olhar de Jesus, cuja ternura e sedução continua a pairar sobre muitas almas...

Pairou uma vez sobre um jovem: «Vem e segue-me». (Mat. XIX, 21). Pairou sobre os pescadores do mar da Galileia: «Segui-me e eu vos farei pescadores de homens... e eles imediatamente, abandonando as redes e o pai, O seguiram». (Mat. IV, 19-22). Pairou sobre os apóstolos na última Ceia: «Já vos não chamo servos... mas chamei-vos amigos... Não fostes vós que me escolhestes, mas fui Eu que vos escolhi a vós...» (João XV, 15-16)

Este olhar pairava sobre a alma de Fernando, a atraí-lo para o alto.

Tinha ele saído do Asilo de Santo António, do Estoril, para as Oficinas de S. José de Lisboa, e o Salesiano, que fora assistente da sua Companhia religiosa do Estoril, encontrando-o lá na tipografia debruçado sobre a sua caixa de tipo, perguntou-lhe um dia:

—Fernando, que desejarias ser no futuro?

Era uma pergunta intencional, feita por quem conhecera já a sua alma generosa.

E o Fernandito, a sorrir, olhando muito o Salesiano, como quem busca uma palavra de aprovação, diz-lhe:

— Desejava ser padre!

— Então vai falar com o teu Director, e expõe-lhe esse desejo.

E, de facto, aquele desejo foi de cada vez lançando mais profundas raízes, e determinando na vida de Caló rumos e atitudes apostólicas.

E quando a chama se torna labareda, ninguém a pode sufocar debaixo do alqueire. Os companheiros sabiam a grande ambição de Caló:

«Tinha uma vontade forte de vencer e um ideal que o elevava para o alto: o de querer ser sacerdote». (1)

«Ele durante a sua vida pensava em ser santo e queria ser padre». (2)

«Estimava-o, porque sonhava com um novo sacerdote...». (3)

«Como ele queria ser sacerdote, oferecia diáriamente a minha comunhão pelas vocações». (4)

Depois do desastre, que o vitimaria, uma senhora, sabendo como sofria, observou:

— O Fernando é diferente dos outros rapazes. Deve sofrer muito, mas não o mostra. Não parece deste mundo. Já o ano passado lhe disse que era feito para padre. Oh, o Fernando é talhadinho para isso!

E não se conteve que não perguntasse:

— Porque é que não seguiste para padre?

— Não é possível, por causa da situação dos meus pais.

(1) — José Fontoura

(2) — João Augusto Fontes

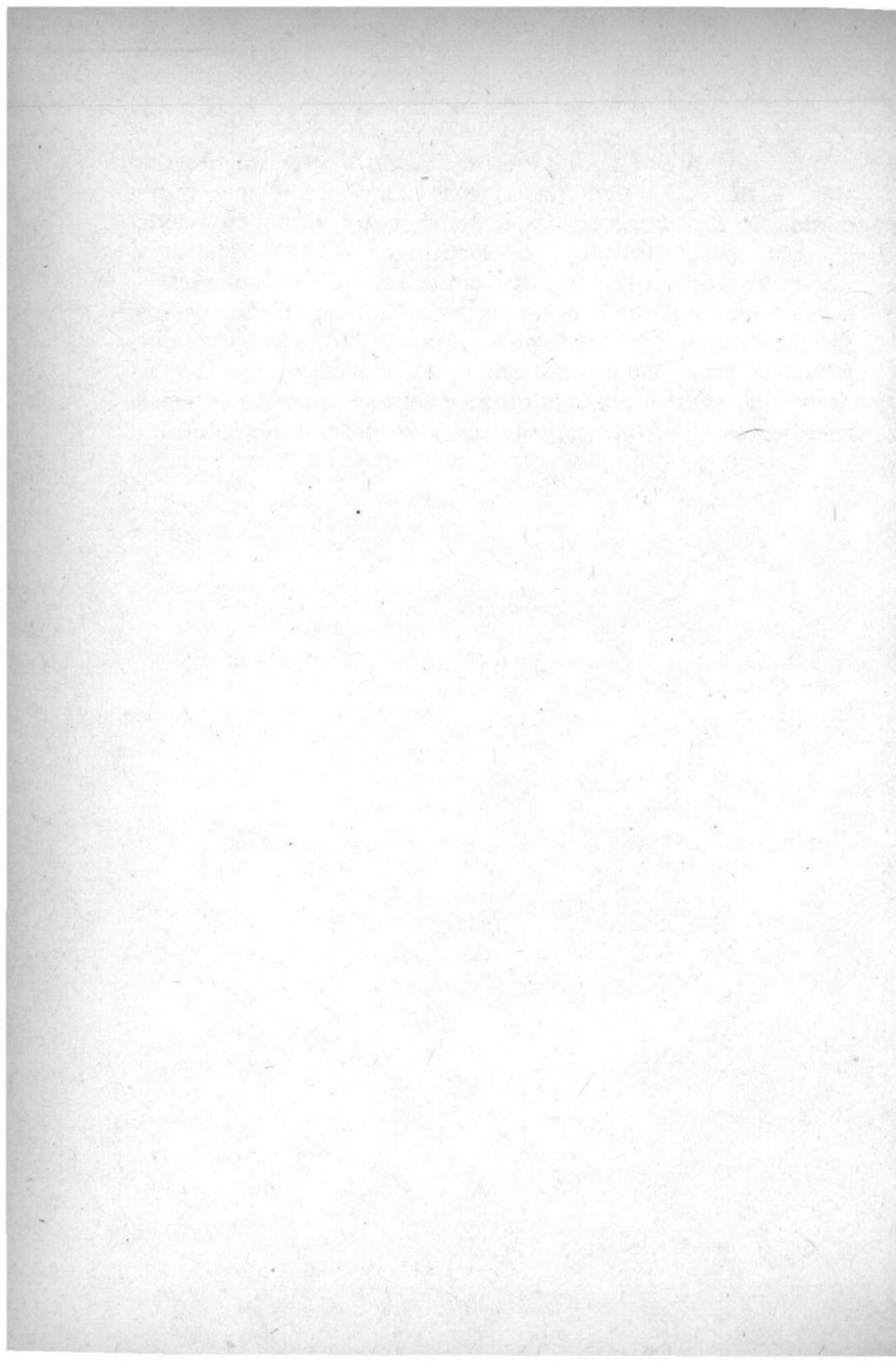
(3) — António Jacinto Rosa

(4) — Recaredo Nunes.

E onde o seu sonho doirado brilha com fulgores do Céu, é na carta dirigida a Nossa Senhora e que publicámos já. Era uma vocação ardente, que o empolgava todo.

Mas o fiel imitador de Domingos Sávio havia de o imitar também neste ponto: como Sávio, não chegaria a saborear a felicidade de subir ao altar, depois de ter suspirado por ela tão vivamente... Mas podemos afirmar que, também como Domingos Sávio, ele deixa aos jovens sedentos de ideal e daquele olhar e sorriso de Jesus aos seus predilectos, o sonho doirado da sua vocação sacerdotal.

Esta é a herança sagrada do Fernando Caló...



A caminho do calvário

Um só é o sinal que distingue o verdadeiro do mau cristão, o herói do cobarde, o triunfador do vicioso, sinal este que resume toda a doutrina do Cristianismo e todo o fermento do Mundo Melhor: é o SACRIFÍCIO.

Cristo o recomendou no Evangelho:

«Alguém perguntou-lhe: Senhor, são poucos os que se salvam? E Ele (Jesus) disse-lhe: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita (da penitência)...» (S. Lucas, XIII, 23-24).

Não há impossíveis, nem na vida material nem na vida moral, para um jovem que fôr capaz de sacrificar-se.

A vida de Fernando, desde o seu nascimento, foi assinalada pelo sacrifício:

Ainda no berço, tem de andar de um asilo para outro, de casa de um parente para casa de outro.

Nas férias, enquanto outros descansam e gozam, o Fernando tem de trabalhar de «grume».

Ao escolher um ideal encoraja-se para o ideal máximo de sacrifício: ser sacerdote para, com Cristo, ser consagrado e consumido pelas almas.

E, em plena juventude, irá ele assinalar com sangue a sua ascensão para o Calvário...

Está dito que o heroísmo e o martírio não se improvisam. Implicam o noviciado de uma vida inteira de sacrifício abraçado corajosamente, alegremente... e uma graça especial do Espírito Santo, o Divino Doador da Fortaleza.

Nos pequenos sacrifícios dos seus diários espirituais, pequenos, mas que a constância tornava grandes, foi ele preparando o holocausto supremo.

Através desta biografia, já foram mencionadas algumas das suas mortificações.

Queremos somente ajuntar esta, antes da sua prova máxima:

No refeitório das Oficinas de S. José havia ao lado do Caló dois companheiros de génio irrequieto e indisciplinado. Empurravam-no, faziam barulho e quando o Padre Administrador, Assistente, se avizinhava, acusavam logo apontando o Fernando:

— É ele que faz a desordem!

Uma atitude tão grave dos companheiros tinha a sobrepujá-la a beleza heróica da alma do Fernando, que sofria em silêncio. Isto sucedeu algumas vezes. E o Fernando não se queixava a ninguém, senão a sua mãe:

— Ó mãe, há dois alunos que me dão empurrões e fazem escabeche, e por cima ainda me acusam de que sou eu o desordeiro. E olhe que o Sr. Padre está quase convencido de que sou eu. Mas não sou.

— Se queres, filho, responde a mãe, eu digo ao Sr. Director.

— Não, mãe, deixe lá ver se isto passa.

Não é coragem vulgar sofrer sem se queixar, e sofrer injustamente.

Quando alguém sobe numa montanha e se distancia dos outros, mais pequeno nos parece... Na vida espiritual, a perspectiva é diferente: Quanto mais alguém sobe, mais se agiganta, e somos nós que nos sentimos muito pequeninos diante deles...

Este é o sentimento que nos invade diante da generosidade extrema do Fernando Caló, em favor do imortal Papa Pio XII, o Pastor Angelicus, de santa memória.

Copiamo-lo na íntegra do depoimento dum seu companheiro: (1)

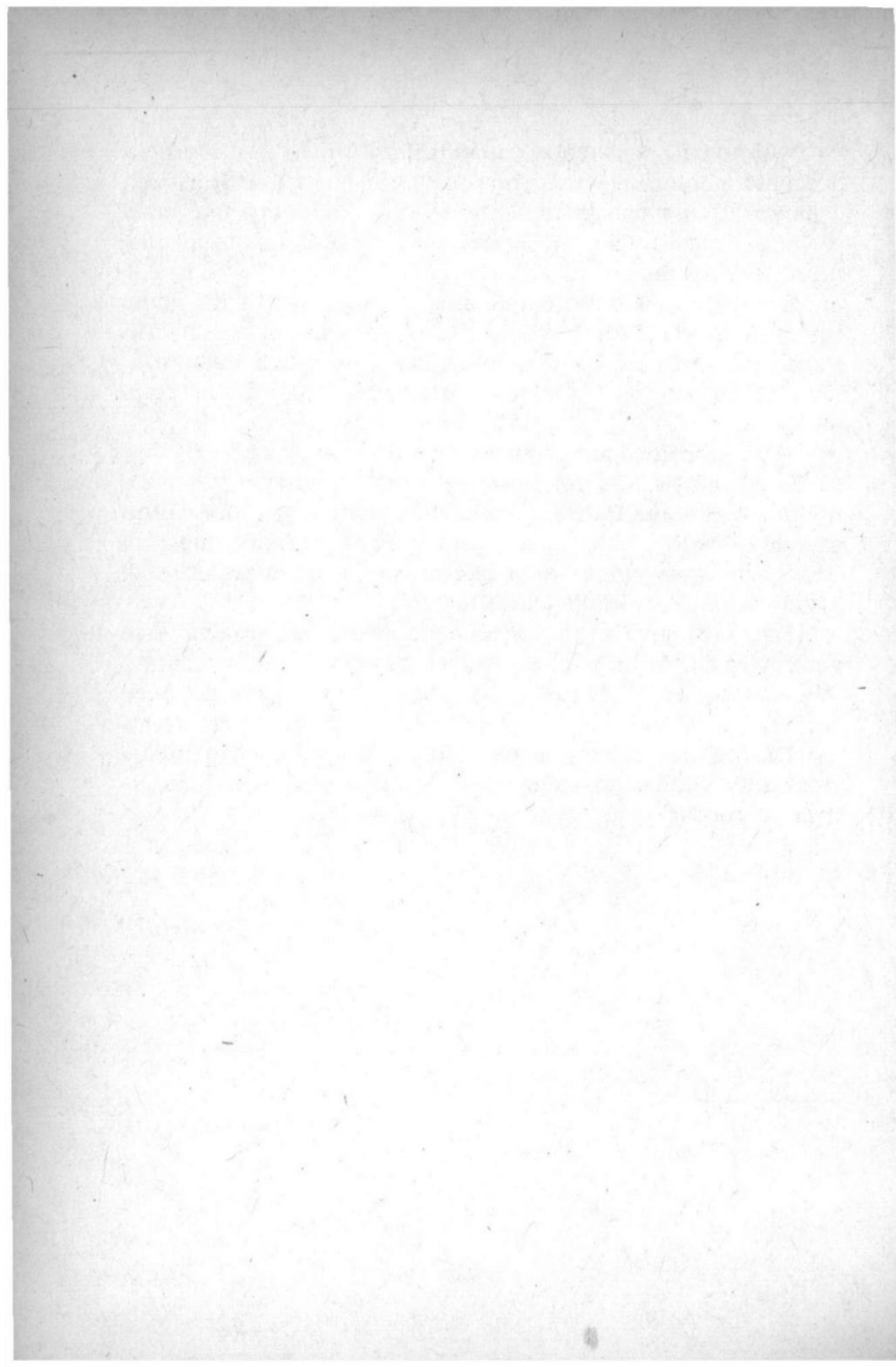
«Um episódio que admirei no Caló, foi quando na festa de S. Santidade, em Março de 1956, quando o Caló ou melhor o Senhor Padre Teófilo lhe perguntou o que tinha oferecido pelo Papa, ele disse: Pedi a Deus que me tirasse os anos que fossem necessários e os acrescentasse à vida de S. Santidade Pio XII».

Nesta biografia já foi publicado no seu diário esse acto heróico, feito a 12 de Março de 1956.

A doação foi feita... o Senhor estava livre de aceitar...

Diante dos mistérios de Deus, e da sua acção misteriosa nas almas, nós não temos mais a fazer senão ajoelhar e adorar.

(1) — Manuel S. Rebelo



O desastre

Numa carta ao pai, em 23 de Maio de 1954, o Fernando escrevia estas palavras que depois da sua morte se revestiram de especial significado:

«Pai, já vou a caminho de velho, vou fazer 15 anos... Felizmente, agora não tenho tido desastres e tudo me tem corrido bem; no entanto, às vezes aparecem surpresas desagradáveis...»

E a surpresa desagradável, na verdade, surgiu... E se consideramos velhice a proximidade da morte, na verdade estava velho... E os desastres, que não lhe sucediam então, andavam a rondá-lo, porém...

Aproveitamos agora o relatório redigido pelo seu Catequista, o Rev. P. Marvão, que lhe foi dedicadíssimo:

«RELATÓRIO DA DOENÇA»

1.º — QUEDA

Domingo, dia 22 de Abril. Dia frio e triste com chuvadas de vez em quando. Como de costume os alunos vão de passeio, divididos em grupos. O Caló lá foi com os compositores com o Sr. Mestre Bergant. Chegam ao Rato e começa a chover. Mal veio a aberta regressaram, e esse grupo foi o primeiro a regres-

sar. Como o tempo estava agradável para jogo, alguns do grupo foram pedir licença ao Rev. P. Conselheiro que começou a apresentar dificuldades. O Caló foi um dos que mais insistiram, e por fim, obteve-se a licença. Muitos houve que procuraram dissuadir o Caló do jogo e ele próprio me afirmou que não sentia grandes atractivos nesse dia pelo jogo e que se decidiu mais para ser agradável aos desejosos do jogo que por outra coisa. Enfim era daqueles sentimentos de companheirismo, delicadeza e caridade tão habituais no Caló...

Começou o jogo, meia dúzia de cada lado...

E veio a triste jogada. Eram umas 16,30 h. Ele, que não costumava dar cabeçadas, numa vertiginosa corrida paralela ao pátio saltou de cabeça à bola com os olhos fechados e quando deu por si estava em frente da coluna. É a terceira a contar do teatro ou a 10.^a da portaria contando apenas as paralelas ao recreio. Ele jogou a ponta esquerda e a jogada era feita contra as redes do lado do Cemitério dos Prazeres.

Intuitivamente deitou as mãos à coluna, mas com a força da corrida os braços não aguentaram e deu-se o choque de frente, ferindo bastante os dois lábios e partindo um pedaço dos dois dentes incisivos do maxilar superior. Não desmaiou nem caiu; apenas ficou um pouco atordoado. Acorreu o Sr. P. Conselheiro ⁽¹⁾ que estava a pouquíssima distância e acompanhou-o até à enfermaria, fazendo o Caló todo o trajecto por seu próprio pé. Lavada a boca e pensados os ferimentos foi ao espelho e ao ver os dentes partidos teve então um ataque de choro.

A sua agenda de 1956, no dia 20 de Abril diz textualmente:

«Vim mais cedo do passeio por causa da chuva, e fui jogar futebol, e joguei tanto que fui contra uma coluna e parti dois dentes à frente. Fiquei sem tocar».

Nesta expressão notam-se estas duas observações:

a) A faceta elegeu alegre e jovial que aparece na mesma redacção da frase. Esta jovialidade, este espírito alegre e optimista em relação à queda, manifestá-lo-á mais expressivamente mais tarde ao dizer: «Se não tivesse partido os dentes era a melhor

(1) — *É nas Casas Salesianas o director dos estudos e da disciplina.*

jogada do mundo». Outra versão é: Se eu não bato com a cabeça na coluna, era a melhor jogada de todos os tempos das Oficinas.

b) O seu sentido da responsabilidade: «Fiquei sem tocar». Terei ocasião de fixar em particular este seu sentido do dever e da responsabilidade. No entanto, a título de explicação da frase devo dizer que a banda tinha nessa altura diversas excursões, e que ele era primeiro trompete e solista. Daqui a grande pena e amargura...

Tinha ido dar a bênção do Santíssimo às capelarias próximas. Quando cheguei referiram-me logo o ocorrido e dirigi-me logo ao seu encontro que creio foi no recreio em um grupinho. Com a mão segurava um lençinho com que cobria a boca porque o contacto com o ar lhe causava sofrimento. Mostrou-me a boca e com ar sorridente disse-me mais ou menos textualmente: «Tenha paciência, mas espero estar bom para a festa do Senhor Padre Inspector». Esta festa seria a 13 de Maio.

Agarrando-lhe num braço e levando-o um bocadinho comigo, perguntei-lhe: «Olha lá, já te lembraste de oferecer isso a Nosso Senhor?» — Respondeu-me logo sorridente: «Já, já, isso foi logo».

O DENTISTA

O estudo daquele dia passou-o a chorar, porque as dores de dentes deviam ser atrozes. De noite também não conseguiu dormir. No dia seguinte foi ao dentista.

Como os dentes estavam a abanar, não lhes fez nada, mandando-os tratar para se robustecerem as gengivas e mesmo para ver se fortaleciam e seria desnecessário arrancá-los.

Diz assim a agenda:

«Fui ao Sr. Doutor e ele disse que se calhar tenho que tirar os dois dentes da frente e pôr outros caso estes não se segurem».

O PRIMEIRO ENCONTRO COM A MÃE

No dia seguinte diz a agenda: «Passei a não ir à oficina e a ficar no escritório do Sr. P. Conselheiro. E veio cá a minha mãe que ficou muito triste com a notícia dos dentes que ela já o sabia pelo meu primo.

Eis um diálogo travado entre a mãe e o filho, que ela me referiu no dia 9 de Setembro de 1956:

«A rir-se muito alegre, mal me viu, disse-me:

— Então, mãe?!...

E eu disse:

— Oh Fernando, que grande pancada tu deste para partir os dentes!

E ele:

— Oh mãe, ia a correr com tanta força, tanta que eu não sei onde fui buscar tanta força. Pus ainda a mão, mas o braço fez assim (e fazia o gesto de encolher na parede...) e bati com os dentes assim (gesto). Fui à enfermaria, lavei a boca e puseram-me mercurocromo, mas depois quando fui ao espelho e vi que tinha os dentes partidos, ó mãe tive um ataque de choro tão grande!... Chorei tanto, tanto!...

Como é óbvio a sua alimentação nestes dias não podia ser a da comunidade, tinha de preparar-se qualquer coisa de especial. Eu mesmo lha preparei algumas vezes, e era ver como aquela alma delicada se desfazia em agradecimentos; mas mais que as palavras, os seus olhos, falava o seu rosto... Oh e como falavam!... Muitas vezes também brotava-lhe espontâneo o sentimento da humildade: «Oh! senhor Padre, oh senhor Padre, não se preocupe tanto comigo; qualquer coisa basta.

No dia 25 recebeu a visita de sua tia Antónia. Diz ele: «Veio cá a minha tia por causa da matrícula do meu primo. Ficou também aborrecida por causa dos dentes».

No dia 26 — Fui novamente ao dentista, mas ele não me fez nada porque o meu lábio ainda estava muito mal».

No dia 28, a sua agenda nos revela o seu espírito jovial: «Neste dia tirei um dente na enfermaria. Tirou-mo o Senhor António enfermeiro a sangue frio, com um alicate. Ficou cá um grande buraco!...»

No dia seguinte comemorávamos o dia do Antigo Aluno. Por ser o Ano Cinquentenário deliberou-se fazer uma festa mais solene. De manhã, quando saímos da santa missa, aguardavam-nos a banda com o colégio formado no pátio. Pena teve o Caló de não tocar. Há uma fotografia da recepção onde ele está muito bem. Ao cair da tarde, com o Sr. P. Pires levamos o grupinho dos finalistas a dar uma voltita até chegar a hora do jantar.

Diz ele: «Dia do Antigo Aluno Salesiano, embora desdentado andei todo o dia com eles, e à tarde fui dar um passeio com os finalistas, e o Sr. Padre Catequista».

No dia 30 diz a sua agenda: «Fui outra vez ao dentista, e ele tirou-me o outro dente que já se estava a segurar.

Disse-me para quando eu vir que isto está bom mais ou menos, para ir lá pôr a placa».

SINTOMAS GRAVES

Passados os primeiros oito dias da queda, o único mal parecia de facto a perda dos dentes porém, internamente estava a germinar já a enfermidade que o devia vitimar.

De facto, cerca de três semanas depois começaram a vir as tonturas e os vômitos; as tonturas foram progredindo, acabando por lhe roubar o equilíbrio. Um peso, conforme ele se exprimia, lhe oprimia o cérebro, e lhe ia enfraquecendo a vista, o ouvido e roubando mesmo o equilíbrio. De facto era desolador ver como o pobre rapaz caminhava descrevendo grandes curvas, e apoiando-se ao que lhe aparecia pela frente. Assim, na capela era um dó de alma, vê-lo aproximar-se da Sagrada Mesa apoiando-se de banco em banco.

Quanto aos vômitos era confrangedor. Nada lhe consentia o estômago. Apesar de se prepararem alimentos especiais, nada disso era assimilado porque tudo era devolvido».

Até aqui, os apontamentos do Rev.mo Padre Marvão.

Os seus companheiros, testemunhas do seu grande sofrimento, acrescentam mais alguns pormenores e impressões dignas de arquivo:

De Manuel C. Monteiro: «Ficou como que espetado na coluna. O barulho que produziu o encontro com a coluna foi de tal maneira forte, que se ouviu por todo o campo... A coluna ficou com um pouco de sangue. No entanto, nunca ouvi dele a mínima queixa...».

«A paciência e a resignação com que sofria edificava

a todos. As suas respostas alegres quase nos faziam esquecer de que ele sofria. (1)

A aumentar o peso da cruz que lhe caíra em cheio, um companheiro, um dia, na brincadeira, dá-lhe um valente murro na cabeça. Alguns colegas que assistem, ficam irritados e resolvem comunicar o caso ao Superior. Fernando limita-se a dizer com brandura:

— Olha que me aleijaste!

Laurindo Costa Calado, que nessa altura está na enfermaria, pergunta-lhe:

— Há melhoras?

— Isto vai andando... — e sorria.

Uma vez, no recreio, os vômitos afligem-no duma forma dolorosa. Manuel Monteiro aconselha-o a ir para a enfermaria.

— Não vale a pena... isto passa... — foi a resposta.

O José Fontoura, vendo-o assim tão mal, dizia-lhe:

— Porque não ficas na cama?

— Não quero que os meus companheiros falem de mim e digam que eu só tenho ronha. Prefiro sofrer a dar ocasião a que os outros murmurem e julguem mal de mim...

A saúde, porém, não se restabelecia, e no dia 14 de Julho de 1956 o Caló dava entrada no hospital de S. José, donde transitou no dia seguinte para o de Santa Marta, no serviço n.º 11, sala 1, cama n.º 3.

Passou pelas mãos e tratamentos dos Srs. Drs. Eugénio Miranda Rodrigues, J. A. de Campos Henriques, Victor Hugo, E. Moradas Ferreira.

(1) — José de Sousa.

Infelizmente, os diagnósticos não foram rápidos nem concordes.

Do Dr. Campos Henriques transcrevemos a seguinte opinião:

«Da história clínica e do audiograma que fiz ao seu doente, concluo que houve fractura do rochedo (o mais provável é ter tido uma micro fractura da cápsula do labirinto). Como, em todo o caso, a condução óssea é boa, o prognóstico fica de remissa. Outra hipótese, com visos de probabilidade, é de fractura da ponte do rochedo e compressão do ramo coclear do VIII: É menos provável do que a primeira hipótese que ponho».

O Doutor Miranda Rodrigues relatou o seguinte:

«Fizemos-lhe uma punção lumbar que não revelou alterações, e um traçado electroencefalográfico que revelou alterações difusas de grau 3.

Nos últimos dias de vida começou a apresentar sinais meníngeos. Deliberamos então fazer-lhe uma ventriculografia para excluir a hipótese de um tumor no cérebro. Esta prova não revelou a existência de qualquer tumor.

Portanto, em conclusão: o diagnóstico provável é meningite tuberculose».

Na crucifixão que representavam os tratamentos, servia-lhe de conforto a dedicação dos Superiores, companheiros e benfeitores, entre os quais os Ex.mos Engenheiro Virgílio Pereira Ramos e D. Benvinda Andrade.

Os Superiores renovavam as visitas e as insistências junto dos médicos. Os companheiros enviavam-lhe cartas e redobravam de orações. (1)

(1) — *É deste período final e doloroso da sua vida o seguinte facto, que merece ser assinalado:*

Na «boa noite», o Director perguntou aos 165 internos se todos estavam de acordo em atribuir o primeiro

Recortamos dessas cartas algumas passagens expressivas:

«Sei que sofres, mas alegre-me porque te vejo sofrer dum modo tal, que agrada ao Céu e que faz o Senhor ter compaixão das almas pecadoras». (1)

prémio de comportamento ao Fernando Caló, e pediu para levantarem a mão os que discordassem. Foi com espanto que puderam verificar a unanimidade dos pareceres — caso raro se não único — dentre uma multidão tão grande e com feitios e juízos diversos.

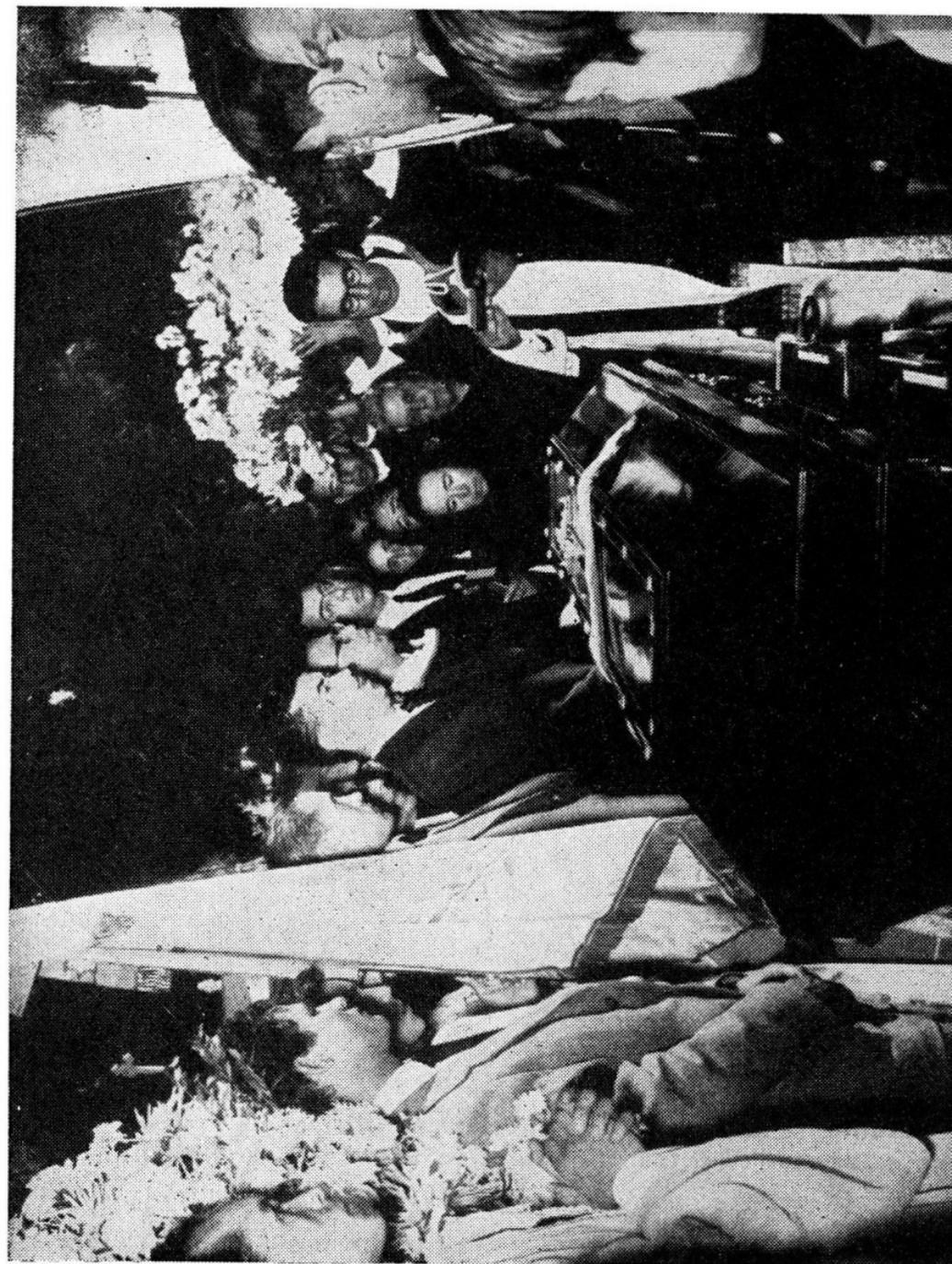
O Fernando, em virtude da doença das últimas semanas, não pôde fazer exame perante o júri do Sindicato dos Tipógrafos L. O. C. D. L.. Não quiseram porém os superiores e o seu mestre, Coadjutor Salesiano Sr. Bergant, deixar de premiar a sua boa aplicação. Conhecia como os demais os segredos da arte de compor e bem merecia essa consolação.

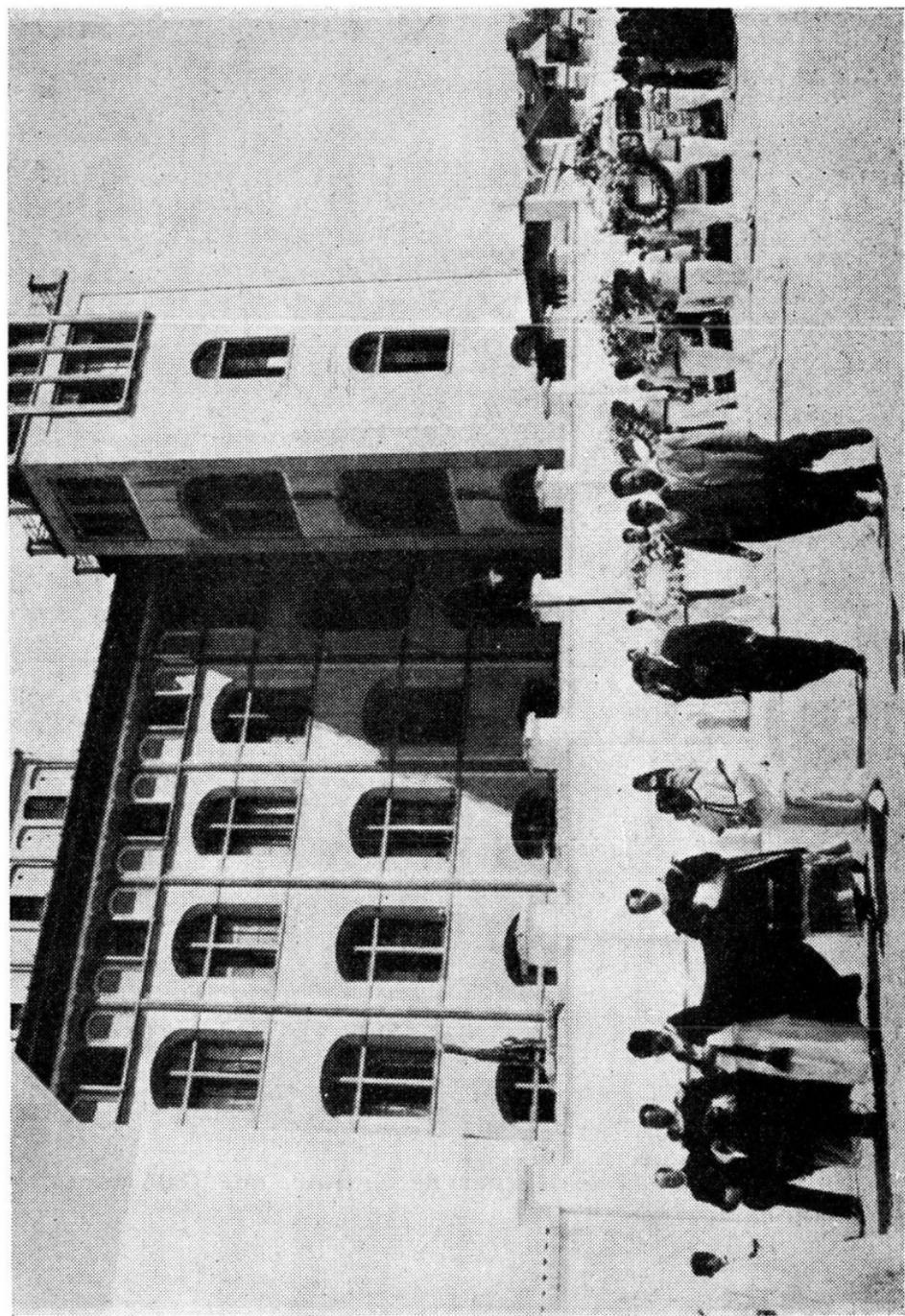
E foi no meio de júbilo indizível, na festa de encerramento a 21 de Julho de 1956, que os 25 alunos internos do curso industrial e 12 externos do comercial subiram ao palco para receber das mãos do Sr. Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, ilustre Subsecretário da Educação Nacional, o suspirado Diploma e carteira profissional. O dia era de triunfo justificado, pois um mestre competente, o Coadjutor salesiano senhor prof. Aquiles Marchetti, que há 30 anos trabalhava nas Escolas Profissionais — recebia a Comenda de grau de Cavaleiro da Ordem da Instrução Pública com que o Chefe do Estado o condecorava pelos seus serviços e méritos em prol da juventude operária.

O momento mais vibrante dessa festa, sempre lembrada com saudades e gratidão pelos antigos alunos, foi quando a mãe do Caló recebeu das mãos do mesmo ilustre membro do Governo, dois diplomas — o primeiro de comportamento e o segundo da aprendizagem.

(1) — José Fontoura.

Junto da urna, o Rev.mo Director das Oficinas de S. José e Director espiritual do Caló reza as orações do Ritual.





O funeral sai das Oficinas de S. José, que Caló tanto honrou.

«Eu sei que sofres com muita resignação. Ai do mundo, se não fosse os sofrimentos das almas virtuosas, já teria findado». (1)

Entre as cartas dos amigos, há um postal humorístico, que encerra um sentido maravilhoso:

Ao alto uma quadra:

«Sou grande atleta
Mas tenho azar,
Qualquer dia quebro a testa
Se não cair devagar...»

E vê-se então um menino, com o seu armamento de patinagem, cair e ficar todo envolvido pela neve... Aquele Fernando desportista, alegre, todo ele irradiando pureza nas suas orações, comunhões, apostolado, conversas e sorrisos, na sua jovialidade que mantinha mesmo na sua doença e na cruz, tem ali um símbolo jocoso, simpático, famos a dizer caracteristicamente salesiano...

gem completa com a carteira profissional. Este acto foi sublinhado com os mais frenéticos aplausos e geral comoção, segundo reza a crónica das Oficinas de S. José.

E como o Fernando, no seu leito de doente, se comoveu ao recebê-los das mãos da mãe: Recordo ainda os transportes de alegria e reconhecimento que lhe brotaram da alma: «Como os meus superiores são bons! Não sei como lhes pagar por mais estas finezas! Mas só posso rezar por eles! Ah! isso sim que farei e espero não me esquecer nunca».

Lembro ainda que na última visita que lhe fiz, me prometeu rezar muito pelas Oficinas, para que Nossa Senhora mandasse muitos benfeitores. Depois, como se

(1) — Domingos A. Valente. Aluno que frequentou as Oficinas e se fez salesiano.

E a mãe desvelada, lá estava frequentemente. Então o Fernando procurava aliviar a mágoa, a dor imensa do seu coração materno.

Quando ela soube do desastre, e angustiada veio vê-lo às Oficinas de S. José:

— Ó filho, podias ter-te matado! E que desgosto que a mãe não teria!

E logo ele:

— Olhe mãe, já passou. Isto não é nada! (1)

Agora, ela continua a levar-lhe frutas e presentes... Ele, já atormentado pelas dores de cabeça, sorri ainda e diz-lhe:

— A minha mãe pensa que eu sou sempre pequenino!

tivesse a ideia fixa, acrescentou: «Vou morrer em Agosto». — Porque dizes isso? — perguntei-lhe. — E sorrindo tornou: — «Porque é um mês de grandes festas de Nossa Senhora».

(1) — *Na crónica das Oficinas de S. José encontrámos, escritas pelo seu Director, as seguintes referências à entrada do Caló no Hospital e aos sentimentos que o animavam nos últimos dias da sua vida:*

«Fui chamado à pressa a casa da Sra. D. Benvida Andrade onde trabalhava a mãe do Caló e ele se encontrava também adoentado.

Tratei de tudo para o internar quanto antes, pois a doença agravara-se. Os seus pensamentos de então muito me impressionaram:

«Só me custa não poder sofrer sem gemer. A minha mãe padece muito ao ver-me assim, e isto muito mais me custa. Estou a ver que talvez não possa atingir o meu ideal, e nunca pensei tanto nem desejei tanto ser padre como nestes dias. Mas faça-se a vontade de Deus!» Animei-o a confiar em Deus e Nossa Senhora e a oferecer os sofrimentos pela conversão dos pecadores e salvação das almas. Foi então que me confidenciou:

O degrau para a glória

Poucos dias antes de ir para o hospital, o Fernando passeava no pátio, ou melhor, equilibrava-se, pois andava sempre ao seu lado algum companheiro.

Um colega, o Manuel Monteiro, pergunta-lhe:

— Ó Caló, e se morresses?

— Já estou preparado — foi a resposta serena e pronta daquele rapaz, que descobrira, na posse da graça de Deus, o segredo de viver contente e morrer tranquilo.

Em 17 de Agosto de 1955, escrevera ele a um companheiro em férias:

«Cá vou indo como Deus quer e estou satisfeito da

«Ofereci a minha vida pelo santo Padre, pelos sacrários, pelas vocações e para que não se cometam tantos pecados no colégio».

Ao despedir-me da dona de casa, a já mencionada Sra. D. Benvida, ouvi-lhe estas palavras: «É um rapaz excepcional. Creio que sofre muito mas nunca se queixa. Como é tão bom e piedoso, já lhe disse o ano passado que era mal empregue não ir para padre. Estou segura que daria um bom sacerdote».

Dia 18 — Crónica: «O que admira é o espírito de resignação e conformidade com a vontade de Deus. As suas palavras chocam profundamente».

Dia 24: — Recebe um crucifixo do P. Catequista, P. Marvão. «Mostrou-se sempre como antes muito resignado, oferecendo as dores e sofrimentos, que são muitos, a Nosso Senhor com espírito de vítima e zelo admiráveis. É um rapaz excepcional. Todos os alunos internos o acompanham, lembrando-se dele nas orações e conversas.»

Uma das intenções mais vivas das suas orações era rezar pelas vocações sacerdotais e religiosas. Nosso Se-

vida, como aliás não podia deixar de ser... Pego-te, não nos esqueças, a mim e aos outros teus companheiros nas tuas orações, para estarmos sempre com Deus no coração, e sobretudo na alma; e se Deus se dignar chamar-nos, estarmos sempre prontos a comparecer no seu divino Tribunal».

Os seus últimos dias de vida serviram para manifestar a grandeza da sua alma, a preocupação da sua virtude, o sonho celeste que o iluminava...

Vendo chegar uma vez a mãezinha junto de si, disse-lhe:

— Ainda bem que veio! Como me sinto feliz por tê-la junto de mim! Estou mal, muito mal. Mas o que mais me custa é não poder sofrer sem gemer. E depois a minha mãe sofre tanto ao ver-me sofrer... Isto aumenta-me as dores!... Sabe: nunca como agora, desde que estou na cama, senti tanto desejo de ser padre. Mas talvez Nosso Senhor não queira». (1)

— Coragem, Fernando! — Conforta-o a mãe.

— Creio que Nosso Senhor me vai levar...

Mas não eram só as dores que o faziam sofrer. A sua alma delicada e cristã chocava-se com o ambiente que o rodeava. Aos seus ouvidos chegavam palavras indignas. E ele, então:

— Grito alto ou coloco o ouvido sobre o travesseiro...

nhor parece ter abençoado naquele ano mais do que nos anteriores o Colégio, pois alguns alunos pediram o seu ingresso em diversos seminários diocesanos e religiosos.

(1) — Ao Director disse palavras idênticas.

Não as queria ouvir. Alguém julgava, diante daqueles gritos, que ele era duma sensibilidade exagerada...

É que a alma doía mais que o corpo, ao ouvir tais coisas. Por isso, pedia ao seu Director:

— Diga aos alunos que rezem, não para eu curar, mas para não adoecer... Compreendeu?

— Sim...

Estava então vivo na sua alma o grande propósito que copiara de Domingos Sávio: «Antes a morte que o pecado!».

Não queremos perder uma palavra deste depoimento do seu Director Espiritual:

«Lamento não ter escrito as impressões dos dias que o visitei no hospital... A serenidade, alegria, espírito de resignação, união com Deus — estava sempre a falar em Nosso Senhor e Nossa Senhora — impressionaram-me profundamente. A sua bela alma sofria ao ver-se num ambiente tão baixo, onde só se ouvia o palavrão. «Quando oiço alguém a proferir palavras feias, encosto o ouvido ao travesseiro e como não oiço bem com o outro, fico assim a rezar por eles. Às vezes até me apetece responder-lhes, mas como não tenho forças, calo-me».

«Creio que a sua estadia no hospital dava um capítulo dos mais luminosos da sua vida. Os doentes e enfermeiros estimavam-no muito, e falavam-me muito bem dele. Só tenho pena de não ter escrito tudo o que então me comoveu. Foi nessa altura que eu conheci melhor a beleza de alma desse meu aluno e que pensei que podia servir de modelo aos demais rapazes. Já lhe admirava o carácter, a piedade, o espírito de camaradagem e apostolado, a pureza e devoção a Nossa Senhora Auxiliadora, mas estava longe de pensar que ele tivesse progredido tanto na virtude e amor de Deus».

Foi assim, com o coração a vibrar de amor a Deus e à virtude, que o Fernando viu erguer-se sobre o Calvário uma quarta cruz — a que lhe estava reservada.

Os médicos não haviam feito ainda o verdadeiro diagnóstico. O seu estado agrava-se de minuto a minuto. Resolvem então fazer-lhe uma operação de urgência.

Eram 15 horas do dia 16 quando entra na sala de operações. Havia já comungado três vezes desde que entrara no hospital. Agora, o sacerdote que o acompanha, dá-lhe a absolvição.

Mas às 15,30 h., ao sair da sala, já a palidez da morte lhe cobre o rosto. O sacerdote dá-lhe a Extrema Unção apenas com uma unção na testa.

As 17,30 h. a cruz do Fernando ergue-se ao alto: é a morte. Mas, ao erguer-se, essa cruz tocou na porta do Paraíso! (1)

Para os corações puros, para as almas vítimas, a hora da morte é o degrau da Glória!

(1) — *Palavras escritas pelo seu Director, na crónica das Oficinas de S. José:*

«Quando pelas 17,30-18 horas do dia 26 a ambulância o trouxe para as Oficinas, um frêmito me perpassou pelo corpo ao ver o meu caro aluno sereno e ainda quente. Comovido, beijei-o na fronte com affecto e admiração.

E essa admiração expressei na circular aos alunos a dar-lhes a noticia, convidando-os a sufragar a sua alma e a assistir, se lhes fosse possível, ao funeral. «A noticia encher-vos-á de tristeza, mas certamente vos lembrará o aluno exemplar, o companheiro sempre leal, o rapaz alegre, vivo, um modelo invulgar de piedade, de applicação e de pureza.»

O Funeral

Da crónica das Oficinas de S. José de Lisboa, transcrevemos todo este capítulo:

Desde as 18,30 horas do dia 26 que a sala de visitas das Oficinas de S. José tinha sido transformada em câmara ardente. No meio da sala, a eça e sobre ela a urna que guardava os despojos sagrados do aluno salesiano das Oficinas de S. José, Fernando Caló.

Com a farda branca do Colégio, branca como a sua alma cândida, o Caló tinha um aspecto de suavidade e de ternura que era de admirar.

Dos seus lábios entreabertos fluia um sereno encanto das almas puras. Entre lírios, flores e perfumes repousava sereno: é que o Caló dormia o sono dos justos, dormia o sono eterno nas mãos do seu Jesus e da sua Mãe, a quem ele se entregara como vítima da expiação e de amor.

O dia 27 foi um dia de saudade! Mas estranho: estava-se bem junto de Caló. Nas almas havia qualquer coisa que consolava, que alegrava! É que em todos o conhecimento das suas virtudes, da sua candura, da sua exemplaridade, criava aquela alegria que só a fé justifica.

E a fé diz-nos que Deus nos ama e que recebe em seu seio a todos os que também o amam; mais: estreita contra o seu coração de Pai aqueles que mais O amam. E o Caló era daqueles que mais O amam.

O dia passou-se rápido, e a câmara ardente regorgitava de pessoas: eram alunos, antigos alunos, benfeitores e amigos, eram tantos, tantos que vinham prestar a sua homenagem ao Caló...

Mas o que se passava nos corações! Bem o sabemos aqueles que com o esforço e com a graça de Deus tivemos a dita de assistir: muitos ali lhe vieram encomendar os seus problemas, as suas dificuldades; muitos lhe tocavam as mãozinhas que apertavam um rosário e um crucifixo, os seus companheiros inseparáveis nos dias de hospital e de sofrimento, outros colocavam terços e lenços.

* * *

Ontem 18, pelas 10 horas, realizaram-se na capela as exéquias solenes pelo aluno salesiano Fernando Caló. Oficiou à Missa Solene cantada, o Director das Oficinas P. Armando da Costa Monteiro, acolitado pelos Rev.os P. Ernesto Barreiros e P. João de Deus. A capela estava cheia de alunos e antigos alunos da cidade e arredores e muitas pessoas amigas da Obra Salesiana.

Junto assistia resignada a mãe do falecido, e outras pessoas de família.

Após a missa organizou-se o funeral para o cemitério dos Prazeres. As bandeiras das Companhias Religiosas do Colégio levadas por alunos, abriram o cortejo.

Além do povo desta vizinhança acompanhou em silêncio o féretro até ao jazigo o Senhor Dr. Silva Dias, Director do Instituto de Assistência aos Menores como repre-

sentante do Ex.^{mo} Sr. Dr. Guilherme de Mello e Castro, Subsecretário do Estado de Assistência Social, que, tendo sabido do falecimento de aluno exemplar, profundamente comovido e admirado quis associar-se às derradeiras homenagens.

Acompanharam também o féretro o Rev. P. Agenor Vieira Pontes, Provincial dos Salesianos em Portugal, o Sr. Cónego Fernando Duarte, Dig.^{mo} Prior do Santo Condestável, P. Eugénio Magni — Director do Instituto Salesiano Missionário de Manique, P. Lázaro Augusto Luís com uma representação da casa salesiana do Estoril, P. Lourenço Galarati como representante da Casa Salesiana de Vila do Conde, D. Maria do Carmo Santos Lima, D. Beatriz de Viveiros Pereira, D. Maria Isabel Roquete, D. Maria Antonieta de Sá Carneiro, Mário Vito da Graça Vaz, Presidente Nacional dos Antigos Alunos, Luís da Cunha gerente da Gráfica Boa Nova e «Quadratim» com os seus operários, empregados da tipografia A. Pacheco, Luís Santiago da Cunha, secretário Nacional do Sindicato Nacional dos T. L. O. C. D. L., Superiora das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, etc.

Junto do jazigo, em nome dos companheiros, o aluno Fernando Coutinho de Almeida proferiu a seguinte saudação de adeus:

«Caló:

Vimos aqui, nós que fomos os teus companheiros, para te prestarmos esta derradeira homenagem e fazemo-lo antes que definitivamente te furtas aos nossos olhos mortais.

Ela será uma pálida imagem daquilo que na realidade te quiséramos dizer, porém, o momento não nos ajuda.

Neste lugar santo, onde a terra não cessa de se abrir para tragar e abater o orgulho humano, ou exaltar e elevar a virtude, sofrimento e humildade, lugar grave e

ascético onde impera o silêncio da morte, e onde todos são iguais no pó que os reveste, vais também tu dormir o sono eterno.

Dormir! Sim! Apenas descansar!

Porque não podem dormir os justos, e tu eras um justo. Não podem morrer os que timbraram na virtude, e tu exornaste-te dela. Não podem morrer os que sofreram, e tu provaste o cálix do sofrimento.

Não podem morrer os humildes e tu subiste na humildade.

Não podem morrer os que souberam viver e a tua vida foi uma escalada para as alturas.

E na hora da despedida, aqui estamos para te acenar, apenas acenar-te, e para te dizermos que estamos contigo e que admiramos e agradecemos o exemplo que nos deste.

E queremos admirar-te, quando connosco corrias des preocupado e alegre pelos pátios do Colégio.

Admirar-te! Quando junto ao altar falavas ao Senhor Admirar-te como colegial!

Admirar-te como Jocista! Admirar-te nos teus propósitos!

Admirar-te nos sofrimentos! Admirar-te para além da morte!

Admirar-te e agradecer-te porque oferecendo a tua vida pelo Papa, soubeste também oferecê-la por nós.

Continua, pois a pedir pela Igreja, pelo Santo Padre, pelos Superiores, por todos nós.

Obrigado, Caló!

Dorme, descansa no Senhor».

O Director despediu-se também publicamente e com visível comoção, do querido defunto, de que apontou os luminosos exemplos e as raras virtudes. Prometeu que a sua lembrança seria sempre entre os alunos do Colégio motivo para novas conquistas espirituais.

Comovidamente disse:

«Fernando:

Estão aqui juntos salesianos, antigos alunos, coope-

radores e amigos. Está a família Salesiana para te dar o derradeiro adeus. Neste cemitério fronteiro ao nosso, ao teu Colégio, aqui onde repoisam vários salesianos brevemente queremos desfolhar as últimas pétalas de saudade e dizer-te que a tua memória perdurará entre a mocidade bulhosa das Oficinas de S. José, que tu tanto amaste e honraste com o teu porte irrepreensível, o teu carácter nobre e decidido, a tua alegria contagiante, a tua piedade simples e seráfica, o teu amor terno à Eucaristia e à Virgem Auxiliadora, a tua ânsia insaciável de perfeição. Sim, Fernando Caló, os rapazes salesianos e até toda a juventude não te hão-de esquecer tão facilmente. Todas as manhãs e todas as noites, ao levantar e ao repousar, os teus companheiros, das janelas dos dormitórios saudar-te-ão e dar-te-ão os bons dias e as boas noites e prometerão seguir-te como modelo e guia na oficina e no estudo, na capela e no recreio, nos dormitórios e nos passeios.

A tua vida tão cheia, embora tenra, dir-nos-á que as gerações dos Domingos Sávios não acabaram, continuam por todo o mundo, que D. Bosco percorre em busca da juventude pobre e abandonada para a salvar.

O teu exemplo e as tuas palavras, hão-de calar profundamente na alma dos rapazes que te conheçam e que virão depois de ti aos colégios salesianos.

Obrigado, Fernando, pelas lições que nos deixas e que são o teu testamento. Parece-me que te oiço repetir o que deixaste escrito:

«Quero conservar a bela virtude (a pureza) e usar dos meios que me levam a isso. Jesus, com o teu auxílio divino quero levar esta virtude ao Teu Tribunal, sem a mais leve mancha».

A Eucaristia: «Também eu quero ser amigo e muito de Jesus. Aumentarei o meu amor para com Ele, indo muitas vezes a recebê-lo e depois pedir-lhe que me faça santo e não me deixe cair no pecado. Antes morrer que pecar.

Sim. A morte mas não o pecado».

Santidade: «eu quero caminhar no caminho do Céu. Contra o pecado eu quero ser como uma rocha, um leão e praticarei à risca os conselhos do Confessor. Jesus, quero

ouvir a tua voz, e dá-me vontade para ouvir e seguir os conselhos do meu confessor e do Director espiritual».

«Quero ser santo. Mas quero ser santo usando dos santos Sacramentos, Confissão e Comunhão, pensando nos meus novíssimos, na morte, no julgamento e odiando com ódio infinito o pecado. Quero ser santo segundo os conselhos do confessor e do Director espiritual. Quero ser santo seguindo a minha vocação. Quero ser santo desejando sempre «antes morrer que pecar».

Fernando, tu que ofereceste a vida pelo Santo Padre, pelos Sacrários, pelas vocações, e para que não cometam pecados no Colégio, tu que prometeste rezar sempre pelos pais, família, companheiros e amigos e pelas tuas Oficinas, lembra-te de nós junto de Deus, da Virgem Auxiliadora, de D. Bosco e de Domingos Sávio. No canteiro salesiano do Céu de que falaste nos últimos dias da tua vida terrena, prepara um lugar para todos nós que aqui nos viemos despedir de ti. Adeus».

Todos os que assistiram a estas comovedoras cerimónias voltaram com a suave impressão de terem acompanhado à derradeira morada um émulo de S. Domingos Sávio, pelas virtudes que nele tanto brilharam. (1)

(1) — *E a crónica encerra a descrição do funeral com estas palavras: «Não deve ter havido um cortejo fúnebre tão sentido interiormente, e tão profundamente comovedor.»*

No reino da Vida

Adão não creu no Autor da Vida, que o prevenira :

«Come de todas as árvores do Paraíso, mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque em qualquer dia que comeres dele, morrerás indubitavelmente» (Gen. II, 16, 17).

Adão não creu e desobedeceu. E foi condenado à morte. E sobre ele caiu a sentença. Sobre ele e a sua posteridade.

Todos os homens morrem. Mas com a morte começa para os justos a Vida.

Nesta biografia dum jovem de 17 anos, em que brilhavam virtudes e qualidades dum chefe, e escrita para jovens, quisemos dar um papel de relevo ao depoimento doutros jovens. E parece que, depois da vida, Fernando comanda ainda a melhor juventude, nesta cruzada e arremetida para um Mundo Melhor, em que ele figura, com direito, como pioneiro.

Pois serão ainda os jovens a falar dele, a testemunhar eloquentemente a irradiação das suas virtudes, do seu exemplo, das suas orações.

«Depois da sua morte, a sua lembrança tem-me aju-

dado alguma coisa, pelo menos a ir mais vezes à Sagrada Comunhão e a comportar-me melhor». (1)

«A sua morte causou a todos os que o conheceram grande tristeza. A mim tem-me ajudado a ser melhor o facto de pensar nele. Fiz propósitos de ser como ele é, mas às vezes tenho momentos de desânimo. Rezo todos os dias pelo eterno descanso da sua alma e se Deus já o tem no seu reino, peço-lhe que me ajude a ser como ele e imitar as suas virtudes...» (2)

«Depois da sua morte, o Caló tem-me ajudado bastante, principalmente no meu comportamento». (3)

«Tive a honra, o prazer de levar o seu caixão... Nunca na minha vida vi uma morte assim: pessoas que choravam, outras dando graças a Deus e implorando outras novas, tocavam terços e medalhas. Outros «roubavam» os lenços que estavam sobre o seu corpo para terem uma sua relíquia. Todos os colegas queriam ter uma lembrança dele e bem depressa tiveram os Superiores que tomar providências para ficarem com algumas. A procissão que foi do Colégio até ao cemitério foi para mim, repito, uma coisa nunca vista. Até eu, que sou difícil de fazer chorar, não consegui aguentar-me sem que também chorasse a sua morte... Quando doente, o seu poder de oração era ouvido por Deus e vou relatar um facto, que não digo que seja milagre, não, mas que foi verdade, isso foi, e graça especial. Tive de ir fazer exames à Escola de António Arroio onde ele estava matriculado. De todos os exa-

(1) — *Manuel S. Rebelo*

(2) — *José Fontoura*

(3) — *Francisco Carreira.*

mes, o que eu tinha mais medo era o de Algebra, que me atormentava a cabeça, pois naquilo de matemática nunca fui bom.

O certo é que antes de ir para o exame, certo de que o Caló era um santo, fui ter com ele e pedi-lhe quase a medo:

— Ó Caló, olha que eu tenho de fazer exame de Algebra e estou «à rasca» com aquilo. És capaz de rezar para que eu fique bem?

— Sou, pois. A que horas fazes o exame?

— Parece que é pelas seis.

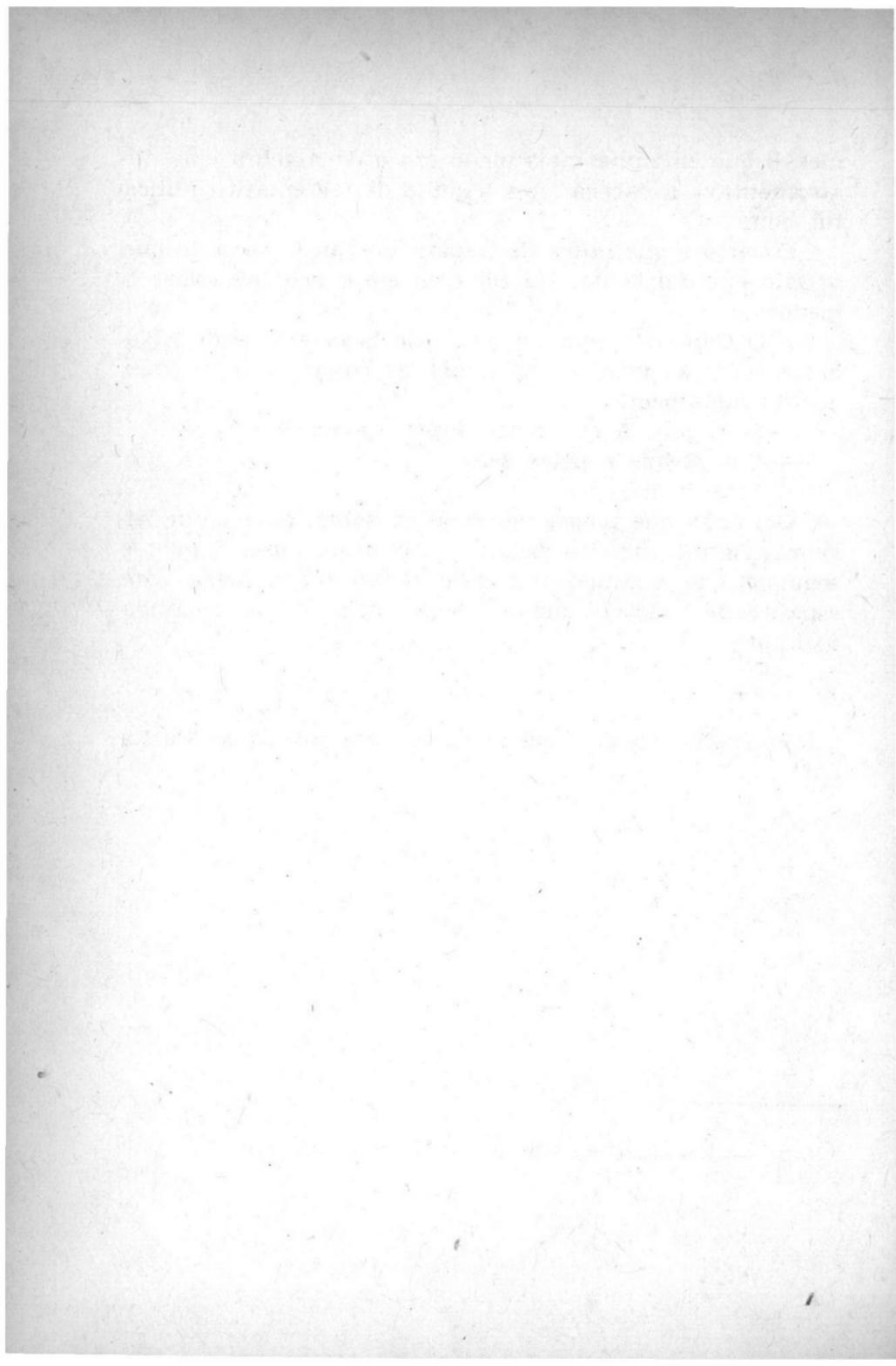
— Está bem.

Confesso que pouca matemática sabia, ou melhor Algebra; fiz do primeiro exercício até ao último... O que se segue é que apanhei um dezoito em matemática com espanto de todos os meus colegas, pois só um apanhou dezanove. (1)

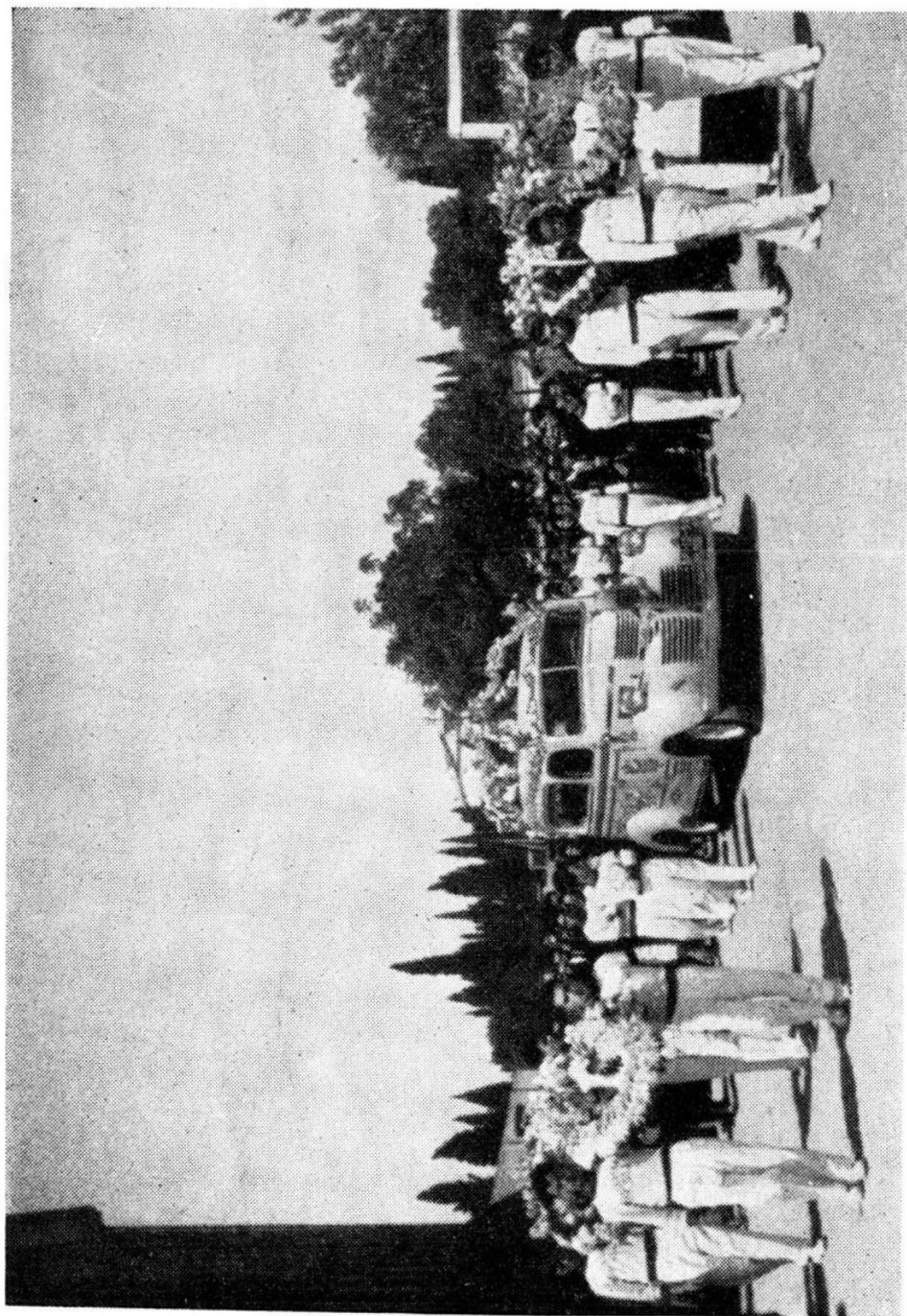
.....

Fernando, lá do Céu, lembra-te dos jovens de Portugal!

(1) — Manuel C. R. Monteiro.

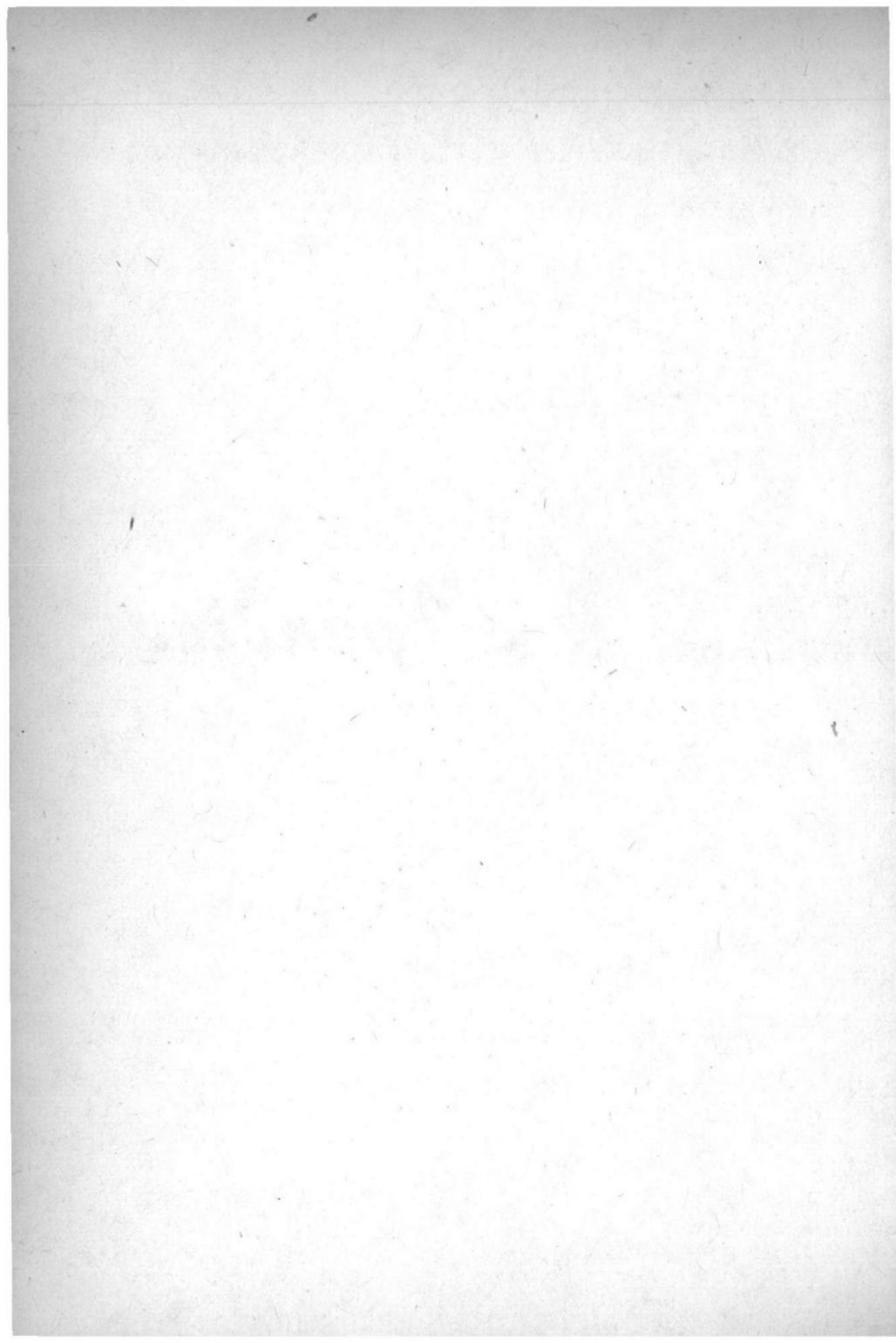


O funeral transformou-se em parada de afecto e de saudade.



Apêndice

161



I

Que são as Companhias da Juventude Salesiana?

«As Companhias são um sistema de Associações, estabelecidas por S. João Bosco, ordenadas e adaptadas à idade, desenvolvimento físico, capacidade intelectual e às categorias de alunos dos colégios salesianos, com o fim de lhes dar uma formação mais sólida, mais pessoal e especializada, mediante uma colaboração espontânea e activa entre o educando e o educador salesiano, no clima e espírito do sistema preventivo» conforme as define magnificamente a Revista «Companhias» edição italiana n.º 3, pág. 30.

Como se deduz desta definição, o seu fim primacial é a formação cristã e apostólica dos membros e a sua cooperação no bom andamento do colégio. Deseja-se ao mesmo tempo suscitar vocações e preparar bons dirigentes da Acção Católica, e das Associações post-escolares Salesianas, como os Antigos alunos.

São quatro as Companhias da Juventude Salesiana: S. Luís, S. José, SS. Sacramento, com a secção dos meninos do coro ou clero infantil, e Imaculada Conceição.

Há entre elas uma graduação dada pela perfeição espiritual dos sócios, unida à idade, conforme os estudos que frequentam. Os melhores alunos do colégio, entre os maiores, fazem parte da Companhia da Imaculada, fundada por S. Domingos Sávio. S. João

Bosco considerava-a a sua «guarda imperial» ou sagrada milícia de adolescentes apóstolos. O apostolado deve ser a característica particular dos seus membros.

A Companhia do SS. Sacramento, com o clero infantil, tem a missão de enamorar os jovens de meia idade escolar no amor à SS.ma Eucaristia e ao decoro das funções sagradas.

À de S. José, formada pelos jovens aprendizes que aspiram a ser operários católicos e a militar ardorosamente por Deus e pela Igreja, santificando o trabalho, a exemplo do Patriarca de Nazaré, compete a sólida formação de operários cristãos.

A última na graduação e a primeira que abraçam à entrada na escola salesiana é a de S. Luís. Nela se inscrevem os alunos mais pequenos, tomando por modelo e protector S. Luís, que lhes aponta como meta a pureza.

A todas elas são propostos três ideais: piedade, pureza e apostolado.

O grande apóstolo da juventude promoveu com muita solicitude essas Associações juvenis, que chama «chave da piedade, salvaguarda da moralidade, sustentáculo das vocações eclesiásticas e religiosas» (M. B., vol. XII, pág. 26).

Todos os seus sucessores as consideraram sempre a melhor escola de formação humana e religiosa salesiana. «É uma actividade necessária na vida do colégio, tão importante como qualquer aula ou oficina para a educação cristã e social dos melhores jovens, palestra de apostolado vivo e moderno, rico de serenidade e alegria condescendente com todas as necessidades e a todas as instâncias sãs da nossa juventude» (P. Renato Ziggiotti — Superior Geral).

São elas «o índice e o sustentáculo do fervor religioso, o instrumento mais apto na mão dos superiores para alcançar o amor ao estudo, à disciplina, ao trabalho, à prática do sistema preventivo salesiano, e a palestra onde se podem preparar os católicos militares de amanhã». Por isso afirmou o grande Papa Pio XI ao 4.º Sucessor P. Pedro Ricaldone que as Companhias «darão sempre os melhores elementos para robustecer as fileiras da Acção Católica» («Le Compagnie» n.º 3.º, 22).

Vimos como o influxo destas Companhias penetrou na alma do Caló e o fez ardoroso e apostólico como os melhores alunos de S. João Bosco.

Uma embaixada singular à Cova da Iria

Desde o início das obras do pavilhão para a oficina de mecânica e electricidade e marcenaria prometera o Director levar os alunos em peregrinação a Fátima, se o seu comportamento não deixasse a desejar e se a divina Providência enviasse esmolas generosas para ir cobrindo as despesas.

A promessa realizou-se apenas por ocasião da Peregrinação anual dos Devotos de Nossa Senhora Auxiliadora.

No mês de Fevereiro teve a inspiração de levar à Cova da Iria somente os melhores alunos escolhidos como tais pelos seus companheiros. Queria assim aquilatar o espírito de seriedade que reinava entre eles.

Entra no estudo grande. Distribui a todos um papel branco. Perante a surpresa geral e a pergunta de alguns, explicou-lhes o pensamento dos superiores: «Como sabeis, a nossa casa está sobrecarregada de dívidas. Os alunos são muitos e pagam muito pouco. Os encargos são enormes e as obras das novas oficinas sorvem imenso dinheiro. Graças à Providência divina e à Virgem Auxiliadora algumas pessoas generosas iam aparecendo, mas não chegavam para cobrir as despesas. Era preciso fazer mais violência ao céu. E então pensaram em mandar a Fátima uma pequena embaixada: um grupo de alunos das três turmas dos internos e externos: Maiores, médios e pequenos. Mas os privilegiados deviam ser escolhidos por eles com voto secreto. «Não se tratava — disse-lhes — de escrever o melhor nos estudos, ou nas oficinas ou no jogo ou teatro ou mesmo só no comportamento. Mas sim aqueles que na opinião dos alunos os podiam e deviam representar bem, diante do altar de Nossa Senhora na Capelinha das Aparições. Iriam agradecer os benefícios recebidos, rezar pelos benfeitores e implorar instantemente novas graças para a Santa Igreja, para Portugal e para o Colégio que se encontrava em fortes apuros.

Apelou depois para a consciência de todos para não se deixarem levar das simpatias pessoais.

— Levantou-se então um dos maiores, o Manuel Dias, e sorrindo disse: «Mas depois os superiores naturalmente mandam outros e não os que nós escrevemos».

— Podeis estar seguros — respondeu o Director — que sereis vós e só vós a decidir. Só vos peço seriedade, espírito de responsabilidade e elevação na escolha. — Pois bem, o premiado n.º 1 entre a turma dos maiores foi o nosso Caló com 24 votos sobre uns 40; e o segundo já citado no diálogo com o Reitor Mor.

Merece uma palavra a mais esta embaixada singular de 9 alunos a Fátima. O dia estava chuvoso e carrancudo. A viagem foi cheia de precalços. Guiava a furgoneta o coadjutor salesiano Sr. Elias de Jesus. Reinou a maior alegria durante todo o percurso: rezaram e cantaram com entusiasmo. O superior celebrou Missa já depois do meio-dia na Capelinha das Aparições. Todos se abeiraram da Sagrada Mesa com fervor e ficaram largo tempo em oração a fazer os seus pedidos à terníssima Mãe de Deus, Auxiliadora dos Cristãos e Padroeira de Portugal. Como Nossa Senhora devia olhar com complacência para filhos tão devotos!

Pelas 15 horas regressaram radiantes de alegria. Mas no caminho os contratempos aumentaram. Parece que o demónio estava raivoso com eles e queria pregar-lhes uma partida. A furgoneta começou a avariar-se e parou por diversas vezes. E não houve remédio senão empurrá-la, sobretudo nas subidas. E assim foram desde a aldeia de Cheganças até Alenquer onde a arranjaram numa auto-recolha.

O contratempo do carro e o mau tempo não esmoreceram o bom humor geral. — Tem graça — disse um — : «Foi mesmo em Cheganças que foi preciso «chegar» empurrões. O mafarrico não está contente connosco — acrescentava outro — Aqui é que se vêem os valentes e fortes — tornava um terceiro — . Com este andar nem amanhã por esta hora estamos em Lisboa — interrompia um quarto. — Fraco Golias és tu!

E foi preciso paciência e resignação. Mas nem palavras de aborrecimento se ouviam. Apesar do conserto que obrigou a desembolsar 100\$00 a pobre Goliat não foi mais feliz. Apenas conseguiram chegar a Vila Franca onde tomaram o combóio das onze horas da noite deixando aí a furgoneta. E só pela meia-noite chegaram às Oficinas de S. José onde já eram esperados com ansiedade.

Foi um dia que jamais esqueceram esses bravos rapazes. E

a crónica das Escolas Profissionais Salesianas podia escrever no dia imediato dedicado à comemoração de Nossa Senhora Auxiliadora mais uma graça da Virgem Santíssima atraída pela piedade, fervor e candura desses ardorosos alunos.

Era um cheque de 57.213\$00 que a bondosa filha da dedicada Cooperadora Senhora D. Maria do Carmo Santos Lima, a menina Maria João Santos Lima, oferecera de manhã e que foi tirar de apuros o administrador das Oficinas de S. José.

III

Algumas comemorações e factos

Um colégio, principalmente o internato, deve procurar na alegria expansiva e sã da juventude uma das maiores fontes de atracção e formação. Foi esse um dos segredos de S. João Bosco. São os jogos, festas e comemorações que mais prendem e despertam o entusiasmo das almas juvenis.

Durante os anos em que o Fernando Caló foi aluno das Oficinas de S. José, além das solenidades regulamentares, alguns factos e comemorações houve que fizeram vibrar os jovens de modo excepcional, como a visita de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira a 19 de Março de 1953; os festejos centenários das Escolas Profissionais Salesianas em Maio desse ano; e a grande exposição no Secretariado Nacional da Informação em Julho de 1954; e sobretudo as do 50.º aniversário da Instituição, em Março-Maio de 1956. Vamos aludir aqui mais pormenorizadamente a dois acontecimentos, por terem influido fortemente na alma do Caló: o 1.º centenário das Companhias da Juventude Salesiana, e a visita do 5.º Sucessor de D. Bosco. Foi o ambiente de à vontade dum e o afecto do outro que o entusiasmaram mais e mais no cumprimento do dever.

A) O 1.º CENTENÁRIO DAS COMPANHIAS DA JUVENTUDE SALESIANA, celebrado num pequeno congresso nos dias 28, 29 e 30 de Janeiro de 1953 e coroado com a festa de D. Bosco

a 31. Focaram-se temas de interesse geral na formação dos jovens: as Companhias e a disciplina; a piedade, o desporto, a pureza, o apostolado, D. Bosco, precursor da Acção Católica, e os Guias e modelos na vida. A sessão de encerramento presidiu o Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Domingos da Apresentação Fernandes, bispo eleito Auxiliar de Aveiro e que representou o Senhor Arcebispo de Mitilene, o qual se manifestou profundamente satisfeito pelo ambiente que lhe fora dado verificar e se congratulou com o bom êxito do Congresso.

A fechar o resumo das sessões, um correspondente especial do jornal «A VOZ», de 31 de Janeiro de 1953, assim relata as suas impressões: «Quem escreve estas linhas foi, durante dez anos consecutivos, aluno interno de um colégio, onde não se descurava a educação moral e religiosa dos educandos. Lembramo-nos ainda dos nossos tempos de meninos em que tudo era motivo para brincadeira, desatenção e algazarra. Admirou-nos pois que um punhado grande de rapazes ainda pequenos, reunidos num ginásio, estivessem, sem coacção, atentos aos assuntos, alguns de grande elevação, que aqui foram tratados. E mais: as perguntas que alguns deles fizeram, revelam que os alunos das Oficinas de S. José levam uma intensa vida espiritual, que não é corrente nem vulgar encontrar-se em nossos dias e em rapazes de tão tenra idade.

Tanto as perguntas como as respostas apresentadas pelos alunos, envolvem um significado transcendente que honra sobremaneira os educadores salesianos que, ao prepararem os rapazes para a vida, os encaminham também para Deus, fim último dos homens e de todas as coisas».

B) A VISITA DO 5.º SUCESSOR DE D. BOSCO

De 22 a 29 de Outubro de 1953 a Província Salesiana Portuguesa viveu momentos de regozijo e entusiasmo indescritível com a honrosa visita do venerando Superior Geral D. Renato Ziggotti, 5.º Sucessor de D. Bosco.

As Oficinas de S. José foram as que mais gozaram e viveram da sua irradiante simpatia e inesquecível presença. Os alunos, como os Salesianos e Cooperadores, não o puderam esquecer mais, tanto foi o afecto e dedicação que lhes demonstrou. O Fernando foi dos que mais se entusiasmou, e marca dessa altura o seu primeiro passo decisivo.

Recortamos algumas frases do ilustre Superior, dirigidas então aos alunos:

«Sois privilegiados de Maria SS. Procurai cultivar nas vossas almas o amor a esta boa Mãe, — e aqui o venerando Superior pôs todo o seu entusiasmo. — Procurai viver o espírito cristão que aqui recebeis. Os Salesianos, ajudados pelos beneméritos Cooperadores, aqui presentes, aos quais expresso o meu muito obrigado, querem preparar-vos para o dia de amanhã, para honrardes a vossa Pátria e serdes dignos imitadores dos Portugueses de outros tempos. Os vossos antepassados levaram por toda a parte a fé e implantaram-na sobretudo nas praias do Ocidente onde fundaram uma grande nação».

Depois da sessão solene que lhe foi dedicada, dirigiu a todos os presentes estas belíssimas palavras: «Destes-me a belíssima consolação de benzer esta bandeira; ela representa o ideal que sêguis — o do apostolado das Companhias. Mostrastes-mo nesse grupo de briosos rapazes que aqui vieram, os quais se propõem imitar Domingos Sávio. Esta bandeira é a que vos une a Turim e a todo o mundo salesiano. Sede soldados corajosos, sereis um dia merecedores do prémio.

«A segunda consolação que me destes, foi a das vossas orações. Nelas admirei o elevado número de jaculatórias, mas agradaram-me sobremaneira os vossos sacrifícios. Com isto demonstrastes que imitais os pastorinhos de Fátima. Assim vos tornareis homens aptos para a vida, porque desde agora vos habituais a triunfar de todos os obstáculos».

No dia 24 de manhã percorreu demoradamente todas as oficinas, congratulando-se com os Superiores e Mestres pelo trabalho que desenvolviam em prol de tanta juventude pobre e desamparada, adestrando-a para as lutas da vida. Ao certificar-se dos mil e duzentos e mais pedidos que são recusados todos os anos, o Rev.mo Superior Geral não se conteve: «É preciso ampliar quanto antes a obra. Os inúmeros pedidos são prova evidente de que Deus o quer».

Vimo-lo numa fotografia junto do Caló, todo concentrado no trabalho de compositor.

O autógrafo deixado aos rapazes salesianos de Lisboa dizia assim: «Caros filhos: Ao deixar-vos para regressar a Turim, recomendo-vos:

1.º — Amai e recomendai-vos a Maria SS. Auxiliadora, Vossa Mãe.

2.º — Sede amigos e imitadores do Beato Domingos Sávio e dos pastorinhos de Fátima no amor à pureza e ao cumprimento do dever.

3.º — Pensai em formar-vos bons cristãos, antes do que aprender bem a vossa arte. Rezai por mim.

Vosso amigo

P. Renato Ziggiotti

29 de Outubro de 1953.

Parece que o nosso Caló, sempre irrequieto e vivo, foi sacudido por estas lembranças explicadas depois pelos superiores. Lançou-se então com mais ardor à prática do regulamento que lhe impunha de quando em quando sacrifícios à sua natural expansão nas horas de trabalho e silêncio. Este esforço hão-de notá-lo não só os seus educadores mas até os próprios companheiros. E não terminará o ano lectivo 1953-54 sem dar mais um passo em frente na vida espiritual, iniciada pelo seu confessor.

Ao despedir-se de Portugal o 5.º Sucessor de D. Bosco, cheio de gratas impressões pela piedade e sentido de responsabilidade dos alunos, confidenciou ao Director das Oficinas de S. José de Lisboa que ia comovido com o que um aluno de 17 anos ⁽¹⁾ pedira: «Senhor Padre Ziggiotti, reze por mim diante do altar de Nossa Senhora em Turim, para eu ser outro Domingos Sávio».

Os propósitos do nosso Caló, mais novo e mais traquina do que esse, não teriam sensibilizado menos o coração bondoso do Venerando Superior Geral dos Salesianos.

(1) O jovem fez-se mais tarde Coadjutor Salesiano.

IV

*Transcrevemos do «Juvenil», de Outubro de 1959, o
que segue:*

Fernando Caló

Graças recebidas?

SALVADA, 14 de Setembro de 1959

Rev.mo Superior:

Pela primeira vez me dirijo a V. Rev.cia, o que peço desculpa pela ousadia da minha parte. Reverência, vou contar-lhe um caso que há um ano prometi e que tanto me pesa no coração; por isso vou despejar tamanho peso que sinto.

Foi no ano lectivo do ano passado que eu conheci o Fernando Caló. Um Senhor que foi Salesiano e está agora no Seminário falou-me dele. Mas um colega, que andava nas Oficinas de S. José e veio para o Seminário, deu-me então a conhecê-lo, pois era colega do Caló. Muito gostava de o ouvir falar dele. Esse bom rapaz já saiu e creio que já voltou às mesmas Oficinas. Deu-me ele uma revista «JUVENTUDE SALESIANA» que trazia o Caló.

Então eu falava em minha casa desse Caló e contava o que sabia dele. Meu irmão um dia disse-me, a uma resposta minha, que o «santinho» que mais gostava era do Caló. Passado tempo adoeceu meu irmão Rogério, a quem chamam «Gero». Adoeceu com umas fortes dores de ouvidos, muita tosse e dor de cabeça. Seus olhos pareciam, como nunca os tinha visto, roxos. Dores atrozes que o faziam sofrer muito. Depois da nossa lição, eu sozinho recorri ao Caló que se ele não tossisse e lhe passasse logo nessa noite a tosse, eu mandaria para V. Rev.cia esta graça e que se quisesse a publicaria na «JUVENTUDE SALESIANA». Deitei-o e depois deitei-me também eu. Só Deus sabe como passei. Durante a noite vigiava-o ao longe. Logo ao deitar tossiu, num espaço de quinze minutos, três vezes enquanto eu rezava ao Calózinho. Depois deixou-se dormir sem que a forte tosse lhe viesse e a dor dos ouvidos também. Ora eu fiquei de escrever a V. Rev.cia mas depois regressi ao Seminário com este peso de lhe escrever. Foi então nesse regresso que comecei a receber graças do Caló. Revistas oferecidas com ele, rapazes que me falavam e até um retrato com ele. Neste princípio de ano lectivo conheci um antigo colega dele. Mas recebi uma carta de minha mãe que me dizia que o meu «Gero» estava muito fraco e mal encarado. Pouco depois minha mãe comunicava-me que tinha adoecido com uma tuberculose pulmonar. Ainda estava em princípio e tinha, por isso, cura. Então, Rev. Padre, esmoreci com o Caló! Dois meses depois regressi para casa em férias. Não o via nada melhor. Estava gordo mas das injecções. Todas as semanas ia a Beja ver se estava melhor, e nada. Então, um dia, foi, ainda me lembro, na quarta-feira, e eu disse ao Caló:

— Olha, escreverei se ele agora vier curado, com a resposta da chapa de que estava curado. — Passou-se o dia, e à tarde: a chapa tinha-lhe dado resultado bom, e o médico depois de verificar, disse que estava já curado. Nem calcula a minha satisfação, Rev. Padre. Regressei ao Seminário, para o segundo período. Então eu disse de novo ao Caló:

— Olha, Caló querido, já agora faz com que ele não perca o ano, e eu comunicarei estas graças todas e vejo que és tu que queres. Vim para férias de novo e dei um retrato do Caló ao meu irmãozinho e disse-lhe que lhe rezasse. Nesta altura a professora disse-me que ele estava muito atrasado. Era preciso ele estudar muito. Graças a Deus sem ele estudar muito, porque assim diz minha mãe, que ele o que queria era brincar, na repetição da

matéria conseguiu equilibrar-se e ir a exame e fazê-lo muito bem, levando tudo certo e fazendo-o como nenhum, ou melhor, um dos melhores exames. Agora estou em férias. A minha pouca fé levava-me a não escrever, embora rezando sempre ao Caló pelo meu «Gero». Meu irmão adoce-me quase como dantes: fraco, doente, com tosse e gripe e nada comia com vontade. Dois dias passaram e então vendo-o na cama a sofrer, à noite prometi ao Caló escrever para V. Rev.cia se concordava em publicar ou não estas graças, caso ele curasse. Tinha de média nos dois dias 38,3 de febre. À noite, fazendo a minha oração ao Caló dei-me. No outro dia — há precisamente oito dias — fui ver-lhe a febre, porque ele já se queria levantar, e tinha 36 de febre. Como remédio, foi esfregado com álcool e tomou nos dois dias 2 comprimidos de sulfatiazol. Nesse dia levantou-se da cama e agora já anda a brincar e cantar. Conta de idade 10 anos. Eu para sempre ficarei com tais graças, que considero milagres, gravadas no coração, e serei sempre, pelo menos procurarei sê-lo, imitador do Caló para um dia chegar ao eterno Paraíso e lá agradecer-lhe melhor.

Muito agradeço a V. Rev.cia e agora já me sinto tranquilo, e vou começar outro ano lectivo, esperando receber, como tantas vezes, muitas graças dele que, se fossem contadas, fariam pouco de mim e que por isso procurarei só contá-las ao meu Jesus.

Sem mais, muito lhe agradeço, e peço licença para o cumprimentar e peço a V. Rev.cia a sua Benção Sacerdotal.

Em Cristo e Maria

MANUEL LAMPREIA

* * *

Duma carta do Rev.mo P. Armando Monteiro transcrevemos: «Várias pessoas de família do Caló que nunca se tinham abeirado dos Sacramentos, confessaram-se e comungaram pela primeira vez logo após a sua morte...

«Quando morreu, o administrador das Oficinas de S. José disse-lhe: — Ó Fernando, se estás no Céu, como prova, faz com que amanhã nos venham mais de 10 contos, pois temos de pagar uma factura nesse valor.»

«Eram 15 horas do dia 27 de Julho, uma benfeitora telefonou-me. Tinha muita urgência de me falar... — Minha Senho-

ra, estou muito ocupado. Não poderá ser noutra dia? — Eu não demoro nada. — Pois então, venha. — E entregou ao Director 20.000\$00. Só depois é que soube o que o Padre Administrador tinha pedido ao Caló.

«Recordo também que, durante a sua última doença, o Caló me dizia com candura: — Quando eu estiver no Céu, hei-de pedir muito a Nossa Senhora pelas Oficinas de S. José. Que mande muitos «quilos» para pagar as dívidas e adiantar as obras.

«Salvo erro, dia 28 ou 30 de Julho eram as Oficinas de S. José contempladas com um subsídio extraordinário de 100.000\$00, dados pela Assistência. E em Agosto e Setembro novas verbas entraram. Era também em Fernando Caló que eu pensava, quando me entravam essas migalhas pela porta dentro».

* * *

No dia 9 de Agosto de 1959, foi inaugurado no Porto com a assistência do Ex.mo Senhor Dr. Eurico Serra, Director Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, Salesianos, amigos e benfeitores o «LAR FERNANDO CALÓ», destinado a antigos alunos salesianos.

Este facto, ao mesmo tempo que glorifica o nome de Caló, é um ensinamento perene das suas virtudes a todos aqueles que podem legitimamente ufanar-se de serem seus colegas.

.....

AVE, MARIA!

ÍNDICE

Palavras de apresentação	9
Em vez de prefácio, um ramo de flores	13

I PARTE

UM RAPAZ COMO OS OUTROS

Os primeiros anos de Fernando	27
Nas Oficinas de S. José, de Lisboa	35
Ponta-esquerda	45

II PARTE

ASCENSÃO

O Arranco	63
O diário espiritual... ..	81
Apostolado	89
A virtude dos fortes	109
Sob o cetro da Auxiliadora	117
O sonho doirado	127

III PARTE

HEROÍSMO

A caminho do Calvário	133
O desastre	137
O degrau para a glória	147
O funeral	151
No reino da vida	157

APÊNDICE

Que são as Companhias da Juventude Salesiana	163
Uma embaixada singular à Cova da Iria	165
Algumas comemorações e feitos	167
Graças recebidas?	171

ERRATA

Confiamos à benevolência do leitor todos os erros que encontre.

Na paginação do livro, alguns capítulos da II Parte ficaram enquadrados na III Parte, defeito que se corrigiu no índice.